



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

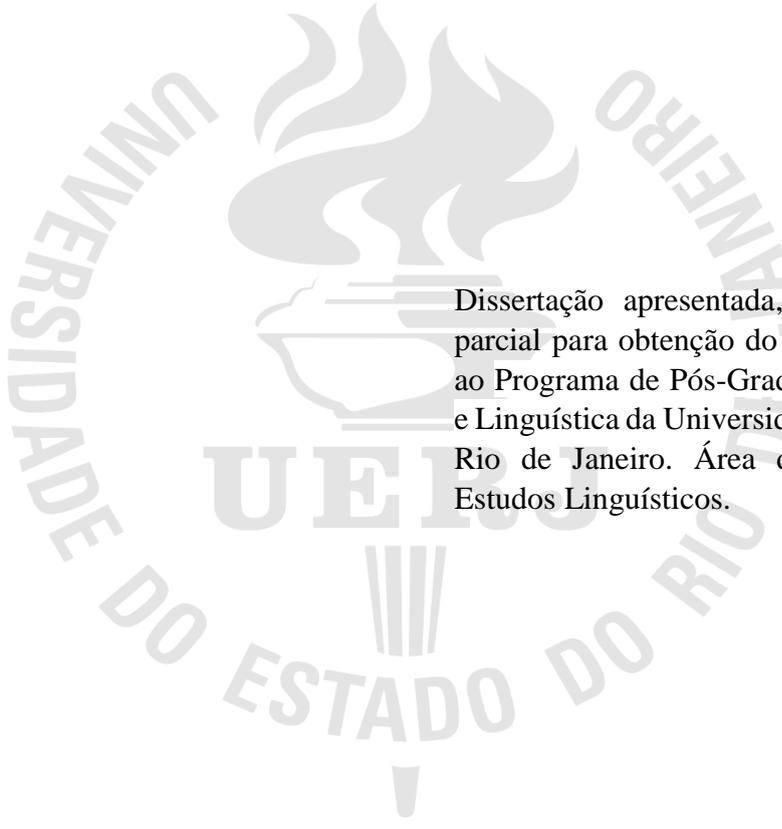
Marcela Maria Almeida Silva

**Da “gripezinha” ao projeto bolsonarista de poder: uma análise cartográfica
do discurso necropolítico do ex-presidente Jair Bolsonaro, de 2020 a 2022**

São Gonçalo
2024

Marcela Maria Almeida Silva

Da “gripezinha” ao projeto bolsonarista de poder: uma análise cartográfica do discurso necropolítico do ex-presidente Jair Bolsonaro, de 2020 a 2022



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues
Coorientadora: Prof. Dra. Thatiana Muylaert Siqueira Menezes

São Gonçalo
2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH

S586 SILVA, Marcela Maria Almeida
TESE Da “gripezinha” ao projeto bolsonarista de poder: uma análise cartográfica do discurso necropolítico do ex-presidente Jair Bolsonaro, de 2020 a 2022/ Marcela Maria Almeida Silva. - 2024.
139f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues
Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística) –
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de
Professores.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Políticas – Brasil – Teses I. Rodrigues,
Bruno Rêgo Deusdará. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB7 – 6993

CDU 82.085

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Marcela Maria Almeida Silva

**Da “gripezinha” ao projeto bolsonarista de poder: uma análise cartográfica
do discurso necropolítico do ex-presidente Jair Bolsonaro, de 2020 a 2022**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 08 de julho de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues (Orientador)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Victoria Wilson da Costa Coelho
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Pedro de Souza
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Iniciado em um tempo de grande angústia diante do cenário devastador determinado pela pandemia e pela necropolítica bolsonarista, a presente pesquisa não teria chegado a termo sem o apoio e o carinho de tantas pessoas que me encorajaram a seguir em frente.

Agradeço à minha família, especialmente, à minha filha, Maria Rosa, que me inspira todos os dias a lutar por uma sociedade mais justa e igualitária para todos, e a Ricardo, pelo apoio e incentivo. Sou grata à minha avó, Maria da Glória (in memoriam), a mulher mais forte que conheci, pelo exemplo de vida que me inspira e me guia cotidianamente.

Minha gratidão aos queridos professores do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Formação de Professores (PPLIN/FFP-UERJ), cujas disciplinas e aulas ministradas tanto contribuíram para a minha formação.

Também sou grata aos meus colegas de programa, especialmente à minha colega de turma, Vanessa Viégas, que dividiu comigo as dificuldades e as alegrias dessa jornada, e aos colegas do grupo de pesquisa, particularmente aos amigos Pilar Cordeiro, Isabella Amaral, Barbara Oliveira, Estevão Freixo e Valteir Carneiro pelas conversas, leituras, sugestões e parcerias nas cartografias do dia a dia da pesquisa.

Agradeço a todos os meus amigos, especialmente Claudia Pessi, Pedro Mara e Marcella Mendonça, que estiveram sempre ao meu lado, contribuindo para que houvesse leveza nesse processo; gratidão eterna aos meus companheiros de organização, Resistência-PSOL, e de sindicato, SEPE-RJ, de modo particular os camaradas da Luta Educadora (Chapa 3), pelo aprendizado diário que alimenta a luta por direitos e por um outro modelo de sociedade. Foi Andréa Peçanha, minha amiga e companheira de partido e de sindicato, que me procurou, falou sobre o programa de mestrado e disse, mesmo a poucos dias do fechamento das inscrições: “você consegue”. Nossos companheiros de luta e militância nunca soltam nossas mãos.

Sou grata, ainda, ao meu orientador, Prof. Dr. Bruno Deusdará, pelo acompanhamento e pela compreensão nos momentos difíceis, e à minha querida coorientadora e amiga, Prof. Dra. Thatiana Muylaert, pelo senso de humanidade e por todo o apoio no percurso.

Finalmente, agradeço à Prof. Dra. Victoria Wilson e ao Prof. Dr. Pedro Souza por seus comentários valiosos nas bancas de qualificação e defesa. Estou certa de que tais comentários contribuíram de forma significativa para que o texto final da pesquisa tenha se tornado efetivamente melhor.

RESUMO

SILVA, Marcela Maria Almeida. *Da “gripezinha” ao projeto bolsonarista de poder: uma análise cartográfica do discurso necropolítico do ex-presidente Jair Bolsonaro, de 2020 a 2022*. 2024. 139f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

Debruçando-se sobre um *cópus* linguístico produzido a partir de declarações públicas e comentários do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, reproduzidos em *sites* de jornais de grande circulação no país, entre o período da pandemia de COVID-19 e o período pós-eleitoral de 2022, a presente pesquisa procurou analisar, fundamentada pela Análise Cartográfica do Discurso (Deusdará; Rocha, 2021), de que maneira o discurso de Bolsonaro construiu um projeto necropolítico de poder (Mbembe, 2018), pautado, simultaneamente, por um ideário neofascista e pelo alinhamento aos interesses do grande capital. Situado no cenário político nacional como amálgama de uma diversidade de agrupamentos de direita e de extrema direita, o bolsonarismo encarnou um projeto político de caráter reacionário e ultraneoliberal, sendo capaz, ainda, apesar da derrota eleitoral de 2022, de mobilizar uma ampla base social em defesa de seu ideário. Figura central dessa coalizão regressiva, Jair Bolsonaro, presidente do Brasil de 2019 a 2022, alimentou e promoveu, através de práticas languageiras diversas, a massificação do eixo ideológico que alimenta o bolsonarismo. Na pandemia de COVID-19 e no período subsequente a ela, as referidas práticas tiveram papel preponderante para a consolidação de uma produção de mundo forjada nos ditos negacionistas, necropolíticos e neofascistas de Bolsonaro.

Palavras-chave: bolsonarismo; análise cartográfica do discurso; necropolítica; neofascismo; neoliberalismo.

ABSTRACT

SILVA, Marcela Maria Almeida. *From the “gripezinha” to the Bolsonaro project for power: a cartographic analysis of the necropolitical speech of former president Jair Bolsonaro, from 2020 to 2022*. 2024. 139f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

Focusing on a linguistic corpus produced from public statements and comments by former president Jair Messias Bolsonaro, reproduced on websites of widely circulated newspapers in the country, between the period of the COVID-19 pandemic and the post-election period of 2022, this research sought to analyze, based on Cartographic Discourse Analysis (Deusdará; Rocha, 2021), how Bolsonaro's speech constructed a necropolitical project of power (Mbembe, 2018), guided, simultaneously, by neofascist and by aligning with the interests of big capital. Situated on the national political scene as an amalgam of a diversity of right-wing and extreme-right groupings, Bolsonarism embodies a political project of a reactionary and ultra-neoliberal nature, being capable, despite the 2022 electoral defeat, of mobilizing a broad social base in defense of your ideology. The central figure of this regressive coalition, Jair Bolsonaro, president of Brazil from 2019 to 2022, fed and promoted, through different linguistic practices, the massification of the ideological axis that feeds Bolsonarism. In the COVID-19 pandemic and in the period following it, the aforementioned practices played a preponderant role in consolidating a world production forged in Bolsonaro's so-called denialists, necropolitics and neofascists.

Key-words: bolsonarism; discourse cartographic analysis; necropolitics; neoliberalism; neofascism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	Subgrupo A: O tema do “superdimensionamento” do novo coronavírus	38
Quadro 2 –	Subgrupo B: O tema do abrandamento dos riscos da COVID-19.....	48
Quadro 3 –	Subgrupo C: O discurso de “volta à normalidade” e fim das medidas de isolamento social.....	54
Quadro 4 –	Subgrupo D: A defesa de medicamentos sem eficácia comprovada como tratamento e profilaxia para a COVID-19.....	58
Quadro 5 –	Subgrupo E: A relativização das mortes por COVID-19 e dos protocolos de prevenção.....	64
Quadro 6 –	Subgrupo F: A desqualificação das vacinas e do processo de vacinação da população.....	69
Quadro 7 –	Ditos de Bolsonaro sobre costumes e opressões.....	83
Quadro 8 –	Ditos de Bolsonaro sobre política e regime.....	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Relação de fontes jornalísticas ¹ referentes aos ditos de Jair Bolsonaro sobre a COVID-19 (2020-2021)	32
Tabela 2 –	Relação de fontes jornalísticas referentes a outros ditos de Jair Bolsonaro analisados na pesquisa (2020-2022)	34

¹ Fontes: Jornais O Globo, Estadão, Folha de São Paulo, Portais G1, UOL, e Correio Braziliense.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	PESQUISA-INTERVENÇÃO, CARTOGRAFIA E PRÁTICA DISCURSIVA: DAS REPRESENTAÇÕES AOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO	18
1.1	Abordagem qualitativa e pesquisa-intervenção: notas sobre a caracterização formal da pesquisa	18
1.2	Do <i>metá-hodós</i> ao <i>hodós-metá</i>: a cartografia como método centrado na processualidade	20
1.3	A perspectiva discursiva abraçada na pesquisa	24
1.4	A produção do <i>córpus</i> de pesquisa	29
2	O DITO NEGACIONISTA COMO PRODUÇÃO DE MUNDO A SERVIÇO DO CAPITAL	35
2.1	Pandemia e processualidade: uma ontologia do (ainda) presente	35
2.2	Ditos de Bolsonaro sobre a pandemia de COVID-19 no Brasil	37
2.2.1	<u>O tema do “superdimensionamento” do coronavírus</u>	37
2.2.2	<u>O tema do abrandamento dos riscos da COVID-19</u>	47
2.2.3	<u>O tema da “volta à normalidade” e fim das medidas de isolamento social</u>	54
2.2.4	<u>O tema da defesa de medicamentos sem eficácia como tratamento e profilaxia para a COVID-19</u>	57
2.2.5	<u>O tema da relativização das mortes por COVID-19 e de protocolos de prevenção</u> ..	63
2.2.6	<u>O tema da desqualificação das vacinas e do processo de vacinação da população</u> ...	69
2.3	Reconstituindo o percurso discursivo de Bolsonaro na pandemia	74
3	O NEOFASCISMO COMO PRINCÍPIO, A NECROPOLÍTICA COMO MÉTODO, O NEOLIBERALISMO COMO FIM	78
3.1	A possibilidade de uma memória fascista presente nos ditos de Bolsonaro: o interdiscurso como chave para o neofascismo	79
3.2	Costumes, opressões, política, regime: do bolsonarismo ao neofascismo	82
3.2.1	<u>Ditos de Bolsonaro sobre costumes e opressões</u>	83
3.2.2	<u>Ditos de Bolsonaro sobre política e regime</u>	93
3.3	O neoliberalismo e a inevitabilidade do ódio e da antidemocracia	104
	CONCLUSÃO	107
	REFERÊNCIAS	111
	ANEXO A – FONTES JORNALÍSTICAS DA TABELA 1 ANALISADAS NA PESQUISA	114

ANEXO B – FONTES JORNALÍSTICAS DA TABELA 2 ANALISADAS NA	
PESQUISA	130

INTRODUÇÃO

Fundamentada pela Análise Cartográfica do Discurso, a presente pesquisa de mestrado se debruçou sobre um corpúsculo linguístico produzido a partir de declarações e de comentários do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro², doravante denominados como ditos³, relatados e reproduzidos em portais de notícias e *sites* de jornais de grande circulação no país, entre o período da pandemia de COVID-19 e o contexto eleitoral de 2022. Como objetivo, a pesquisa procurou investigar, através da referida materialidade linguística, de que forma o discurso do ex-presidente foi decisivo para a construção de um projeto necropolítico de poder, conforme conceituação de Mbembe (2018), pautado, simultaneamente, pela promoção de um ideário neofascista e pelo alinhamento aos interesses do grande capital. Tal objetivo está encarnado em uma perspectiva sociopolítica de compreensão da realidade e foi motivado por um conjunto de implicações que singularizam e dotam de sentido os acúmulos desdobrados nas páginas seguintes. Essas implicações serão objeto de algumas considerações que, de acordo com a metodologia adotada, não podem ser neutralizadas ou secundarizadas.

Em relação à perspectiva sociopolítica abraçada, é possível afirmar que, nos últimos anos, a escalada política e eleitoral da extrema direita em diversos países do mundo tem suscitado uma variedade de reflexões políticas sobre esse fenômeno emblemático do nosso

² Jair Messias Bolsonaro – capitão reformado do exército e deputado federal ultraconservador alinhado ao “baixo clero” da direita no Congresso Nacional – teve sua popularidade ampliada nacionalmente, em 2016, durante a votação do golpe/*impeachment* da ex-presidenta Dilma Roussef (PT), ao ter elogiado Brilhante Ustra, torturador que atuou no período da ditadura militar no Brasil. Capitaneando um forte sentimento antipetista, Bolsonaro, que já fora filiado a diversas legendas partidárias, candidatou-se, em 2018, à Presidência do Brasil pelo PSL. Desfilou-se do PSL em 2019, tendo permanecido sem legenda partidária por quase dois anos. Tentou criar o próprio partido político, o “Aliança pelo Brasil”, mas não logrou êxito. Em 2021, filiou-se ao Partido Liberal (PL), visando a disputa pela reeleição presidencial, em 2022, da qual saiu derrotado por Luiz Inácio Lula da Silva (PT), seu adversário político. É pai dos parlamentares Flávio Bolsonaro (PL-RJ), Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ), os quais, seguindo a mesma linha de atuação política do pai, contribuíram decisivamente para a consolidação nacional do projeto de poder do bolsonarismo (Fontes: Dal Piva, J. O negócio do Jair: a história proibida do clã Bolsonaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2023; Brasil. Biblioteca da Presidência da República. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/biografia/biografia>. Acesso em 13 jul. 2023.

³ O uso do vocábulo “dito”, neste trabalho, alude ao título em português da obra “Ditos e Escritos”, de Michel Foucault, que reúne textos diversos escritos pelo filósofo francês e, também, compilações de comunicações e conferências por ele proferidas. A palavra “dito” pretende retomar os sentidos apontados em “O que é um autor?”, relato publicado em 1979 a partir de uma conferência que Foucault apresentou na Universidade de Búfalo (EUA), nove anos antes. Na transcrição do referido relato, o filósofo discute a natureza do autor, “aquele a quem se pode atribuir o que foi *dito* ou escrito”. Para dar nome à obra, o particípio *dito* transmuda-se, derivando o substantivo *dito*. O uso do referido vocábulo constituiu-se, nesta dissertação, como uma referência, haja vista a relevância do pensamento de Michel Foucault para a Análise Cartográfica do Discurso, e, também, como uma forma de designar as unidades discursivas que compõem o objeto de pesquisa, diferenciando os diversos *ditos*, materialidade discursiva, do *conceito de discurso* aqui adotado. O arcabouço teórico-metodológico que orienta a pesquisa será abordado no capítulo seguinte.

tempo (Brown, 2019). Em 2018, o capitão do Exército e deputado federal Jair Messias Bolsonaro candidatou-se à Presidência da República, à época, pelo Partido Social Liberal (PSL). Em razão de sua vitória sobre Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), o Brasil passou a compor o rol de países que vêm suscitando uma diversidade de reflexões em função de, reconhecidamente, também ter sucumbido a um ideário capaz de aglutinar setores da sociedade alinhados à direita e à extrema direita, gerando, em decorrência, uma base social coesa, majoritariamente de classe média e de perfil fortemente reacionário.

A configuração dessa base social, no entanto, localiza-se para além do que habitualmente costuma-se compreender, de modo genérico, como direita. Com efeito, o recurso a estudos sobre a extrema direita, fascismo e neofascismo vem ganhando cada vez mais espaço no âmbito das análises empreendidas sobre tal fenômeno. No Brasil, este acontecimento, consolidado pela irrupção do “bolsonarismo”, apresenta raízes muito bem fincadas socialmente, tendo sido capaz de amalgamar uma diversidade de agrupamentos, dentre os quais incluem-se setores médios da sociedade, partidos da direita tradicional e da extrema direita, frações do empresariado e do capital financeiro, setores liberais e neoliberais, setores militares, polícias, milícias, igrejas, movimentos ultraconservadores, a exemplo do “Pró-vida” e do “Escola sem partido”, bem como outros grupos contidos nesse arco ideológico regressivo.

Tais agrupamentos conferiram sustentação ao projeto político do bolsonarismo, atuaram incansavelmente para enraizá-lo em todos os segmentos da sociedade brasileira e contribuíram decisivamente para transformá-lo em um movimento de massas, que teve papel preponderante nas eleições presidenciais em 2018, com a consequente vitória de Bolsonaro, e na disputa acirrada entre ele e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em 2022, para o mesmo cargo eletivo. A relevância do desempenho dessa coalizão reacionária evidencia-se ao considerarmos que, mesmo após a condução necropolítica da pandemia de COVID-19, Bolsonaro perdeu a eleição somente no segundo turno e por uma diferença de apenas 2.139.645 votos, em um universo de 124.252.796 votos totais⁴.

Reunir tantas forças políticas sob o mesmo projeto de poder e conformar uma base social tão coesa e convicta de sua “missão” não teria sido possível sem a confluência de dois fatores que, de acordo com os referenciais teóricos deste trabalho, serão considerados de importância basilar. Por um lado, a identificação e consequente aderência a um eixo ideológico capaz de congrega uma série de princípios e de padrões morais tidos como essenciais para a base social do bolsonarismo. Afinal, sob o lema “Deus, pátria, família e liberdade”, adotado por Bolsonaro

⁴ Tribunal Superior Eleitoral. Eleição Ordinária Federal 2022 – 2º turno – 31/10/2022. Disponível em: <https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao/resultados/cargo/1>. Acesso em 07 fev.2023.

nas suas campanhas presidenciais, subjazem a religiosidade cristã hegemônica, o anticomunismo, o anticientificismo, o apego anacrônico à ideia de manutenção de tradições de épocas consideradas modelares, o colonialismo, a concepção patriarcal e heteronormativa de família e relacionamentos afetivos, a “liberdade de expressão” como instrumento de propagação de opressões e discursos de ódio, o recurso à violência física e política em nome dos “valores cristãos”, a defesa da implementação de uma ditadura militar no país, a defesa do armamento da população, o racismo, o antifeminismo, a LGBTfobia, o ódio aos povos indígenas e uma série de outras posturas de dominação e exaltação da capacidade de perseguir, silenciar e ameaçar aquelas e aqueles considerados como opositores políticos e, em função disso, passíveis de eliminação. Por outro lado, a adesão de significativas frações das classes dominantes a esse projeto político manifesta o apreço do grande capital a regimes capazes de intensificar seu poder sobre as classes dominadas, freando e fazendo retroceder inúmeros avanços sociais. O terceiro capítulo da presente pesquisa abordou mais detidamente alguns desses aspectos.

Um dos mecanismos que mais contribuíram para a transformação do bolsonarismo em um movimento de massas e para sua consolidação institucional foi o fenômeno das *fake news*. Para além da tradução literal “notícias falsas”, as *fake news* constituem-se, conforme Pinheiro (2022), como informações “provenientes de ações deliberadas de desinformação, movidas por interesses econômicos, políticos, ideológicos e sociais, divulgadas em mídias impressas, televisivas, radiofônicas e digitais (online), mormente em redes sociais da internet” (Pinheiro, 2022, p. 9). À época das eleições presidenciais de 2018, tal expediente teve papel preponderante para a disseminação na internet do eixo ideológico apresentado sinteticamente mais acima e, conseqüentemente, para a adesão de uma significativa parcela do eleitorado conservador ao projeto de poder encarnado por Jair Bolsonaro e pelas frações dominantes que a ele se alinharam.

Com efeito, o uso deste mecanismo vem se constituindo como uma prática política afeita ao bolsonarismo, tendo sido bastante utilizado nos quatro anos de mandato de Bolsonaro à frente da Presidência da República – incluindo o período da pandemia de COVID-19 e a campanha presidencial pela sua (malograda) reeleição – permanecendo em franca atividade após o fim do processo eleitoral. Enquanto ferramenta de disseminação e consolidação de um ideário, o recurso às *fake news* não se constitui como uma prática languageira sazonal, mas como uma outra forma de “fazer política”, de manter coesa a base social bolsonarista e de arregimentá-la quando forças advindas das classes dominantes necessitam de sua atuação na cena política nacional.

Sob a designação ampliada de *fake news*, podem ser agrupadas diversas práticas de linguagem. Nas redes sociais, como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, e em grupos de mensagens instantâneas de aplicativos de telefonia celular, como *WhatsApp* e *Telegram*, vídeos de figuras públicas da extrema direita bolsonarista, montagens com cortes manipulados de falas de opositores políticos, frases de efeito, mensagens diversas com conteúdo inautêntico, apocalíptico, religioso e/ou moralista são massivamente compartilhadas diariamente. Essas variadas formas de construção de sentidos sustentam a existência e a propagação de um determinado tipo de discurso que motiva e institui socialmente uma produção de mundo própria, não necessariamente crível por todos, mas especificamente dirigida àqueles/as que compartilham da crença no eixo ideológico preconizado e propagandeado pelo bolsonarismo. É exatamente nesse ponto que se localiza um dos pilares do presente trabalho de pesquisa: além dos dados de cunho histórico, há uma materialidade linguística que constitui, alimenta e, conseqüentemente, dota de sentido a coalizção reacionária designada como bolsonarismo. No presente trabalho, os esforços de análise serão dirigidos prioritariamente a essa materialidade, entendida enquanto *acontecimento* sob a ótica foucaultiana⁵.

No período mais grave de ocorrência da pandemia de COVID-19 no país (2020-2021), diversas declarações de Jair Bolsonaro e de outras figuras públicas do bolsonarismo foram amplamente disseminadas através das mencionadas redes sociais. A maioria dessas declarações sobre o coronavírus, a COVID-19 e seus desdobramentos tinha como cerne a divulgação de uma série de posicionamentos contraditórios e falsificações em relação ao que recomendavam a Organização Mundial de Saúde e os órgãos de saúde pública do país, especialmente o Instituto Butantan, a Fiocruz e as universidades públicas, a respeito das políticas de controle da pandemia, isolamento e distanciamento social, uso de máscaras, uso de medicamentos não eficazes contra a doença e vacinação da população. Em outras palavras, diversos ditos de Bolsonaro podem ser compreendidos como *fake news*.

Ao lado do ideário característico do bolsonarismo, a massificação desses conteúdos negacionistas conduziu uma parcela da população, no auge da pandemia e com o aval de uma significativa parcela do empresariado, a um processo coletivo de gradual adesão às políticas de “novo normal”, de conseqüente relativização das vidas perdidas e de normalização das mortes ocorridas em função da COVID-19. Essa parcela da população acabou assumindo, também, a estrutura argumentativa do falso dilema proposto por Bolsonaro: de um lado estaria a “opção” pela preservação da vida somada ao risco de perda financeira; de outro lado, em oposição,

⁵ O Capítulo 2 desta dissertação traz uma breve conceituação de “acontecimento”, segundo a ótica de Foucault.

estaria a “opção” pela exposição ao vírus com a hipotética manutenção da renda. Em outras palavras, o governo apresentava uma “escolha”: morrer de fome ou de COVID-19. Operando um movimento retroalimentar, o eixo ideológico do bolsonarismo ganhou novos contornos ao agregar ao seu ideário traços evidentes de um discurso e de uma prática necropolítica, conforme conceituação de Achille Mbembe (2018) em obra homônima que será incorporada mais adiante à presente análise.

Tantos aspectos e implicações vêm despertando o interesse de historiadores e demais pesquisadores das ciências sociais a respeito do bolsonarismo, sua constituição e os possíveis sintomas que precederam, gestaram e impulsionaram seu aparecimento e consolidação na sociedade. O trabalho desenvolvido na presente pesquisa também enfoca o bolsonarismo, porém, sob outro prisma analítico. Investigar as possíveis origens do fenômeno da ascensão do ideário neofascista no país, por exemplo, não fará parte dos objetivos deste trabalho de pesquisa. Inaugurando aqui uma narrativa em primeira pessoa, ousou dizer que entendo tal tipo de busca pela gênese dos fenômenos como um aspecto reconhecidamente relevante no ambiente acadêmico, porém, concernente a um modelo de pesquisa diverso do que venho desenvolvendo. Esta pesquisa tem, prioritariamente, como bases as Pistas do Método da Cartografia, presentes em Passos, Kastrup e Escóssia (2020), bem como a relação entre cartografia e Análise do Discurso (AD) elaborada por Deusdará e Rocha (2021). Essas bases metodológicas serão apresentadas oportunamente. Adiantando, contudo que, na perspectiva analítica abraçada, a busca pelas origens dos acontecimentos cederá lugar à tentativa de compreensão das forças em embate, das relações de poder e dos processos discursivos que, simultânea e indissociavelmente, dão forma, dotam de sentido e sustentam os acontecimentos.

Evidentemente, tal deslocamento relativo ao modo de pesquisar não se deu por acaso. As orientações presentes na produção dos autores supramencionados, seu desenvolvimento na prática de pesquisa e os desdobramentos decorrentes vêm se constituindo como objeto de debates do Grupo de Pesquisa Cartografias em Discurso e Subjetividade, do qual faço parte desde que fui aprovada no processo seletivo de mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN-FFP/UERJ), em setembro de 2021. Os encontros promovidos pelo professor Bruno Deusdará, os debates em grupo e as leituras recomendadas vêm contribuindo significativamente, também, para um outro dado: o entendimento do quão relevante é o lócus de enunciação do(a) pesquisador(a) em relação à pesquisa empreendida, o qual não apenas visibiliza as relações entre o sujeito pesquisador e o objeto pesquisado, como também aponta para a afinidade entre o pesquisador e a própria pesquisa, uma vez que o sujeito que se lança ao terreno da investigação está intrinsecamente conectado ao objeto analisado. Esse lócus, em

outras palavras, aponta para as implicações que conectam o pesquisador ao objeto da pesquisa (Deusdará; Rocha, 2021).

A presente pesquisa nasce, pois, de uma vivência, de uma experiência concreta em um determinado tempo-espço em devir marcado pelo signo do medo da morte, tendo sido motivada pelas lutas de resistência e pelo direito a re-existir. Como professora de língua portuguesa da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro, vivi o primeiro ano da pandemia atuando virtualmente como regente de turma e coordenadora pedagógica em uma escola de Ensino Fundamental II, em Niterói-RJ, o que impactou de forma incontornável meu modo de enxergar a relação escola-comunidade e a ação do discurso bolsonarista nas vidas daqueles que compõem as comunidades escolares. Simultaneamente, a participação na direção colegiada do núcleo Niterói do Sindicato dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro (SEPE-Niterói) descortinou para mim outros aspectos da ação do bolsonarismo na sociedade, especialmente o ódio da extrema direita neofascista aos movimentos populares e de organização dos trabalhadores. Como militante socialista, pude comprovar, em não raras ocasiões, os efeitos nocivos do anticomunismo enraizado em uma considerável parcela da população. E, no bojo desse processo, vivi, como mãe de uma menina, à época com apenas três anos de idade, a angústia de não ser capaz de protegê-la, em meio a uma pandemia global, dos riscos inerentes à possibilidade de contaminação, os quais foram intensificados pela ação necropolítica do bolsonarismo.

Apresentadas, pois, algumas considerações a respeito da perspectiva sociopolítica e das implicações que orientam este estudo, parece oportuno resgatar que os objetivos da pesquisa, apresentados no início desta Introdução, foram construídos no primeiro semestre da pandemia de COVID-19 no país e que sua formulação foi concomitante ao que, hoje, entendo como sendo os passos iniciais daquilo que o método da cartografia caracteriza como “produção de córpus”, prática que, à época, se restringia ao ato de arquivar matérias jornalísticas sobre os ditos de Jair Bolsonaro, procurando estabelecer relações entre esses ditos, depurar seus sentidos e tentar compreender a lógica que os entrelaçava, ainda que de forma livre, não sistematizada.

Hoje, percebo que o córpus linguístico que se constitui como objeto formal desta pesquisa foi produzido através da observação processual dos acontecimentos. No córpus, constam ditos diversos relatados e reproduzidos por *sites* de veículos de imprensa oficial. O marco inicial de sua composição coincide com as primeiras declarações públicas de Jair Bolsonaro sobre a pandemia do coronavírus, nos primeiros meses de 2020. O campo de observação que propiciou a produção do córpus, contudo, não se limitou ao período pandêmico,

avançando no tempo até o período pós-eleições de 2022, com o discurso de derrota que pôs um fim institucional à sua gestão necropolítica à frente da Presidência da República.

Metodologicamente, como já mencionado, foi adotada a perspectiva da cartografia e(m) discurso que, conforme Deusdará e Rocha (2021), nos permite explorar as fronteiras entre a Análise do Discurso (AD) e as ciências sociais, adotando um itinerário cartográfico para levar a termo uma empreitada analítica situada na ordem dos discursos. Procurando explorar os pontos de contato e os limites da Análise do Discurso e outros campos do saber, o presente estudo procurou acompanhar a formação do discurso necropolítico de Bolsonaro em sua processualidade, buscando compreender como seus ditos foram capazes de operar uma produção de mundo centrada no negacionismo, em uma revisitação peculiar e hodierna do fascismo, na relativização da vida e na normalização da morte e das opressões, a serviço do capital.

O primeiro capítulo deste trabalho é dedicado à apresentação da cartografia como método de pesquisa-intervenção, que busca acompanhar movimentos processuais ao mesmo tempo em que se distancia da ideia de pesquisa pautada em representações da realidade produzidas através de modelos de observação. Serão apresentadas considerações a respeito das relações entre cartografia e Análise do Discurso, procurando construir um entendimento sobre a relevância, para o presente trabalho, de um itinerário de pesquisa que agrega as pistas da cartografia (2020) e a perspectiva de discurso desdobrada por Deusdará e Rocha (2021).

A adoção de uma metodologia centrada na processualidade foi um fator preponderante para a análise da construção de sentidos explorada neste estudo. Afinal, o acompanhamento do discurso necropolítico bolsonarista passa pelo desdobramento dos processos que o fundamentam. O discurso, por sua vez, passa ao largo da ideia de representação, construindo efetiva e socialmente uma diversidade de sentidos. Nessa composição, além dos autores das duas obras mencionadas – e que servem como bússola nessa caminhada – foram discutidas formulações de Dominique Maingueneau (1997; 2008), Michel Foucault (1986), Gilles Deleuze, Félix Guattari (1995) e Jacqueline Authier-Revuz (1990; 1998; 2004). À luz dos referenciais metodológicos, apresentei o *cópus* linguístico que se constitui como fonte primária do presente trabalho de pesquisa.

Os capítulos seguintes debatem os textos desse *cópus*, discutindo a materialidade linguística a partir da perspectiva da Análise Cartográfica do Discurso e da conseqüente relação que ela estabelece com outros campos do conhecimento. Considerando a processualidade que caracteriza a metodologia adotada e sua aproximação com as ciências sociais, esta pesquisa não se furtou a abarcar uma diversidade de análises advindas de domínios variados do

conhecimento. Tais análises, entendidas como discursos teóricos produzidos por seus autores a partir dos lugares sociodiscursivos que ocupam, foram aplicadas com o intuito de fomentar uma interlocução entre o âmbito das ciências sociais e a Análise do Discurso, sendo compreendidas dialogicamente como ferramentas de reflexão, não como grilhões para aprisionamento da atualidade em modelos cristalizados de interpretação. Por essa razão, não optei pela inserção de um capítulo prévio, contendo as formulações teóricas aplicadas à análise linguístico-discursiva. Essa opção foi centrada na tentativa de construção de diálogos entre teorização e prática analítica, procurando conjugar as duas dimensões à medida que a elaboração textual avançava. Dentre as ferramentas trazidas à interlocução, foram discutidas, prioritariamente, no Capítulo 2 as elaborações de Achille Mbembe (2018) sobre o conceito de necropolítica, comentários de Silvio de Almeida (2021) sobre a mesma temática, e formulações de Starling, Lago e Bignotto (2022) sobre o que compreendem pela designação “linguagem da destruição”. Ao longo do capítulo, procurei estabelecer paralelos entre tais discursos teóricos e os ditos presentes no corpúsculo linguístico relativo ao período pandêmico.

Em relação ao Capítulo 3, foram apresentadas reflexões sobre o fascismo histórico e sua reatualização hodierna designada, usualmente, como neofascismo. As elaborações de Armando Boito Jr (2019, 2020, 2021) foram essenciais para a produção das reflexões presentes no capítulo. Outras fontes bibliográficas também tiveram grande relevância para a compreensão das relações entre necropolítica, neofascismo e neoliberalismo. Dentre essas fontes, destaco, especialmente, a produção de Wendy Brown (2019), como também Dardot e Laval (2016) e Judith Butler (2021).

Ao final do processo de escrita, foram traçadas algumas breves reflexões sobre o acúmulo analítico proporcionado pela pesquisa e sobre os horizontes vislumbrados até o momento de seu desfecho – o qual espero que se desdobre, futuramente, em um novo ponto de partida.

1 PESQUISA-INTERVENÇÃO, CARTOGRAFIA E PRÁTICA DISCURSIVA: DAS REPRESENTAÇÕES AOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Comumente, produções acadêmicas trazem, em sua estrutura, um capítulo dedicado à caracterização da pesquisa empreendida e à apresentação dos referenciais teórico-metodológicos que a orientam e guiam seu desenvolvimento. Trilhando o mesmo caminho, esta dissertação também trouxe, inicialmente, os referenciais que embasaram as análises construídas acerca do objeto de pesquisa. Por essa razão, o presente capítulo tem como objetivo delinear as bases da Análise Cartográfica do Discurso, referencial teórico-metodológico adotado, enfocando os conceitos de pesquisa-intervenção, cartografia, discurso e produção de *cópus*. Este último, por sua vez, acompanha uma apresentação detalhada sobre sua construção e especificidades.

1.1 Abordagem qualitativa e pesquisa-intervenção: notas sobre a caracterização formal da presente pesquisa

Na Introdução deste trabalho de pesquisa, foram apresentados o objeto e os objetivos inicialmente pretendidos, os quais retomo nas primícias deste capítulo a fim de relacioná-los mais detidamente à perspectiva teórico-metodológica aqui defendida e praticada. Assim, na presente pesquisa, dediquei-me a examinar a hipótese de que o discurso do ex-presidente Jair Bolsonaro ateste, linguisticamente, a construção, pelo bolsonarismo, de um projeto necropolítico de poder (Mbembe, 2018), procurando avançar na compreensão de como tal discurso foi capaz de encenar uma performance de gestão estatal, singularizada, por sua vez, pelos sentidos atribuídos aos conceitos de vida e de morte.

Além disso, a pesquisa também procurou identificar elementos de aproximação entre as práticas bolsonaristas de linguagem e a promoção de um ideário neofascista no Brasil, em alinhamento aos interesses do grande capital. Para levar a termo esses objetivos, foi produzido um *cópus* linguístico, constituído por declarações públicas e por comentários diversos de Jair Bolsonaro, denominados como ditos, catalogados a partir de portais de notícias e *sites* de jornais da imprensa oficial, tendo como ponto de partida para sua composição os anos iniciais da pandemia de COVID-19 (2020-2021), e estendendo-se até o período pós-eleições de 2022. Enquanto fonte primária, a descrição e a apresentação desse *cópus* consta ao final do presente capítulo.

De natureza aplicada, a presente pesquisa situa-se formalmente na área de concentração dos Estudos Linguísticos, linha de pesquisa Linguagem e Sociedade, e está fundamentada metodologicamente pela Análise Cartográfica do Discurso. Em relação à abordagem, considerando o objeto, os objetivos e a localização da pesquisa, os manuais tradicionais de metodologia científica enquadrariam o presente estudo no âmbito da abordagem qualitativa de pesquisa acadêmica. De acordo com Denzin e Lincoln (2006, p. 16), “[...] a pesquisa qualitativa [...] atravessa disciplinas, campos e temas; [...] é uma atividade situada que localiza o observador no mundo”. Ler a realidade por meio de um posicionamento teórico é assumir um lugar social a partir da ótica do referencial abraçado, uma vez que a pesquisa qualitativa não se coaduna com posicionamentos neutros. Há, no entanto, como alerta Maingueneau (1997, p. 12), aqueles que “[...] sonham com uma língua liberta de todos os seus enunciadores e de todo o peso social”, o que nos remete à necessidade de um posicionamento ético-estético-político de investigação, pautado por uma realidade dinâmica que nos confronta a produzir conhecimentos em uma perspectiva de circulação, deslocando limites e intercambiando saberes.

Localizar, simplesmente, o presente estudo no âmbito da abordagem qualitativa de pesquisa não parece suficiente para singularizar a estratégia aqui empreendida. Situada no âmbito das pesquisas participantes, a investigação em foco procura alinhar-se à perspectiva metodológica de uma pesquisa-intervenção, a qual “[...] busca investigar a vida de coletividades na sua diversidade qualitativa, assumindo uma intervenção de caráter socioanalítico” (Rocha; Aguiar, 2003, p. 66). Fortemente influenciada pelo movimento institucionalista francês e latino-americano dos anos 1960 em diante, a pesquisa-intervenção afirma-se enquanto dispositivo a partir do qual se visibiliza o ato político que subjaz a toda investigação. Trata-se, pois, como frisam Rocha e Aguiar (2003, p. 67-68), de uma atitude de pesquisa, pautada, ao mesmo tempo, pela ruptura com os enfoques tradicionais de investigação científica, e por uma atuação voltada às transformações da realidade sociopolítica.

Tal atitude, por sua vez, é alicerçada em uma outra concepção da relação sujeito-objeto. A concepção de sujeito abraçada pela pesquisa-intervenção passa ao largo da ideia de indivíduo imparcial como fonte do conhecimento produzido. O sujeito do conhecimento, na pesquisa-intervenção, afasta-se de rotulações que se estabeleçam a partir de uma frágil ideia de neutralidade ou distanciamento. A subjetividade é “efeito de múltiplas determinações em tensão” (Rocha; Aguiar, 2003, p. 67), de relações e clivagens diversas. Essas implicações são fundamentais para a produção do conhecimento. O lugar que o sujeito ocupa é estratégico para a definição do objeto, bem como para a análise da realidade cartografada. O próximo tópico abordará outros elementos dessa relação.

1.2 Do *metá-hodós* ao *hodós-metá*: a cartografia como método centrado na processualidade

As reflexões anteriores contemplam, ainda que de maneira bastante sucinta, a abordagem analítica que caracteriza o presente trabalho de pesquisa, bem como a perspectiva epistemológica que atravessa este estudo. Ao discorrer sobre conceitos relativos ao método da cartografia e à concepção de discurso adotada, não pretendo “explicar” seus sentidos, tarefa dispensável considerando-se a densidade das obras de referência que guiam este trabalho e cuja relevância será, a seguir, comentada. Almejo, simplesmente, evidenciar as bases metodológicas assumidas na pesquisa, tomando em mãos, também, o compromisso de aderir ao trabalho de teorização indissociável da prática da Análise do Discurso.

O presente estudo tem, pois, como referenciais metodológicos principais as já citadas *Pistas do Método da Cartografia*, de Passos, Kastrup e Escóssia (2020) e a *Análise Cartográfica do Discurso*, de Deusdará e Rocha (2021). Esses referenciais apontam para um modelo de pesquisa que se propõe a acompanhar percursos, a investigar processos, diferindo das metodologias centradas na apreensão de estruturas analíticas voltadas à elaboração de moldes e de consequentes (e aparentes) decalques da realidade. Ao adotar a cartografia como método, assume-se um duplo desafio: a aproximação da perspectiva da processualidade e o consequente afastamento da ideia de implementação de um método para obtenção de respostas que se encerrem no âmbito da representação. De acordo com Passos, Kastrup e Escóssia (2020, p. 10), frente ao plano das subjetividades que escapam a qualquer modelo pré-concebido, “[...] o pensamento é chamado menos a representar do que a acompanhar o engendramento daquilo que ele pensa”.

Nessa perspectiva analítica, emerge o plano das diferenças, o plano da composição, da heterogênesse que, a despeito das teorias da representação do mundo, constitui efetivamente a realidade que habitamos e que nos habita. Na presente pesquisa, a diferença é compreendida como o lugar dos acontecimentos, das intercessões, das passagens entre territórios analíticos considerados distintos e, por isso mesmo, entrecruzáveis. Ao refletir, por exemplo, sobre o negacionismo que caracterizou o discurso bolsonarista ao longo da pandemia de COVID-19, é possível compreendê-lo como parte de uma construção de sentidos, tendo em vista uma produção de mundo própria. Ao mesmo tempo, o plano da análise discursiva se associa a outros planos de análise, como os conceitos de necropolítica, de neofascismo e de neoliberalismo, inscritos nos domínios da filosofia e das ciências sociais, de modo a promover uma perspectiva de saberes que se interrelacionam dinamicamente.

A perspectiva discursiva praticada caracteriza-se, dentre outros aspectos, pelo enlace entre as ideias de cartografia e de filosofia da diferença, distanciando-se, contudo, de uma postura apaziguadora de conflitos no âmbito da pesquisa científica e buscando, inversamente, os movimentos polêmicos e as descontinuidades (Deusdará; Rocha, 2021). Este dado parece bastante expressivo ao desenvolvimento deste estudo, pois o mesmo procura afastar-se da ideia de análise do fenômeno bolsonarista como simples representação de um ideário localizado em um determinado período da história, procurando compreender os aspectos que caracterizam o discurso de Bolsonaro a partir da memória interdiscursiva nele imbricada e, também, a partir da processualidade que o singulariza.

Em suas Pistas, Passos, Kastrup e Escóssia (2020) buscaram em Deleuze e Guattari o conceito de cartografia. Esses dois autores, na introdução da obra *Mil Platôs* (1995, p. 21), relacionam a cartografia à ideia de rizoma. Inspirados na botânica, e valendo-se de metáforas para explicitar os sentidos que desejam compartilhar, Deleuze e Guattari (1995) concebem a produção do conhecimento a partir de um modelo epistemológico, cuja estrutura assemelha-se a um rizoma⁶, defendendo uma perspectiva investigativa pautada pela combinação horizontalizada de planos de análise distintos, não subordinados à ideia de hierarquia, mas coexistentes entre si. De acordo com tal perspectiva, é possível “[...] não apenas selecionar interlocutores nas ciências humanas e sociais, mas também definir interesses específicos em relação às conceituações de discurso, pensadas a partir da indissociabilidade entre linguagem, sujeito e mundo, transbordando as margens da linguística” (Deusdará; Rocha, 2021, p. 46). A diferença é, por conseguinte, o lugar da cartografia, da confluência entre campos do saber, da ampliação rizomática das experiências e dos sentidos que, mergulhados no espaço-tempo, estão sempre em mudança, em transformação, em devir.

Superando a concepção de metas determinadas previamente, a cartografia propõe uma reversão metodológica, isto é, uma outra maneira de fazer pesquisa: um caminhar que seja capaz de ensejar, a partir dos horizontes vislumbrados e das intercessões possíveis, o ponto de chegada (ou, talvez, um novo ponto de partida). A pesquisa assume, portanto, uma outra modulação, distinta da ideia de aplicabilidade e mais próxima da ideia de intervenção. Na presente pesquisa, a tentativa de compreensão dos sentidos imbricados na produção de mundo bolsonarista foi sendo perenemente reavaliada e calibrada diante dos resultados que, pouco a pouco, se apresentavam à análise. Além disso, a própria atitude de pesquisa reafirmava, dia após dia, o

⁶ “Sistema de caules/raízes que tem um crescimento diferenciado, polimorfo, horizontal”. Cf. Verbete Rizoma. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/>. Acesso em 09 jan. 2022.

ato político de investigar a ascensão ao poder da extrema direita neofascista sob a perspectiva analítica do discurso produzido por Bolsonaro.

De modo geral, a ideia de rizoma fundamenta a noção de processualidade metodológica, atributo da cartografia, segundo o qual a metodologia deixa de assumir uma perspectiva cristalizada *a priori*, definindo-se pelo movimento dinâmico imbricado no percurso da pesquisa. A natureza processual do modelo epistemológico rizomático vai, pouco a pouco, definindo-se e (re)formulando-se, à medida que a pesquisa avança.

A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos*. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso, não se abre mão do rigor, mas esse é ressignificado. O rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida ou da normatividade do vivo (...). A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020, p. 10).

Retomando Rocha e Aguiar (2003) e refletindo a respeito das singularidades acima sintetizadas sobre a imbricação entre cartografia e diferença, é possível, pois, situar o presente estudo no âmbito de uma pesquisa-intervenção. Afinal, conhecer e intervir são atitudes inseparáveis na pesquisa científica. Assumir, portanto, a atitude de cartografar é buscar, na composição desses mesmos objetos, as redes de relações históricas que os constituem. Essa foi uma diretriz do presente trabalho de pesquisa e, ao mesmo tempo, constituiu-se como um grande desafio, já que nossas práticas de pesquisa são fortemente marcadas pela ideia de analisar a realidade a partir de modelos rígidos de investigação definidos previamente.

A pesquisa-intervenção recusa qualquer ilusória neutralidade na produção do conhecimento, refutando, também, quaisquer apagamentos referentes à vinculação entre pesquisador e campo pesquisado. O pesquisador está, portanto, vinculado ao mundo, às instituições, ao objeto de pesquisa, assumindo, sempre, um posicionamento ético-estético-político no ato de pesquisar. Para os autores,

[...] é possível – e mesmo necessário – que possamos estabelecer os marcos que definem a posição que desejamos ocupar enquanto discursivistas mobilizados por um paradigma ético-estético-político. É estético, pois envolve “a criação permanente do mundo, mundo como obra de arte”. É ético, na medida em que “evidencia um compromisso com a potência de efetuação da vida na diferenciação do ser”. É político, porque “o confronto permanente com as forças do devir implica escolhas de modo de existência e, assim, do tipo de mundo em que se quer viver” (Rocha, M.L. 1993, p. 236 *apud* Deusdará e Rocha, 2021, p. 115).

Deixando de lado as tradicionais “regras”, na cartografia o pesquisador-cartógrafo em *Análise do Discurso* lança mão de pistas para guiá-lo em seu caminhar investigativo. “As pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa” (Passos, Kastrup; Escóssia, 2020, p. 13). No presente trabalho, como delineado anteriormente, duas pistas auxiliaram mais de perto o percurso de pesquisa: *a ideia de cartografia como método de pesquisa-intervenção e a ideia de que cartografar é acompanhar processos*. As relações entre as pistas que guiam o presente trabalho de análise, sua interrelação à perspectiva de discurso adotada e ao repertório de ditos que constituem o *córpus* de análise serão desenvolvidas ao longo dos próximos capítulos.

Em suma, abraçar a cartografia como método de pesquisa-intervenção implica afirmar a inseparabilidade entre teoria e prática, entre conhecer e fazer, acentuando o plano da experiência, de um “saber que emerge do fazer” (Passos; Barros, 2020, p. 18). Ao cartografar, acompanhamos o traçado das linhas de composição do plano da experiência em sua processualidade. Traçar as linhas de composição do plano da experiência e apreender sua dinâmica processual requer um trabalho de atenção a respeito dos dados da realidade observados.

Por isso, para além da ideia de uma coleta de dados, a cartografia “configura o próprio campo perceptivo” (Kastrup, 2020, p. 35). Isso significa que a cartografia não opera sob a lógica da “coleta de dados”, como se esses fossem elementos desconectados ou desconectáveis do seu lugar de existência e sentido(s). Neste processo, o olhar cartográfico investiga o “espaço”, buscando pistas, sinais do processo que deseja acompanhar, deixando pelo caminho, pouco a pouco, a “bagagem” composta pelo que se pensa saber e pelo peso das certezas formuladas *a priori*. A cartografia busca, assim, traçar as linhas que constituem o território observado, sem, contudo, cristalizá-las. Além disso, procura acentuar, pela produção do *córpus*, o próprio caminho da análise que se propõe a entabular.

Pensar a configuração do campo de percepção, de observação, remete, por sua vez, à reflexão sobre a produção do *córpus* que se apresenta à análise. Ou, em outras palavras, remete a pensar sobre os discursos que constituem esse mesmo *córpus*. Passemos, por conseguinte, à caracterização da concepção discursiva adotada e, em seguida, à apresentação do objeto primário da análise.

1.3. A perspectiva discursiva abraçada na pesquisa

A presente pesquisa tem na materialidade linguística dos ditos de Jair Bolsonaro seu objeto de análise e se debruçará sobre essa materialidade, compreendendo-a sob a ótica do discurso. Contudo, essa afirmação pode suscitar um problema de ordem epistemológica: que concepção de discurso foi adotada pela presente pesquisa? Haja vista a polissemia do próprio vocábulo discurso e a variedade de escolas e tendências existentes no âmbito dos estudos discursivos⁷, entendo que é relevante salientar alguns elementos que singularizam o referencial metodológico assumido.

O primeiro diz respeito à diferença entre objeto empírico e objeto formal de análise. Como já mencionado, a presente pesquisa tem na materialidade linguística dos ditos de Jair Bolsonaro seu objeto empírico de análise. Contudo, não é possível colocar um sinal de igual entre esses ditos e o conceito de discurso adotado, uma vez que discurso não tem o mesmo significado de alocação ou fala, tampouco se reduz à dimensão meramente textual. Segundo Dominique Maingueneau (1997, p. 11), a discursividade define uma ordem própria, diversa da materialidade da língua, ainda que essa mesma ordem seja, obviamente, concretizada através da língua. O discurso é instituído através da materialidade linguística, mas esses conceitos não são sinônimos. De acordo com Deusdará e Rocha (2021, p. 29), “[...] discursos, como os vemos, são objetos teóricos, construídos a partir da correlação entre os textos e o entorno sócio-histórico. Ou seja, discurso não é simplesmente um objeto experimental”, uma realidade independente ou mesmo preexistente à intervenção analítica.

Categorizar os discursos de maneira superficial (“discurso dos políticos”, “discurso dos professores”) acaba por nivelar essa mesma produção, massificando e neutralizando as tensões, os contrastes e as relações de poder imbricadas nas práticas de linguagem. Naturalizar a produção dos discursos invisibiliza sua heterogeneidade e compromete a análise empreendida. Um exemplo disso é a ideia de que “o discurso da extrema direita” seja um todo coeso e igual em qualquer das suas manifestações. A perspectiva de análise assumida nesta pesquisa, evidentemente, passa ao largo de tal modo de abordagem. Por isso, entendo que especificar a concepção de discurso utilizada neste estudo como “neofascista” não é apenas um dado a mais, elencado entre outros, mas um aspecto definidor do tipo de análise que me dispus a desenvolver e da vinculação ético-estético-política assumida neste trabalho.

⁷ Em relação ao problema da polissemia, Maingueneau (1997, p. 11) chegou a listar seis acepções distintas deste vocábulo em sua obra. Também Deusdará e Rocha (2021, p. 22-23) discutem a ambiguidade do rótulo discurso e do próprio âmbito dos estudos discursivos, área que conta com uma diversidade de escolas, autores e metodologias.

Assim, afirmar que a produção linguageira e a produção social são tão indissociáveis quanto simultâneas (Deusdará; Rocha, 2021, p. 52) é um dado que possui relevância basilar para o desenvolvimento da perspectiva discursiva aqui adotada. As dimensões linguística e histórica estão mutuamente atravessadas e se atualizam concomitantemente. A indissociabilidade e a simultaneidade de tais dimensões têm papel preponderante para este trabalho de pesquisa, uma vez que a referida imbricação está na base de compreensão de diversos conceitos apresentados, dentre os quais sobressaem as noções de prática discursiva, interdiscurso e heterogeneidade. Fundamentais para a Análise Cartográfica do Discurso, tais conceitos têm como base as elaborações de Deusdará e Rocha (2021), a teoria discursiva construída por Dominique Maingueneau⁸ (2008; 1997), assim como a concepção de heterogeneidade formulada por Jacqueline Authier-Revuz (1990).

Segundo Maingueneau (2008, p. 16), o funcionamento discursivo é inseparável de sua inscrição histórica, sendo os objetos do discurso integralmente linguísticos e integralmente históricos. O conceito de prática discursiva de Maingueneau reafirma a imbricação linguístico-histórica dos discursos – dado que perpassa toda a sua construção teórica – congregando as noções de formação discursiva, conceito foucaultiano, e de comunidade discursiva/lugar social. Foucault (1986, p. 136) caracteriza a formação discursiva como um “[...] conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”. A formação discursiva pode ser entendida, por conseguinte, como aquilo que pode ser dito, a partir de determinada posição e em uma dada conjuntura.

Incorporado à teorização de Maingueneau (1997), o conceito de formação discursiva é ressignificado à luz de uma outra concepção: a noção de lugar, que enfatiza a relevância da topografia social para os falantes que nela se inscrevem (Maingueneau, 1997, p. 32). De acordo com essa concepção, o espaço de enunciação pressupõe a existência indissociável e simultânea de uma comunidade de fala sociologicamente caracterizável para produzir os enunciados. Lugares sociais e lugares discursivos são faces de uma mesma prática, a prática discursiva.

⁸ A opção por apresentar de forma sintética o conjunto de formulações construídas ou ratificadas por Dominique Maingueneau baseou-se no compromisso anteriormente sinalizado de apontar a perspectiva discursiva adotada nesta pesquisa. Nos Capítulos 1 e 2 de sua obra, Deusdará e Rocha (2021) desdobram os caminhos trilhados por diversos autores e tendências da AD, apresentando uma diversidade de elaborações e reelaborações que estão na base de formulação das construções de Dominique Maingueneau e da própria Análise Cartográfica do Discurso, as quais foram omitidas já que não concorrem diretamente para a consecução dos objetivos deste trabalho.

Ao refletir sobre esse entrecruzamento, a afirmação feita anteriormente a respeito da indissociabilidade e da simultaneidade das dimensões linguística e histórica do discurso evidencia-se ainda mais nitidamente. A noção de prática discursiva funciona como uma espécie de amálgama entre a formação discursiva enunciada e a comunidade discursiva que a enunciou, consubstanciando as noções de lugar social e lugar discursivo. Pensar a existência de comunidades/lugares sociais como anteriores aos discursos é algo insustentável para a presente lógica discursiva. Comunidades/lugares sociais constituem-se através dos discursos e vice-versa. O conceito de prática discursiva funda, portanto, um primado, a partir do encontro entre o textual e o social.

O conceito de prática discursiva é, na verdade, um reformulante de discurso que apresenta uma grande vantagem: se muitas vezes “discurso” foi entendido como sinônimo de “texto”, com a nova formulação o equívoco não mais se sustentará, uma vez que “discurso” passa a ser entendido como a articulação de textos e comunidades que alimentam a produção de textos – sendo também alimentada por esses textos. Em outras palavras, o texto é apenas uma das vertentes da prática discursiva (Deusdará; Rocha, 2021, p. 88).

Maingueneau distancia-se, pois, da ideia de uma dimensão “extralinguística”, de uma insustentável anterioridade do social sobre o discursivo. Tal imbricação linguístico-histórica dos discursos é essencial para compreender o primado do interdiscurso sobre o discurso. De acordo com Deusdará e Rocha (2021, p. 74), “[...] o princípio do interdiscurso pressupõe que entre duas formações discursivas haja sempre um espaço de trocas”. Em outras palavras, a compreensão de um discurso só é possível a partir de sua relação com outros discursos, já que estes não se constituem de forma independente ou descontínua.

Falar de interdiscurso pressupõe falar de heterogeneidade do discurso. Por vezes, a heterogeneidade se mostra, evidenciando traços nítidos da alteridade. Contudo, a base da construção de um discurso estrutura-se a partir de outros discursos, cuja alteridade nem sempre é manifesta, mas é, essencialmente, constitutiva. “O primado do interdiscurso inscreve-se nessa perspectiva de uma heterogeneidade constitutiva, que amarra, em uma relação inextricável, o Mesmo do discurso e seu Outro” (Maingueneau, 2008, p. 31).

Reconhecer o primado do interdiscurso sobre o discurso, trata-se, pois, de reconhecer a prevalência de um “[...] sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro” (Maingueneau, 2008, p. 36). O que não significa compreender esse Outro como uma espécie de “invólucro”, nem como citação, fragmento textual ou entidade externa. O Outro, com efeito, “[...] se encontra na raiz de um Mesmo já descentrado em relação a si próprio”

(Maingueneau, 2008, p. 37). Compreender o Outro como fundamento da discursividade é, pois, a unidade primordial da análise⁹. Na base de construção do discurso de Bolsonaro, a presença e a permanência de outros discursos e de vozes remetem, muitas vezes, a elementos característicos do fascismo histórico, de experiências ditatoriais diversas, do conservadorismo de direita e do pensamento político-econômico neoliberal, apontando para a referida alteridade constitutiva, perfazendo trocas e atualizando a prática discursiva gerada.

Assim, afirma-se, também, o caráter dialógico do discurso, rechaçando-se, simultaneamente, o estatuto do sujeito individual como “fonte autônoma de produção de sentido” (Deusdará; Rocha, 2021, p. 72). Jair Bolsonaro, em si, não é a fonte primária do discurso que enuncia, mas uma voz que sintetiza e amplifica uma série de outras vozes, nem sempre audíveis, mas constitutivamente presentes, e que estão, estas sim, na base de formulação de um ideário, de uma produção de mundo peculiar. Investigar a presença dessas vozes no discurso, procurando compreender o papel exercido por elas na trama das relações de poder que subjazem à própria produção discursiva, será de grande importância para este trabalho.

Segundo Authier-Revuz (1990), todo discurso é, necessariamente, atravessado por outros discursos. “Sempre sob as palavras ‘outras palavras’ são ditas: a estrutura material da língua permite que, na linearidade de uma cadeia (discursiva), se faça escutar a polifonia não funcional de todo discurso” (Authier-Revuz, 1990, p. 28). “Escutar” a linearidade da cadeia discursiva é possível quando nos dispomos a identificar os mecanismos enunciativos que servem para marcar o Outro (inconsciente)/outro (alteridade) no discurso. A linguagem é, portanto, heterogênea em sua constituição.

Articulando a noção de interdiscurso, conforme a tradição da AD francesa, às noções de polifonia e de dialogismo bakhtiniano, a autora compreende que o enunciador, para construir seu discurso, considera, necessariamente, o discurso de outrem. A heterogeneidade discursiva pode ser compreendida, assim, como a forma de inscrição do Outro/outro no discurso. De acordo, também, com as elaborações de Authier Revuz (1990), a heterogeneidade pode ser mostrada ou constitutiva, diferindo pelo fato de o Outro/outro aparecer explicitamente, ou não, no fio do discurso.

⁹ Para favorecer a compreensão do interdiscurso e visibilizar seu primado, Maingueneau propõe a seguinte tríade conceitual: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. O universo discursivo define uma “extensão máxima, o horizonte a partir do qual serão construídos domínios suscetíveis de serem estudados” (Maingueneau, 2008, p. 33). O campo discursivo pode ser compreendido como um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência/afluência e “delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo” (Maingueneau, 2008, p. 34). Os campos não são visibilizados de forma “natural”. Trata-se de uma abstração. Os espaços discursivos são “subconjuntos de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito, julga relevante pôr em relação” (Maingueneau, 2008, p. 35). Essas restrições resultam de hipóteses construídas a partir de dados de cunho textual e histórico, tendo em vista os objetivos previamente determinados.

A heterogeneidade mostrada se pode apreender quando o locutor, de maneira evidente, constitui-se como uma espécie de “porta-voz” do discurso do outro, visibilizando-o nitidamente através de formas linguisticamente detectáveis. “É o outro do discurso relatado” (Authier Revuz, 2004, p. 12), estando presente no discurso direto, no discurso indireto e em outras formas linguísticas, como as glosas enunciativas e os fenômenos de conotação autonímica (uso de aspas e entonação particular). Sobre o discurso direto e o discurso indireto, a autora compreende que:

No discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do "sentido" dos propósitos que ele relata. No discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo - ou o espaço - claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples "porta-voz". Sob essas duas diferentes modalidades, o locutor dá lugar explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso (Authier Revuz, 2004, p. 12).

Já a heterogeneidade constitutiva sugere a presença do Outro/outro no discurso sem, contudo, visibilizá-lo através de marcas detectáveis. Se, por um lado, o Outro/outro não aparece explicitamente no fio do discurso, por outro lado, esta é, com efeito, a forma real de sua constituição. De acordo com Authier-Revuz (1990, p. 32), “todo discurso é constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’”. Aí reside, portanto, o âmago da heterogeneidade, ou seja, a capacidade que os discursos têm de conter, em si, outros discursos. O discurso indireto livre, a ironia, a imitação, dentre outras formas linguísticas, são exemplos da presença de uma heterogeneidade constitutiva no discurso.

A compreensão de que o locutor não é a fonte primária de onde emana o discurso que produz tem sido essencial para a análise empreendida na presente pesquisa. O enunciadór-jornalista não produz ditos, mas os relata, direta ou indiretamente. Quando entrevistado, Jair Bolsonaro, através de seus ditos negacionistas e promotores de um ideário historicamente atribuído à extrema direita fascista, manifesta marcas e sinais polifônicos que apontam, simultaneamente, para a clivagem constitutiva do sujeito que enuncia e para o caráter heterogêneo de todo e qualquer discurso produzido.

Apresentadas, pois, as bases metodológicas que fundamentaram o trabalho de analisar os textos selecionados, parece oportuno, neste momento, discorrer sobre tal processo de seleção, ou como sinalizam Deusdará e Rocha (2021, p. 119), sobre como se deu o processo de produção do corpus de pesquisa.

1.4 A produção do *córpus* de pesquisa

Após os comentários concernentes ao arcabouço metodológico que norteou a presente pesquisa, apresento, neste subtópico, os dados referentes à produção do *córpus* analítico. A utilização da palavra “produção”, em lugar da usual “coleta”, já antecipa uma tomada de posição bastante característica da Análise Cartográfica do Discurso, enquanto vertente do campo de estudos discursivos. Isso porque, como já mencionado, a perspectiva de investigação assumida recusa-se a invisibilizar a vinculação entre pesquisador e objeto pesquisado. Este dado, aliado à confluência entre a escolha dos referenciais teóricos e do quadro metodológico, perfaz a produção do *córpus* analítico.

Há uma interdelimitação fundante entre o arcabouço teórico-metodológico, o *córpus* de pesquisa e o posicionamento ético-estético-político que sustenta o ato de pesquisar. É com base nessa articulação que a Análise Cartográfica do Discurso propõe o termo “produção de *córpus*”, e não “coleta de dados” (Deusdará e Rocha, 2021), o que, longe de se constituir como mero jogo de palavras, ressalta a especificidade do método da cartografia, enquanto método de pesquisa-intervenção, e acentua a relevância do plano de experiência, o qual articula os aspectos conceitual e metodológico, a teoria e a prática, o conhecer e o fazer, além de visibilizar o jogo de forças imbricado no processo analítico.

A reflexão sobre essa interdelimitação traz à cena uma complexidade de conexões que propiciaram a produção do *córpus* linguístico deste estudo. Nas Considerações Iniciais do presente trabalho, foram apresentados, muito sucintamente, alguns dados conjunturais, bem como uma breve caracterização do eixo ideológico que move a base social do bolsonarismo. Esses elementos foram retomados no desenvolvimento do trabalho e fazem parte dessa rede de conexões essenciais para a produção do objeto material de análise.

Nascido no contexto da pandemia de COVID-19, o *córpus* contempla ditos de Bolsonaro relatados pela imprensa oficial e publicados, como notícias ou reportagens, em portais de notícias e sites de jornais de grande circulação no país. Tais notícias ou reportagens, acessadas virtualmente, constituem-se como as fontes do presente trabalho de pesquisa. Todas trazem discursos diretos de Bolsonaro reproduzidos pelos enunciadores-jornalistas. As fontes foram divididas em dois grandes grupos principais:

- Fontes datadas do período crítico da pandemia, abrangendo prioritariamente o ano de 2020 e estendendo-se ao ano de 2021, tendo como tema gerador a própria pandemia e seus desdobramentos. Essas fontes jornalísticas foram compiladas na Tabela 1, apresentada mais adiante, totalizando 20 fontes selecionadas;

- Fontes que abarcam outros temas, abrangendo o período acima e estendendo-se ao contexto político eleitoral de 2022. Essas fontes jornalísticas foram compiladas na Tabela 2, também apresentada mais à frente, totalizando 10 fontes selecionadas.

O processo de produção da Tabela 1, além da maturação sobre os ditos relatados a partir das fontes acima delimitadas, passou por uma segunda etapa: a da análise dos textos jornalísticos em busca de marcas linguístico-discursivas características da instrumentalização da pandemia por Bolsonaro. Somente entre os anos 2020 e 2021, foram compiladas mais de uma centena de notícias, reportando comentários e pronunciamentos de Jair Bolsonaro. Fora a temática pandêmica, outras dezenas de ditos, relatados pelos textos jornalísticos, foram reunidas na Tabela 2, uma vez que manifestam o modo de “fazer política” característico do bolsonarismo, tendo desempenhado papel central em sua produção de mundo e em seu projeto de poder. Nem todos esses textos, contudo, compõem o *cópus* linguístico deste trabalho. Seguindo o princípio de que um *cópus* não é fruto de uma coleta, mas de um processo de produção, o *cópus* de pesquisa apresentado a seguir foi produzido a partir de critérios específicos e que corroboram os objetivos da pesquisa:

- Os ditos selecionados a partir das fontes jornalísticas datam do intervalo 2020-2022, isto é, dos momentos iniciais da pandemia de COVID-19 ao contexto eleitoral de 2022;
- O material compreende notícias compiladas a partir de uma ampla pesquisa em *sites* e portais de jornais e de revistas da imprensa oficial, buscando declarações de Bolsonaro e outras informações relevantes à análise;
- Os ditos relativos à pandemia foram compilados com base no critério da negação dos posicionamentos emanados por órgãos científicos representativos na sociedade sobre o coronavírus, a COVID-19, as formas de sua prevenção e a vacinação da população.
- Os ditos referentes a outras temáticas também pressupõem alguma forma de negação ou contraposição, seja no âmbito das opressões, dos direitos ou da estrutura da sociedade, seja no âmbito do regime democrático, afirmando, portanto, posicionamentos afeitos ao ideário bolsonarista.
- Os ditos do período pandêmico foram agrupados em subgrupos, os quais dizem respeito a elos temático-discursivos e concernentes ao desenvolvimento da COVID-19 no país. Os subgrupos de fontes/ditos (Tabela 1) são os seguintes:

- a) O início da pandemia, quando Jair Bolsonaro declara à imprensa que a COVID-19 estaria sendo “superdimensionada”;
- b) O período de distanciamento social e as tentativas de negar e/ou minimizar os impactos do avanço da doença no país;
- c) Os argumentos em defesa de uma “volta à normalidade” e consequente fim das medidas de isolamento social, ainda no primeiro semestre de 2020;
- d) A defesa de medicamentos não autorizados como tratamento e profilaxia à COVID-19;
- e) A relativização das mortes e a desqualificação dos protocolos sanitários;
- f) A desqualificação das vacinas e do processo de vacinação da população.

Os elos temático-discursivos acima mencionados foram considerados na elaboração do próximo capítulo deste trabalho de pesquisa. Essa subdivisão, entendida como um dispositivo analítico construído pela própria pesquisa, foi pensada de maneira a contemplar, no corpúsculo, a entrada de ditos em que o ex-presidente se repete ou procura ratificar alguma palavra, expressão ou ideia, tendo em vista a prática de massificação de conteúdos bastante utilizada pelo bolsonarismo nas redes sociais. A opção pelo referido dispositivo também visa afastar a presente pesquisa de uma perspectiva analítica fragmentada. Ao defender a processualidade da análise, este trabalho não objetivou construir uma cronologia dos ditos de Bolsonaro, mas empreender uma análise cartográfica do encadeamento desses blocos temáticos a partir dos referenciais teórico-metodológicos abraçados. Por isso, os elos temático-discursivos foram de grande valia para o desenvolvimento deste estudo. No Capítulo 1, os elos constituem-se como subtópicos de análise dos ditos do período pandêmico. Cada subtópico acompanha um quadro de ditos de Bolsonaro transcritos a partir das fontes jornalísticas selecionadas.

O segundo grupo de ditos relatados pela imprensa (Tabela 2) diz respeito a temas relativos ao eixo ideológico preconizado pelo bolsonarismo. Em função dessa variedade, tais ditos, discutidos no Capítulo 3 deste trabalho, foram consignados em uma relação de ditos à parte. Pela similaridade entre alguns ditos, também foi aplicada ao capítulo a lógica dos elos temático-discursivos, dividindo os ditos em dois subtópicos: um referente ao tema “costumes e opressões”, e outro relativo ao tema “política e regime”. Ambos também acompanham um quadro de ditos de Bolsonaro transcritos a partir das fontes relacionadas na Tabela 2.

Uma observação parece oportuna antes de proceder à efetiva discussão sobre os ditos de Bolsonaro: os discursos diretos citados pelas fontes jornalísticas constituíram-se como o objeto prioritário de análise.

Tabela 1 - Relação de fontes jornalísticas¹⁰ referentes aos ditos de Jair Bolsonaro sobre a COVID-19 (2020-2021)

a) O tema do “superdimensionamento” do novo coronavírus

Cód./Data	Título da notícia	Veículo	Fonte
a-1 26/01/2020	'Não é uma situação alarmante', diz Bolsonaro sobre coronavírus	Estadão	https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,na-o-e-uma-situacao-alarmante-diz-bolsonaro-sobre-coronavirus,70003173424
a-2 09/03/2020	Bolsonaro minimiza coronavírus: 'está superdimensionado seu poder destruidor'	O Globo	https://oglobo.globo.com/economia/bolsonaro-minimiza-coronavirus-esta-superdimensionado-seu-poder-destruidor-24295596
a-3 15/03/2020	Após ir a manifestação, Bolsonaro diz que não pode haver 'histeria' em combate a coronavírus	O Globo	https://oglobo.globo.com/brasil/apos-ir-manifestacao-bolsonaro-diz-que-nao-pode-haver-histeria-em-combate-coronavirus-24306796
a-4 17/03/2020	Bolsonaro compara Itália a Copacabana e coronavírus a gravidez: 'vai passar'	Estadão	https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-compara-coronavirus-a-gravidez-um-dia-vai-nascer-a-crianca/

b) O tema do abrandamento dos riscos da COVID-19

Cód./Data	Título da notícia	Veículo	Fonte
b-1 11/03/2020	Bolsonaro: 'Não sou médico; pelo que ouvi, outras gripes mataram mais'	Uol Notícias	https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/03/11/bolsonaro-nao-sou-medico-pelo-que-ouvi-outras-gripes-mataram-mais.htm
b-2 19/03/2020	Bolsonaro volta a minimizar coronavírus: 'Em alguns poucos casos pode levar a óbito'	O Globo	https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-volta-minimizar-coronavirus-em-alguns-poucos-casos-pode-levar-obito-24316675
b-3 20/03/2020	Bolsonaro volta a minimizar pandemia e chama Covid-19 de 'gripezinha'	O Globo	https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/bolsonaro-volta-minimizar-pandemia-chama-covid-19-de-gripezinha-24318910
b-4 27/03/2020	Sem provas, Bolsonaro questiona número de mortos por COVID-19 e fala em fraude para 'uso político'	O Globo	https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-questiona-numero-de-mortos-por-covid-19-fala-em-fraude-para-uso-politico-24333952

c) O tema da “volta à normalidade” e fim das medidas de isolamento social

Cód./Data	Título da notícia	Veículo	Fonte
c-1 09/04/2020	Um dia depois do Brasil ultrapassar mil mortes por coronavírus, Bolsonaro defende 'volta à normalidade'	O Globo	https://oglobo.globo.com/brasil/um-dia-depois-do-brasil-ultrapassar-mil-mortes-por-coronavirus-bolsonaro-defende-volta-normalidade-24365828
c-2 20/04/2020	Bolsonaro defende fim de medidas de isolamento nesta semana	O Globo	https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-defende-fim-de-medidas-de-isolamento-nesta-semana-24382957

¹⁰ Fontes: Jornais O Globo, Estadão, Folha de São Paulo, Portais G1, UOL, e Correio Braziliense.

d) O tema da defesa de medicamentos sem eficácia comprovada como tratamento e profilaxia à COVID-19

Cód./Data	Título da notícia	Veículo	Fonte
d-1 13/05/2020	Bolsonaro diz que vai discutir com Teich protocolo do uso da cloroquina contra COVID-19	O Globo	https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-diz-que-vai-discutir-com-teich-protocolo-do-uso-da-cloroquina-contra-covid-19-1-24424494
d-2 07/07/2020	Bolsonaro divulga vídeo tomando remédio sem eficácia cientificamente comprovada contra COVID-19	O Globo	https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-divulga-video-tomando-remedio-sem-eficacia-cientificamente-comprovada-contra-covid-19-24520312
d-3 18/07/2020	Depois da cloroquina, Bolsonaro diz tomar vermífugo sem comprovação científica contra a COVID-19	O Globo	https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/depois-da-cloroquina-bolsonaro-diz-tomar-vermifugo-sem-comprovacao-cientifica-contra-covid-19-1-24540039

e) O tema da relativização das mortes por COVID-19 e dos protocolos de prevenção

Cód./Data	Título da notícia	Veículo	Fonte
e-1 20/04/2020	'Não sou coqueiro, tá?', diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus	Portal G1	https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coqueiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml
e-2 28/04/2020	'E daí? Lamento, quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre recorde de mortes por coronavírus	Estadão	https://www.estadao.com.br/saude/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-recorde-de-mortes-por-coronavirus/
e-3 10/11/2020	'Tem que deixar de ser um país de maricas', diz Bolsonaro sobre Covid-19	O Globo	https://oglobo.globo.com/sociedade/tem-que-deixar-de-ser-um-pais-de-maricas-diz-bolsonaro-sobre-covid-19-1-24739111
e-4 04/03/2021	'Chega de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando?', diz Bolsonaro sobre pandemia	O Globo	https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/1004838-chega-de-frescura-de-mimimi-va-ficar-chorando-ate-quando-diz-bolsonaro-sobre-pandemia-24909333

f) O tema da desqualificação das vacinas e do processo de vacinação da população

Cód./Data	Título da notícia	Veículo	Fonte
f-1 22/10/2020	Bolsonaro diz que governo não comprará Coronavac mesmo se vacina for aprovada pela Anvisa	O Globo	https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/bolsonaro-diz-que-governo-nao-comprara-coronavac-mesmo-se-vacina-for-aprovada-pela-anvisa-1-24705798
f-2 26/10/2020	Bolsonaro: 'Não pode um juiz decidir se você pode ou não tomar vacina, isso não existe'	O Globo	https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/bolsonaro-nao-pode-um-juiz-decidir-se-voce-pode-ou-nao-tomar-vacina-isso-nao-existe-24712382
f-3 15/06/2021	Bolsonaro diz que vetará passaporte de imunidade se projeto for aprovado pelo Congresso	O Globo	https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/bolsonaro-diz-que-vetara-passaporte-de-imunidade-se-projeto-for-aprovado-pelo-congresso-25061825

Tabela 2 - Relação de fontes jornalísticas referentes a outros ditos de Jair Bolsonaro analisados na pesquisa (2020-2022)

a) Ditos sobre costumes e opressões

Data	Título da notícia	Veículo	Fonte
17/05/2021	'Sou imorrível, imbrochável e também sou incomível', diz Bolsonaro	Jornal Extra	https://extra.globo.com/noticias/brasil/sou-imorrivel-imbroschavel-tambem-sou-incomivel-diz-bolsonaro-25021461.html
28/10/2021	Bolsonaro: Beneficiários do Bolsa Família 'não sabem fazer quase nada'	Portal UOL	https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/10/28/bolsonaro-beneficiarios-bolsa-familia.htm
15/07/2022	Bolsonaro contraria constituição e diz que 'minorias têm que se adequar'	Portal UOL	https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/15/bolsonaro-defende-falas-transfobicas-minorias-tem-que-se-adequar.htm
07/09/2022	Bolsonaro faz discurso de campanha na comemoração do 7 de setembro	Portal G1	https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/09/07/bolsonaro-faz-discurso-de-campanha-na-comemoracao-do-7-de-setembro.ghtml
13/09/2022	Bolsonaro critica demarcação de terras indígenas: 'É o fim da nossa economia'	Estadão	https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-critica-demarcacao-de-terras-indigenas-e-o-fim-da-nossa-economia/
28/10/2022	'Pintou um clima': fala de Bolsonaro sobre meninas venezuelanas repercute e gera críticas nas redes	Portal G1	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/15/pintou-um-clima-fala-de-bolsonaro-sobre-meninas-venezuelanas-repercute-e-gera-criticas-nas-redes.ghtml

b) Ditos sobre política e regime

Data	Título da notícia	Veículo	Fonte
18/07/2020	Bolsonaro critica projeto contra fake news: 'não vai poder mais se manifestar sobre nada'	O Globo	https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-critica-projeto-contrafake-news-nao-vai-poder-mais-se-manifestar-sobre-nada-1-24539880
20/02/2021	'Se tudo depender de mim, não seria este regime', diz Bolsonaro	O Globo	https://oglobo.globo.com/brasil/se-tudo-depender-de-mim-nao-seria-este-regime-diz-bolsonaro-24891463
04/09/2021	Em motociata, Bolsonaro ataca Supremo e diz que ruptura é alternativa	Portal UOL	https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/09/04/em-motociata-bolsonaro-ataca-supremo-e-diz-que-ruptura-e-alternativa.htm
01/11/2022	Íntegra do discurso de Bolsonaro dois dias após derrota em segundo turno	Portal G1	https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/11/01/veja-e-leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-dois-dias-apos-derrota-em-segundo-turno.ghtml

2 O DITO NEGACIONISTA COMO PRODUÇÃO DE MUNDO A SERVIÇO DO CAPITAL

O Capítulo 2 desta dissertação discorre sobre os ditos de Bolsonaro relatados pelas fontes jornalísticas selecionadas, presentes na Tabela 1 do *cópus* de pesquisa, e que dizem respeito ao período crítico da pandemia de COVID-19 no Brasil, enfocando prioritariamente o ano de 2020 e estendendo-se ao ano de 2021. Em alinhamento ao que preconiza a dinâmica da processualidade, conforme elaborações presentes no Capítulo 1, os referidos ditos foram encadeados através de um dispositivo criado em função da própria pesquisa: os elos temático-discursivos, entendidos aqui como subgrupos de ditos de Bolsonaro relativos ao período supramencionado e organizados tematicamente em quadros, de modo a visibilizar o jogo de forças presentes no desenvolvimento do discurso necropolítico do ex-presidente a respeito do período inicial e mais crítico da pandemia de COVID-19 no país.

Inicialmente, procurei delinear os sentidos da referida organização temática para a presente pesquisa, partindo do conceito foucaultiano de acontecimento. Em seguida, apresento os ditos selecionados concernentes aos subgrupos já listados, os quais foram transcritos e dispostos em quadros. Finalizando, apresento uma síntese avaliativa do discurso bolsonarista, procurando compreender as linhas do projeto necropolítico de poder do bolsonarismo e, ao mesmo tempo, entabular uma conexão com os ditos da Tabela 2, objeto do capítulo subsequente.

2.1 Pandemia e processualidade: uma ontologia do (ainda) presente

Na Introdução e no Capítulo 1 deste trabalho, apresentei as implicações envolvidas no desenvolvimento da presente pesquisa, bem como as linhas gerais relativas às bases epistemológicas que guiam seu curso. Um elemento fundamental que procurei delinear anteriormente, e que entendo ser necessário reafirmar, diz respeito à dinâmica da processualidade analítica abraçada nesta caminhada. Como já dito, “[...] a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos” (Passos; Kastrup, 2020, p. 53). Essa é uma diretriz do fazer cartográfico, pois “[...] o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se

encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente” (Passos; Kastrup, 2020, p. 57).

Com efeito, essa diretriz-desafio parece remeter a um questionamento formulado por Foucault e citado por Cardoso (1995): “O que é a nossa atualidade? Qual é o campo atual das experiências possíveis?” E ele mesmo responde: “uma ontologia do presente, uma ontologia de nós mesmos” (Foucault, 1984c, p.111-112 *apud* Cardoso, 1995, p. 54). Construir uma ontologia de nós mesmos, uma ontologia da atualidade, pressupõe problematizá-la (1984a, p. 14 *apud* Cardoso, 1995, p. 54). Considerando que Foucault (1980, p. 46-51 *apud* Cardoso, 1995, p. 54) entende o acontecimento como “a irrupção de uma singularidade única e aguda”, interrogar a atualidade é problematizá-la como acontecimento.

Por isso, entendo que as noções de ontologia da atualidade e de acontecimento parecem estar em enlace com a perspectiva da processualidade e da rede de forças que Passos e Kastrup (2020) mencionam em suas pistas. Afinal, se o “coração da cartografia” é a processualidade (Passos; Kastrup, 2020), essa, por sua vez, se aproxima do presente, da dinâmica do presente, na medida em que se afasta dos decalques, das informações meramente coletadas, das supostas representações que procuram, ingenuamente, cristalizar a realidade, secundarizando ou invisibilizando as forças que atuam sobre a mesma realidade através dos acontecimentos.

As noções foucaultianas de ontologia do presente e de acontecimento, além da caracterização de Passos e Kastrup (2020, p. 59) do objeto de pesquisa como um objeto-processo, acompanharam, pois, a produção do *córpus* linguístico deste trabalho, especialmente no que diz respeito à produção de *córpus* da Tabela 1 de fontes jornalísticas. Como já mencionado na apresentação das implicações, este estudo nasceu no contexto da pandemia de COVID-19, cujo impacto e efeitos sociais seguem reverberando fortemente em nosso meio ainda hoje.

Produzir um *córpus* linguístico concernente a tal período exigiu uma organização prévia à análise propriamente dita, de tal maneira que os ditos de Bolsonaro, referentes à pandemia, não fossem lidos em nenhum momento como fragmentos estanques ou independentes entre si, mas como elos de uma corrente de discursos-acontecimentos, processualmente considerados. Os ditos constituem-se como a materialidade dos elos que, encadeados, conformam o fio, a corrente discursiva que institui a política bolsonarista. Como se vê, o tempo (ainda) presente e os processos estão invariavelmente imbricados nesta pesquisa.

Enfocando mais detidamente as fontes jornalísticas compiladas na Tabela 1, no presente capítulo foram discutidos os ditos de Bolsonaro relativos ao período inicial da pandemia de COVID-19 (2020-2021). A referida tabela foi subdividida em sete subgrupos, cada qual

acompanhando um quadro de ditos, conforme descrição feita no capítulo anterior. Essa subdivisão, entendida como um dispositivo analítico, procura seguir a mencionada dimensão dos elos que se afirmam enquanto tais, embora seu sentido repouse no encadeamento discursivo que os sustentam como uma corrente. Tal imagem, presente no texto de Passos e Kastrup (2020), remete à importância de não fragmentar os textos e de resguardar, ao mesmo tempo, sua singularidade, como são, de fato, os próprios elos de uma corrente: visíveis, todos e cada um, mas agrupados, conectados um ao outro, em um encadeamento que, por si, já sugere uma narrativa dos acontecimentos e das forças envolvidas nesses mesmos acontecimentos.

2.2 Ditos de Bolsonaro sobre a pandemia de COVID-19 no Brasil

Os ditos de Bolsonaro sobre a pandemia de COVID-19 no Brasil presentes nas fontes jornalísticas que compõem a Tabela 1, e que serão objeto de análise neste tópico, foram selecionadas a partir de *sites* de notícias e de portais de jornais de grande circulação no país¹¹. Todas essas fontes, datadas de 2020-2021, trazem ditos de Jair Bolsonaro comentando a pandemia de COVID-19.

Para dar visibilidade ao conteúdo, os ditos selecionados foram divididos em subgrupos e dispostos em quadros, os quais incluem, além da transcrição dos ditos, as datas das notícias, seus títulos e os veículos de comunicação que as divulgaram online. Ao final, foram elencadas, como Anexo da dissertação, as fontes jornalísticas completas utilizadas na pesquisa.

2.2.1 O tema do “superdimensionamento” do novo coronavírus

O primeiro elo temático-discursivo da Tabela 1, denominado Subgrupo A, compreende quatro fontes jornalísticas datadas do ano de 2020, as quais apresentam ditos de Bolsonaro agrupados no Quadro 1 sob o título “O tema do ‘superdimensionamento’ do novo coronavírus”. Tais ditos apontam para similaridades relativas à caracterização dos riscos de disseminação do coronavírus no Brasil e, também, para a possibilidade de controle de seus efeitos como negação, pelo ex-presidente, construindo, assim, as bases de seu discurso negacionista.

¹¹ Por conta do período pandêmico, alguns jornais, como O Estado de São Paulo e O Globo, foram objeto de assinatura mensal, visando à busca por informação em um tempo de isolamento, medo e incertezas, tendo servido, tempos depois, à compilação de notícias e de falas concernentes ao traçado das primeiras linhas desta pesquisa.

Quadro 1 – Subgrupo A: O tema do “superdimensionamento” do novo coronavírus

a-1	O Globo	26/01/2020	'Não é uma situação alarmante', diz Bolsonaro sobre coronavírus
<i>“Estamos preocupados obviamente, mas não é uma situação alarmante. Não existe nenhum caso confirmado no Brasil” / “Estamos nos preparando para que, se tivermos no Brasil, que seja atenuado”.</i>			
a-2	O Globo	09/03/2020	Bolsonaro minimiza coronavírus: 'está superdimensionado seu poder destruidor'
<i>“A questão do coronavírus também, no meu entender, está superdimensionado, o poder destruidor desse vírus, talvez esteja sendo potencializado até por questão econômica” / “Os números vêm demonstrando que o Brasil começou a se arrumar em sua economia. Obviamente os números de hoje tem a ver com a queda drástica da Bolsa de Valores no mundo todo, tem a ver com a queda do petróleo que despencou, se eu não me engano, 30%”.</i>			
a-3	O Globo	15/03/2020	Após ir a manifestação, Bolsonaro diz que não pode haver 'histeria' em combate a coronavírus
<i>“Com toda certeza, muitos pegarão isso, independentemente dos cuidados que tomem. Isso vai acontecer mais cedo ou mais tarde. Devemos respeitar, tomar as medidas sanitárias cabíveis, mas não podemos entrar numa neurose, como se fosse o fim do mundo” / “Há certas medidas que vêm sendo tomadas pelos governadores e eles têm autoridade de fazer isso aí. E nós temos que ver aí até que ponto essas medidas vêm afetar nossa economia que grande parte vem do povão. Quando você proíbe jogo de futebol, entre outras coisas, você está partido para o histerismo, no meu entender” / “Devemos tomar providência, porque pode sim transformar em questão bastante grave, mas sem histerismo. A economia tem que funcionar. Não podemos ter uma onda de desemprego. O desemprego leva as pessoas que não se alimentam muito bem, a se alimentar pior ainda e ficar mais sensíveis. Uma vez sendo infectadas e levar até a óbito”.</i>			
a-4	Estadão	17/03/2020	Bolsonaro compara Itália a Copacabana e coronavírus a gravidez: 'vai passar'
<i>“(…) Agora a Itália é uma cidade... é um país parecido com o bairro de Copacabana, onde cada apartamento tem um velhinho ou um casal de velhinhos. Então são muito mais sensíveis, morre mais gente” / “O que é que se dá atenção? Morreu de coronavírus. É que o coronavírus chegou por último e aquela pessoa já bastante debilitada. Agora tem que se levar em conta como um todo do que aquela pessoa faleceu. Se fosse outra gripe qualquer, poderia ter falecido também” / “Tem locais em alguns países que já têm saques acontecendo, isso pode vir para o Brasil, pode ter aproveitamento político em cima disso, a gente não quer pensar nisso daí, mas tem que ter calma. Vai passar. Desculpa aqui, é como uma gravidez, um dia vai nascer a criança. E o vírus ia chegar aqui um dia, acabou chegando”.</i>			

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

Dirigidos a jornalistas em Nova Délhi, na Índia, onde Bolsonaro cumpria agenda oficial da Presidência da República, os ditos presentes na fonte a-1 (O Globo, 26/01/2020) apresentam elementos que sugerem negação a respeito do potencial altamente letal do “novo coronavírus”, vírus causador da COVID-19¹². Observando mais detidamente o discurso direto relatado, na formulação “mas não é uma situação alarmante”, que, inclusive, faz parte do título da notícia, o uso da conjunção “mas” e do advérbio “não” intensificam a ideia de contraposição. Na

¹² A denominação “novo coronavírus”, bastante utilizada em fontes jornalísticas, especialmente no primeiro semestre de 2020, refere-se a um determinado vírus causador de doenças respiratórias graves, até então, quase totalmente desconhecido pela comunidade científica internacional. Esse coronavírus específico recebeu o nome de SARS-COV-2, que significa “síndrome respiratória aguda grave”, tendo sido responsável pela infecção de nome COVID-19 (do inglês, *corona virus disease*). Os primeiros casos da doença foram identificados em fins de 2019, daí a junção do numeral “19” à sigla “COVID” (Fonte: Portal Fiocruz. Por que a doença causada pelo coronavírus recebeu o nome de COVID-19? Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-coronavirus-recebeu-o-nome-de-covid-19>. Acesso em 10 abr. 2023).

continuidade do enunciado, materializa-se a pretensa dúvida “se” haveria ou não contágio da doença no país e, caso houvesse, não viria a ser, de acordo com Bolsonaro, algo grave, mas “atenuado”. O uso do particípio, por sua vez, aponta para uma ação já concluída, terminada. Na organização do enunciado, o presidente, à época, parecia querer dissipar, pelo expediente da negação, os temores a respeito do impacto da disseminação do novo coronavírus no país, apresentando, simultaneamente, a hipótese de uma situação passível de controle.

Além disso, o enunciado, por constituir-se estruturalmente como uma contraposição, pressupõe uma polifonia prévia. Como já mencionado, a base da construção de um discurso reside na diversidade de discursos do Outro/outro que estão presentes na sua trama. A alteridade, essencialmente constitutiva, é o princípio do interdiscurso. Nesse sentido, contextualizar o dito presente na fonte a-1, e todos os demais, aponta para as vozes às quais Bolsonaro desejava se contrapor, contribuindo, também, para visibilizar o movimento processual dos acontecimentos e as forças em embate presentes neste e nos demais ditos que se sucederão. Por isso, um primeiro dado que imediatamente se pode depreender é que os ditos do ex-presidente presentes na fonte a-1 se situam no ambiente de descontrole da disseminação da doença no mundo e, em sua heterogeneidade, fazem alusão a um debate, já em curso àquela altura, referente aos riscos iminentes da disseminação de uma doença nova, letal, sem vacina ou tratamento cientificamente comprovado.

Datada de 26/01/2020, a fonte jornalística que traz as referidas declarações de Bolsonaro foi publicada quatro dias antes da primeira declaração oficial da Organização Mundial de Saúde (OMS) a respeito do novo coronavírus, em um cenário de forte preocupação dos países e dos chefes de Estado do mundo inteiro, ávidos por um posicionamento oficial do referido órgão internacional. A respeito desta Declaração, o diretor-geral da OMS naquele período, Tedros Adhanom Ghebreyesus, informou, em 30/01/2020, que o órgão classificara o surto global do novo coronavírus como emergência de saúde pública de importância internacional (OMS, 2020). Na ocasião, o diretor-geral da OMS versou sobre o surgimento de um patógeno desconhecido “que evoluiu para um surto sem precedentes”, parabenizou a China por ter sequenciado o genoma do vírus, alertou para a necessidade de se restringir sua veloz propagação e manifestou que sua “maior preocupação” seria “o potencial do vírus se espalhar por países com sistemas de saúde mais fracos e mal preparados para lidar com ele” (OMS, 2020).

Ainda que a comunicação da OMS acima relatada tenha ocorrido quatro dias após as declarações de Bolsonaro, o ambiente na comunidade internacional e o desenrolar dos acontecimentos não permitem pressupor um desconhecimento do assunto por parte do, hoje, ex-presidente. Com efeito, o enunciador-jornalista da fonte a-1 informa, ao final do texto da

notícia, que em 25/01/2020, um dia antes das declarações de Bolsonaro, a China comunicara a morte de 56 pessoas por “complicações decorrentes do vírus”. Naquela data, já havia infectados, não apenas na China, mas também nos Estados Unidos, na Tailândia, na Austrália, no Canadá, na Itália e na França. Alguns dias antes da referida declaração de Bolsonaro, a OMS havia divulgado um informe, classificando como “risco global moderado” o feixe de complicações geradas pela disseminação do novo coronavírus, mas voltou atrás logo depois, afirmando que o risco global era, na verdade, alto¹³.

Uma vez que as declarações de Bolsonaro se situam nesse contexto de tensão e turbulência internacional, parece plausível pressupor que o esforço para negar e desqualificar os riscos iminentes relativos ao coronavírus não tenha sido motivado por carência de informações seguras, ou mesmo por precipitação, mas proveniente de um posicionamento político que, embora embrionário, já apresentava um traçado bastante nítido no jogo político de forças que se desenhava àquela altura. O centro da declaração de Bolsonaro reside na contraposição à OMS e aos porta-vozes das recomendações sanitárias no Brasil, reconhecidos como tais pela comunidade científica (como o Instituto Butantan, a Fiocruz e as universidades), tendo em vista os iminentes desdobramentos dessa contraposição na rede de forças atuante no cenário político-econômico brasileiro.

Ainda em relação aos ditos contidos na fonte a-1, um outro dado foi considerado relevante à análise: o uso do particípio “atenuado”. A possibilidade concreta de contaminação e disseminação do coronavírus em território brasileiro, consideradas as dimensões, as fronteiras e a densidade demográfica do país, não eram – e seguem não sendo – elementos, de antemão, passíveis de controle por parte da presidência da República, como a construção do enunciado insinua. Conjecturar, portanto, um impacto “atenuado” soa, obviamente, pouco razoável. Mas, pouco razoável para quem? Como veremos mais à frente, a estruturação do discurso de Bolsonaro apresenta, dentre outros aspectos, uma forte tendência ao protagonismo de sua atuação, de forma autoproclamatória e autorreferente, independente da aderência ou não dos sentidos de seus ditos à realidade – ou, pelo menos, à realidade geralmente crível pela maioria das pessoas. Essa característica do discurso do ex-presidente foi analisada no desenvolvimento da pesquisa, mas é possível, desde já, vislumbrar na liderança da figura pública de Bolsonaro um elemento central da produção de mundo que alimenta a base social do bolsonarismo.

O discurso direto relatado pela fonte a-2 (O Globo, 09/03/2020) traz ditos de Bolsonaro quando de sua viagem a Miami, USA, para um encontro com a comunidade brasileira no país

¹³ Portal BBC News Brasil. O que significa a OMS declarar como de “alto risco global” o surto de coronavírus. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51245045>. Acesso em: 28 maio 2023.

e para um jantar com o, à época, presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Os ditos contidos na fonte relatam uma afirmação feita pelo próprio Bolsonaro que desvela outros elementos constitutivos do discurso do ex-presidente sobre a pandemia. Mediada pela expressão “no meu entender”, que parece antecipar uma elaboração pessoal em relação a determinado conteúdo previamente conhecido, o discurso direto de Bolsonaro relatado na fonte a-2 segue na linha de contraposição pessoal ao discurso de alto risco global do coronavírus.

Individualizando um espaço de fala concernente ao lugar institucional de Presidente da República, por ele ocupado à ocasião, Bolsonaro afirmou que o “poder destruidor” do vírus estaria sendo “superdimensionado” e “talvez” estivesse “sendo potencializado até por questão econômica”. O uso do advérbio de dúvida parece indicar uma dupla tentativa: por um lado, efetuar um esvaziamento do lugar ocupado pelas recomendações sanitárias internacionais; por outro, semear junto à sua base social um sentimento de desconfiança a respeito das mesmas recomendações.

Esse estímulo a descredibilizar os posicionamentos oficiais dos órgãos de saúde apontava para uma direção bem delineada, isto é, a direção da negação pelo recurso à desconfiança, pelo convite ao destemor, pela possibilidade, por ele lançada, do dimensionamento dos riscos ter sido “equivocadamente” avaliado pela OMS. Ao procurar semear o sentimento de menosprezo ao discurso propagado pelos órgãos de saúde, Bolsonaro sugeria seu próprio ato de fala como eixo alternativo de produção de sentidos, o que viria a desencadear consequências no jogo de poder presente e atuante no encadeamento dos ditos e dos acontecimentos¹⁴. Afinal, se havia a chance de o “poder destruidor” do coronavírus ter sido “superdimensionado”, era preciso, então, redimensioná-lo através de outra prática discursiva.

A motivação do discurso de negação dos riscos inerentes ao coronavírus e a desqualificação dos órgãos de saúde torna-se mais nítida à medida que analisamos a pressuposição apresentada pelo ex-presidente: “por questão econômica”. Tal pressuposição, aliada à incredulidade em relação à OMS e outras instituições, começou a motivar, no seio do bolsonarismo, a formação de uma perspectiva de polarização com os órgãos de saúde alinhados à OMS, o qual foi transformado, pouco a pouco, em inimigo político do ex-presidente e, por isso, em alvo a ser atingido e descredibilizado.

¹⁴ Bolsonaro não estava totalmente isolado na comunidade científica em função de seu negacionismo. O Conselho Federal de Medicina, por diversas ocasiões, silenciou ou embasou declarações de Bolsonaro, contribuindo para o processo de relativização das recomendações sanitárias. Como se vê, muitas vezes o discurso dito “científico” pode seguir por vias distintas, a depender do posicionamento político que o direciona e das relações de poder imbricadas. Cf. El País. Como o CFM silenciou diante do negacionismo de Bolsonaro e abraçou a cloroquina. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-15/como-o-conselho-de-medicina-silenciou-diante-do-negacionismo-de-bolsonaro-e-abracou-a-cloroquina.html>. Acesso em: 15 abr. 2024.

Não por acaso, a dimensão econômica aparece nos ditos de Bolsonaro desde os momentos iniciais da eclosão da pandemia de COVID-19. Como a análise processual em curso procura demonstrar, a preocupação prioritária com os rumos da economia no país, mesmo diante de uma pandemia que inevitavelmente viria a impactar o curso da vida e da História, é um dos pilares da política bolsonarista nos anos 2020-2021 – e não apenas nesse período. Mesmo que de maneira ainda não tão nítida, Bolsonaro desdobra, no discurso direto relatado pela fonte a-2, implicações de ordem político-econômica que, até então, não estavam evidenciadas, trazendo à superfície discursiva algumas das forças em embate.

A fonte a-2 começa a visibilizar mais nitidamente o que Starling, Lago e Bignotto (2022) sinalizam como “linguagem da destruição”, isto é, um método de formulação enunciativa que se caracteriza, em síntese, pela truculência, pela limitação proposital do repertório linguístico, pela deturpação conceitual calculada, pela transformação do divergente em inimigo, envilecendo-o (Starling; Lago; Bignotto, 2022). Com efeito, ao afirmar que “o Brasil começou a se arrumar em sua economia”, o então presidente já apontava, ainda que de modo implícito, para a falsa polêmica que norteou seu discurso na pandemia: a ideia de que os índices econômicos do país tinham melhorado em função das políticas implementadas pelo governo federal, e a ideia de que os riscos “superdimensionados” apontados pela OMS viriam a, propositalmente, desestabilizar essa mesma política, atingindo, assim, seu próprio governo e o projeto de poder promovido pelo bolsonarismo. Conseqüentemente, seria preciso, através de um embate narrativo, refutar a realidade tangível da pandemia e as vozes que afirmavam os riscos letais de sua disseminação, procurando operar, através de uma prática discursiva, a produção de um outro mundo, de um mundo que considerasse a COVID-19, conforme atesta o dito que gerou o título da pesquisa, uma simples “gripezinha”.

A fonte a-3 (O Globo, 15/03/2020) apresenta ditos de Bolsonaro citados pela reportagem, proferidos no contexto da realização de atos pelo país convocados em apoio ao governo federal¹⁵. À guisa de informação, convém rememorar que, na data em que tais ditos

¹⁵ Convocadas pelas redes sociais com a hashtag #BolsonaroDay, mesmo diante do agravamento da COVID-19 no país, as manifestações de 15/03/2020 ficaram conhecidas pela designação de “Dia do Foda-se”, em alusão ao termo utilizado pelo Gen. Augusto Heleno, chefe do Gabinete de Segurança Institucional do governo. As manifestações tiveram como pauta uma série de reivindicações de cunho regressivo, como fechamento do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Congresso Nacional, intervenção militar e volta do Ato Institucional nº 5 (AI-5), símbolo da repressão violenta da ditadura militar. Alguns manifestantes levaram faixas e cartazes ironizando a COVID-19 e desqualificando as instituições democráticas (Fonte: Portal Metrôpoles. Apesar do coronavírus, ato pró-Bolsonaro atrai manifestantes. <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/ato-pro-bolsonaro-tem-baixa-adesao-na-esplanada-em-brasilia>. Acesso em: 21 ago. 2023)

foram relatados, já haviam sido registrados 5.735 óbitos¹⁶ em função da doença. No Brasil, a primeira morte por COVID-19 ocorrera três dias antes¹⁷. Conforme relata o enunciador-jornalista da fonte, Bolsonaro esteve presente na manifestação ocorrida em Brasília-DF, sem máscara de proteção – uma das recomendações sanitárias em vigor no período pandêmico – e vestindo uma camisa da seleção brasileira de futebol, vestimenta típica da direita e extrema direita no país desde as manifestações pró-golpe/*impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff.

Ainda de acordo com a fonte, o ex-presidente cumprimentou um número significativo de manifestantes que, seguindo o exemplo de seu líder, também estavam sem máscaras de proteção, descumprindo, pois, uma importante recomendação sanitária. Esses atos marcam a adesão formal pública da base social bolsonarista à política de gestão da pandemia implementada por Bolsonaro, uma política que vinha se consolidando concomitantemente à formulação de um discurso que, como apontam as pistas e os referenciais teóricos que guiam este trabalho, é considerado de caráter necropolítico.

Seguindo o pressuposto metodológico do acompanhamento de processos, parece evidente que a convocação da base social bolsonarista, e o assentimento dessa mesma base aos ditos de Bolsonaro, acabou funcionando como uma espécie de motor para a intensificação do tom utilizado pelo ex-presidente, visando desqualificar os riscos do coronavírus. Os discursos diretos reproduzidos pela fonte a-3 parecem corroborar essa avaliação e sugerem, agora mais explicitamente, sua motivação. “Com toda certeza, muitos pegarão isso, independentemente dos cuidados que tomem. Isso vai acontecer mais cedo ou mais tarde. Devemos respeitar, tomar as medidas sanitárias cabíveis, mas não podemos entrar numa neurose, como se fosse o fim do mundo”.

No trecho acima, delinea-se de maneira mais objetiva o que a presente pesquisa entende como política bolsonarista de gestão da pandemia: o desenvolvimento da perspectiva de negação aprofunda-se, distendendo-se na relativização da contaminação pelo coronavírus em tom profético, verificável pela flexão do verbo no enunciado “muitos pegarão isso”, e pela consequente normalização da morte pela doença. A dimensão de negação, também presente estruturalmente nos discursos já apresentados e comentados, consolidada pela ideia de

¹⁶ World Health Organization. Coronavirus disease 2019: Situation report 55. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200315-sitrep-55-covid-19.pdf?sfvrsn=33daa5cb_8. Acesso em: 10 abr. 2023.

¹⁷ Fonte: CNN Brasil. Primeira morte por Covid-19 no país ocorreu em 12 de março em SP, diz ministério. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/primeira-morte-por-covid-19-no-pais-ocorreu-em-12-de-marco-em-sp-diz-ministerio>. Acesso em 21 ago. 2023.

“superdimensionamento” e aliada ao assentimento popular verificável nos atos de 15/03/2020, ganha novos contornos, passando a comportar uma dupla dimensão de relativização: por um lado, Bolsonaro naturalizava a contaminação, aderindo à política de fato consumado pela afirmação de uma pretensa inevitabilidade. Por outro lado, o ex-presidente normalizava o impacto dessa mesma contaminação em massa e da própria pandemia em si, classificando como “neurose” a preocupação e as medidas sanitárias oficiais de cuidado e de controle da disseminação do coronavírus.

Ao utilizar um palavreado concernente à área de saúde mental, explorando seus sentidos preconceituosos, Bolsonaro resgatava o imaginário popular psicofóbico e, com base em um discurso opressor, tentava descredibilizar os cuidados sanitários, normalizando, por conseguinte, o não-cuidado. Afinal, contrair a doença seria algo que iria “acontecer mais cedo ou mais tarde” e preocupar-se com a ampliação de sua contaminação não passava de “histerismo”. Retomando Starling, Lago e Bignotto (2022), a limitação proposital do repertório linguístico e a deturpação conceitual calculada são traços evidentes de uma linguagem que tem como meta a destruição.

A inversão proposta por Bolsonaro relativizava os riscos sanitários, normalizava a contaminação pelo coronavírus, patologizava a prevenção e problematizava exclusivamente a economia do país. Estabelecia-se, assim, o falso dilema que alicerçou a política bolsonarista de gestão da pandemia: *escolher* o distanciamento social e correr o risco de perder trabalho e renda, ou *escolher* a manutenção da rotina de trabalho presencial e assumir os riscos de contaminação pela doença. “A economia tem que funcionar. Não podemos ter uma onda de desemprego”. No embate de forças, manter funcionando a engrenagem econômica da sociedade do capital era decisivo para o projeto de poder que tinha Bolsonaro como seu mais eficiente porta-voz. Conduzir os trabalhadores à compreensão do papel desempenhado por cada um nas intrincadas relações de poder que subjazem à engrenagem político-econômica em curso, também era decisivo.

Ao final da fala, é possível verificar que o falso dilema foi capaz de gerar, por sua vez, uma falsa simetria. Novamente, a inversão de sentidos se fez presente a serviço do negacionismo: “O desemprego leva as pessoas que não se alimentam muito bem, a se alimentar pior ainda e ficar mais sensíveis. Uma vez sendo infectadas e levar até a óbito”. Propondo uma sintomatologia para o desemprego, Bolsonaro, além de patologizá-lo como se fosse uma doença real, fez a opção política pelo rebaixamento da COVID-19 na ordem das preocupações institucionais, relativizando-a diante de uma falsa “patologia”.

Nos ditos da fonte a-4 (Estadão, 17/03/2020), relatados a partir de uma entrevista de Bolsonaro ao chegar ao Palácio da Alvorada (Brasília-DF)¹⁸, o ex-presidente ratificava, assim como nas fontes anteriores, a negação dos riscos inerentes à COVID-19, intensificando a perspectiva da contaminação compulsória e do descarte institucionalizado de vidas. Conforme relata o texto jornalístico, para tentar conferir credibilidade ao próprio dito, Bolsonaro tentava justificar a disparada do número de óbitos na Itália através da relativização da morte de pessoas com idade avançada, relativizando, assim, a própria COVID-19 como *causa mortis*. Citando o discurso direto reproduzido pela fonte, Bolsonaro afirmou a respeito das pessoas idosas que essas “[...] são muito mais sensíveis, morre mais gente”.

Em relação à causa dos óbitos, o ex-presidente sentenciou: “É que o coronavírus chegou por último e aquela pessoa já bastante debilitada. Agora tem que se levar em conta como um todo do que aquela pessoa faleceu. Se fosse outra gripe qualquer, poderia ter falecido também”. A estrutura do enunciado merece atenção: ao relativizar os óbitos causados pelo coronavírus, o ex-presidente operava um duplo movimento: normalizava a morte dos idosos e, em uma leitura de contrários, dava a entender, simultaneamente, que pessoas mais jovens – e em atividade no âmbito profissional – teriam menos chances de perder a vida para a COVID-19, não precisando permanecer em isolamento social.

Chama a atenção, com efeito, um outro aspecto da construção enunciativa do ex-presidente: ao inferir a hipótese de que as mortes de idosos por COVID-19 deveriam ser relativizadas – diante da possibilidade real de que enfermidades graves preexistentes se constituíssem como fatores intensificadores das complicações geradas pela doença – Bolsonaro tentava capturar, ainda que de maneira rudimentar, a aparência das formulações científicas, distorcendo, no entanto, o que diziam os órgãos de saúde a respeito da gravidade da COVID-19. O uso reiterado do presente do indicativo é uma característica deste tipo de formulação.

A fonte a-4 manifesta que, ao aprofundar o teor negacionista de seu discurso, Bolsonaro ratificava a contaminação compulsória como um dado inevitável. Dois aspectos parecem estar interligados nos ditos reproduzidos pela fonte. De um lado, o ex-presidente procurava conferir um pretenso estatuto científico à própria voz, imprimindo ao seu discurso uma aparência verossímil. De outro, tentava disseminar a ideia de uma aceitação prévia do adoecimento e da

¹⁸ Diversas fontes jornalísticas trazem a informação de que os ditos de Bolsonaro foram proferidos “ao chegar” ou “ao sair” do Palácio da Alvorada (Brasília-DF). Isso se deve a um costume, introduzido por Bolsonaro, de emitir declarações no espaço que ficou conhecido em seu governo como “cercadinho” e que se constituiu como uma estrutura metálica, onde apoiadores de seu governo poderiam conversar com o então Presidente. Graças à sua aversão à imprensa oficial, Bolsonaro concedia entrevistas ou simplesmente respondia a questionamentos diversos também nesse espaço. O “cercadinho” foi palco de inúmeras declarações de Bolsonaro ao longo dos seus quatro anos de mandato, tendo sido desmontado após a conclusão de seu mandato como Presidente da República.

morte de idosos, pessoas com comorbidades e deficiências. Sabemos que, contrariamente ao que sentenciava ele à época, a COVID-19 não era (e segue não sendo) uma doença exclusiva desses grupos de pessoas, tendo levado a óbito crianças, jovens e adultos, com ou sem fatores de risco¹⁹.

No ensaio *Necropolítica*, o filósofo e historiador Achille Mbembe (2018) desenvolve o pressuposto de que “[...] a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (Mbembe, 2018, p. 5). Tal exercício de poder, com efeito, evidencia-se no controle sobre a morte e na concessão, pelo soberano, do direito de viver. A necropolítica se desenvolve, pois, a partir do atributo peculiar do soberano: determinar o destino das pessoas que vivem sob seu poder, valendo-se, ainda conforme Mbembe (2018), do argumento do “regime de exceção”, de uma “suposta emergência” ou mesmo de um “inimigo ficcional”. Ou ainda, conforme elaborações de Michel Foucault (1997), sob seu biopoder, conceito que pode ser definido como “domínio da vida sobre o qual o poder estabeleceu o controle” (Foucault, 1997, p. 213-234).

Ao lançar mão de um discurso de polarização com as entidades de saúde pública, defendendo uma política de descarte consentido de vidas, Bolsonaro designava o discurso científico que o desagradava como inimigo político e, ao mesmo tempo, simulava uma falsa emergência: “salvar” a economia do país e, por conseguinte, seu próprio governo. Através da relativização da morte de pessoas idosas, com comorbidades ou deficiências, Bolsonaro exercia seu poder soberano de determinar quem deveria morrer para que a economia do país não fosse afetada, o que, na prática, não passava de uma narrativa de normatização da barbárie.

Ao mesmo tempo, sabendo que a letalidade da COVID-19 àquela altura não era exclusividade desse grupo de pessoas, o ex-presidente promovia um discurso deliberadamente falacioso, dirigido ao conjunto da classe trabalhadora – cuja força laboral era essencial para o capital – estimulando-a a ignorar o isolamento social e a se expor à contaminação. Tal discurso estava afinado com as frações do empresariado descontentes com as medidas de distanciamento social decretadas por diversos governadores e prefeitos²⁰. O entrelaçamento da necropolítica

¹⁹ Portal de Notícias UOL. COVID não mata apenas idosos e doentes crônicos. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2021/02/20/covid-19-nao-mata-apos-idosos-e-doentes-cronicos.htm>. Acesso em: 23 ago. 2023.

²⁰ O primeiro óbito por COVID-19 no país desencadeou a adoção, em diversos estados e municípios, de diversas medidas de contenção da disseminação do coronavírus. Tais medidas estavam baseadas no conteúdo da Lei Federal nº 13.979 (06/02/2020), assinada por Bolsonaro e elaborada pelo Ministério da Saúde, em consonância com o disposto nas Declarações publicizadas pela OMS (2020). Visando à “proteção da coletividade”, a lei estabelecia a possível adoção de medidas como isolamento social, quarentena, exames e vacinação obrigatória.

bolsonarista com as políticas neoliberais evidenciava-se à medida que a pandemia se aprofundava.

Em determinado momento, Bolsonaro instrumentalizou o medo ao sugerir a possibilidade de saques no país e de “aproveitamento político”, atuando, mais uma vez, sob a lógica da luta contra um inimigo político, elemento recorrente em seu discurso e que alimenta sua base social. Para coroar este conjunto de ditos, o trecho final da fonte a-4 sintetiza o discurso e a política do bolsonarismo que estava por vir: “[...] é como uma gravidez, um dia vai nascer a criança. E o vírus ia chegar aqui um dia, acabou chegando”.

A política do fato consumado justaposta à alegoria da gravidez, utilizada como paralelo à eclosão, no país, de uma doença respiratória, até então sem tratamento e que matava por asfixia, já seria, em si, uma expressão repulsiva. Ao equiparar os sentidos relativos ao nascimento e à letalidade, Bolsonaro consolidava a adoção de uma política de gestão da vida e da morte na pandemia, a qual, por sua vez, sustentava uma produção de mundo própria, pautada pela banalidade do mal.

2.2.2 O tema do abrandamento dos riscos da COVID-19

O segundo elo temático-discursivo da Tabela 1, denominado Subgrupo B, compreende quatro fontes jornalísticas datadas do ano de 2020 (Quadro 2). Essas fontes foram agrupadas sob o título acima, uma vez que os ditos por elas reproduzidos delineiam mais nitidamente a narrativa necropolítica de descarte de vidas, procurando naturalizá-la, normalizá-la e, por que não dizer, normatizá-la. Se, conforme Silvio de Almeida (2021), a necropolítica se manifesta através de “mecanismos de produção sistemática da morte” (Almeida, 2021, p. 1), o discurso de Bolsonaro constituiu-se como um desses mecanismos que, no neoliberalismo²¹, categorizam a humanidade em raças superiores e inferiores sobre as quais o poder soberano exerce sua singularidade: o poder de matar (Almeida, 2021, p. 9). Nos enunciados, Bolsonaro tenta convencer sua base de que as classes inferiores passíveis de morrer são os idosos, as pessoas com fatores de risco e as pessoas com deficiências. Entretanto, a classe inferior para a política de morte de Bolsonaro, de acordo com a análise desenvolvida, era, na verdade, a classe trabalhadora em si.

²¹ No Capítulo 3, apresento alguns comentários formulados por Brown (2019) que contribuem para a compreensão das relações entre os conceitos de neoliberalismo, de neofascismo e de necropolítica, à luz dos objetivos do presente trabalho de pesquisa.

Quadro 2 – Subgrupo B: O tema do abrandamento dos riscos da COVID-19

b-1	Portal Uol	11/03/2020	Bolsonaro: 'Não sou médico; pelo que ouvi, outras gripes mataram mais' "Eu não sou médico, eu não sou infectologista. O que eu ouvi até o momento, outras queixas mataram mais do que essa".
b-2	O Globo	19/03/2020	Bolsonaro volta a minimizar coronavírus: 'Em alguns poucos casos pode levar a óbito' "Para algumas pessoas, mais idosas, que têm outros problemas, a infecção torna-se grave. E, realmente, em alguns poucos casos pode levar a óbito" / "() Mais da metade, adquire o vírus e nem fica sabendo. Dessa outra metade que sobra, quase 80 e poucos por cento, segundo dados estatísticos aí, vão ter algum tipo de sintoma. E apenas em torno de 5%, e assim mesmo, um percentual menor disso, depois, em cima disso, que pega os mais idosos, que vai ter algum problema mais grave" / "Mas obviamente estamos tomando as medidas cabíveis. O meu trabalho é não levar pânico à população brasileira" / "Obviamente, em sendo infectado, até que ponto o vírus influenciou nesse óbito ou essa pessoa já estava numa situação bastante complicada pela idade avançada e também por problemas de saúde".
b-3	O Globo	20/03/2020	Bolsonaro volta a minimizar pandemia e chama Covid-19 de 'gripezinha' "Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar".
b-4	O Globo	27/03/2020	Sem provas, Bolsonaro questiona número de mortos por Covid-19 e fala em fraude para 'uso político' "Agora, o que estou vendo também, em alguns estados do Brasil, se eu não estou politizando, se eu for ver, ninguém mais, quase ninguém mais está morrendo de H1N1. Todo mundo é COVID-19. Parece que a intenção é de potencializar isso para falar: 'Tá vendo, o que eu fiz justificou, morreram tantas pessoas. Se eu não tivesse feito, teriam morrido cinco, 10 ou 20 vezes mais'" / "Procura saber por estado quantos morreram de H1N1 até o momento. Não é que eu queira que tenha morrido, mas ano passado foram 700 pessoas mais ou menos. Vai ter que ter alguém que morreu esse ano disso daí. Se for todo mundo com coronavírus, é sinal de que tem estado que está fraudando a causa mortis daquelas pessoas, querendo fazer um uso político de números" / "O vírus evolui, nós temos informações do mundo todo de como as coisas estão sendo tratadas, inclusive certos mitos nós estamos desfazendo. () Agora tem estudo dizendo que a grande maioria das mortes na Itália não tem nada a ver com o vírus. Foi uma região específica, mais fria e a idade média dos mortos era de 80 anos. E pessoas com duas, três outras doenças" / "Alguns vão morrer? Vão morrer. Lamento, lamento. Essa é a vida, essa é a realidade. Não podemos parar a fábrica de automóveis porque tem 60 mil mortes no trânsito no ano".

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

A fonte b-1 (Portal Uol, 11/03/2020) foi publicada quatro dias antes do ato de 15/03/2020²². Essa fonte também data do mesmo dia em que a Organização Mundial de Saúde elevou o surto do novo coronavírus à categoria de pandemia global²³. Diante desse contexto, o discurso direto reproduzido pela referida fonte ganha outros contornos: "Eu não sou médico, eu não sou infectologista. O que eu ouvi até o momento, outras queixas mataram mais do que essa". Não por acaso, o pronome pessoal "eu" foi utilizado três vezes por Bolsonaro no enunciado. Ao mesmo tempo em que informa que não é médico, nem infectologista – mas divulga um dado sem comprovação que, tecnicamente, não caberia a ele em função da referida falta de formação – o dito assume efeito contrário e afirma-se exatamente pela dúvida que procura estabelecer.

²² Embora os ditos relativos ao contexto das manifestações realizadas nesse dia já tenham sido comentados anteriormente junto às análises das fontes do Subgrupo A, outras declarações de Bolsonaro referentes à relativização da COVID-19 presentes na mencionada fonte b-1 possuem grande similaridade com os demais ditos do Subgrupo B, daí sua localização neste subgrupo temático.

²³ UNASUS. OMS declara pandemia do novo Coronavírus. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 27 abr. 2023.

Em outras palavras, o dito de Bolsonaro conduz à compreensão de que, mesmo não tendo o ex-presidente formação em medicina ou infectologia, sua base social viria a desconfiar de qualquer informação advinda dos órgãos oficiais de saúde questionados por Bolsonaro, estando predisposta a acreditar, por princípio, exclusivamente no que ele dizia. Negacionismo e anticientificismo, obviamente, caminham juntos na necropolítica bolsonarista e estão na base da construção das *fake news* do período pandêmico.

A dinâmica da dubiedade, presente nas fontes do Subgrupo A, segue aparecendo no discurso do ex-presidente relatado pelas fontes constantes no Subgrupo B. No trecho em análise, a incerteza lançada por Bolsonaro acabava relativizando as especificidades concernentes ao desempenho das funções na área de saúde, assim como a origem e a natureza das informações. Por outro lado, ao estabelecer junto à sua base uma dúvida sobre o poder letal do coronavírus, insinuando que “outras gripes mataram mais”, Bolsonaro continuou a alimentar o discurso de descredibilização das informações sobre a doença emanadas pelos órgãos de saúde e divulgadas pelos veículos oficiais de imprensa. Entretanto, a referida incerteza não foi construída a partir de um embate de posições, com argumentos e posicionamentos objetivos de cada lado. O cerne do convite a duvidar residia na postulação da contraposição às vozes que faziam ecoar o discurso de segurança sanitária. Este eixo, com efeito, apresenta uma série de desdobramentos. Parece nítido que o recurso à incerteza intensificou o teor negacionista do discurso bolsonarista à medida que a pandemia se desenvolvia.

O enunciado que antecede a afirmação de que “outras gripes mataram mais” inicia-se com a construção “o que eu ouvi até o momento”, mencionando o pronome pessoal “eu” pela terceira vez antes de anunciar um dado não comprovado. O “eu” de Bolsonaro no discurso chancela a informação inverídica e fornece ao bolsonarismo a garantia de que, a despeito dos posicionamentos dos órgãos oficiais de saúde pública, a narrativa dos acontecimentos teria como princípio uma outra produção de mundo, de base negacionista, e que considerava os órgãos de saúde como inimigos passíveis de combate. O dito, centrado na primeira pessoa do singular, desloca propositalmente o lugar de fala institucional para o âmbito pessoal. Bolsonaro não queria falar como Presidente, queria falar como líder para a sua base social.

Assim, a tentativa de atenuar o real risco de vida decorrente da COVID-19, em um claro boicote às orientações sanitárias oficiais, parecia objetivar o fim das medidas de isolamento social instituídas pelos governos de diversos estados da federação e prefeituras. Esse processo será detalhado na análise referente ao próximo subgrupo, porém, já é possível vislumbrar aqui um duplo deslocamento: provocar nos trabalhadores um movimento de relativização dos riscos referentes à contaminação pelo coronavírus e, concomitantemente, um movimento de adesão à

narrativa necropolítica de descarte institucionalizado de vidas e de relativização e normalização das mortes pela doença.

O movimento de releitura das informações emanadas pelos órgãos de saúde – à moda do revisionismo historiográfico – seguia de forma intensa. Conforme discurso direto relatado pela fonte b-2 (O Globo, 19/03/2020), Bolsonaro havia ratificado, em *live* realizada a partir de seu perfil público na rede social *Facebook*, a narrativa de segmentação iniciada dias antes, quando afirmara que idosos, pessoas com comorbidades ou deficiências poderiam vir a ser, prioritariamente, as possíveis vítimas da COVID-19.

De acordo com o enunciador-jornalista, Bolsonaro reconhecera, pela primeira vez, a gravidade da disseminação da pandemia no país. Contudo, seguia minimizando os efeitos da doença. A estruturação do dito induz à ideia de que o ex-presidente dispunha de algum conhecimento prévio do assunto: “Mais da metade adquire o vírus e nem fica sabendo. Dessa outra metade que sobra, quase 80 e poucos por cento, segundo dados estatísticos aí, vão ter algum tipo de sintoma. E apenas em torno de 5%, e assim mesmo, um percentual menor disso, depois, em cima disso, que pega os mais idosos, que vai ter algum problema mais grave”. Segundo Bolsonaro, a doença se tornaria grave “para algumas pessoas” que estivessem em “situação bastante complicada pela idade avançada e, também, por problemas de saúde”. Mas somente conduziria a óbito “em alguns poucos casos”.

Como se pode perceber, mesmo partindo de um enunciado truncado e sem menção à fonte da informação, a adoção de percentuais como mecanismo de legitimação do dito e a intenção de formular um pretense discurso científico, como atesta o uso do presente do indicativo, sugerem uma tentativa de remodelar a argumentação, ressignificando, pela via do abrandamento, a contraposição aos riscos da COVID-19. A mudança qualitativa no modo de construção enunciativa reforça o discurso de aceitação das contaminações e mortes para que a economia não fosse afetada e para que os trabalhadores não deixassem de produzir a partir de seus postos de trabalho. Tendo como foco atingir não apenas a base social do bolsonarismo, mas a parcela da população que dava sustentação ao seu governo, o discurso de abrandamento, assumido por Bolsonaro, visava à naturalização, pela própria população, dos impactos da pandemia. Era o prenúncio da “volta à normalidade”, defendida por Bolsonaro, em um momento no qual o sistema de saúde de todo o país já se encontrava à beira do colapso²⁴.

²⁴ Agência Brasil. Sistema de saúde pode entrar em colapso em abril, diz ministro da saúde. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/sistema-de-saude-pode-entrar-em-colapso-em-abril-diz-ministro-da-saude>. Acesso em: 30 nov. 2023.

A recorrência do dito, segundo o qual os principais grupos de risco – pessoas com idade avançada, com comorbidades ou deficiências – se converteriam, necessariamente, nas possíveis vítimas da doença, aponta para uma outra característica do discurso de Bolsonaro: a repetição exaustiva de dados e de ideias consideradas basilares para o trabalho de divulgação do ideário bolsonarista junto à sua base social e para além dela.

Para coroar a tentativa de abrandamento do impacto da COVID-19, Bolsonaro declarou: “Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar”, rememorando o atentado sofrido durante a campanha presidencial de 2018²⁵, que, coincidentemente ou não, gerou grande comoção popular à época. No discurso direto relatado pela fonte b-3 (O Globo, 20/03/2020), o então presidente fez alusão às desconfianças recentes se teria ou não contraído a doença. Mais uma vez, a ideia de contraposição visibiliza uma polifonia implícita na estrutura do dito.

Iniciado a partir da noção de “superdimensionamento”, utilizada recorrentemente por Bolsonaro para desacreditar a gravidade inerente a uma doença letal, o discurso/movimento de desqualificação da COVID-19 encaminhava-se, a partir do rótulo de “gripezinha”, para o estágio de ridicularização de suas consequências²⁶. A palavra “gripe”, de uso corrente, designa, para o senso comum, uma enfermidade considerada branda, na maioria dos casos, e corriqueira, presente no dia a dia da população. Em geral, ninguém deixa de trabalhar em função de uma gripe sem maiores consequências. O uso do diminutivo “gripezinha” também tinha uma implicação pessoal. De acordo com o relato do enunciador-jornalista da fonte, pelo menos 22 pessoas que tiveram contato com Bolsonaro por ocasião da viagem aos EUA haviam testado positivo para a COVID-19. O então presidente, no entanto, rejeitou a hipótese de estar infectado à época, alegando ter feito dois testes que negativaram para a doença.

Assim, denominar a COVID-19, doença respiratória causada pelo coronavírus, como “gripezinha” tinha ares de abrandamento e relativização, em uma evidente tentativa de alterar o estatuto semântico da doença e, conseqüentemente, dos impactos da própria pandemia no país. A formulação e o uso do diminutivo visavam à desqualificação das possíveis complicações causadas pela doença. Ignorados os riscos, a maioria das pessoas tenderia a não enxergar nela uma ameaça significativa às suas vidas. Não acreditando nos riscos inerentes à contaminação,

²⁵ Portal G1. Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acesso em: 29 abr. 2023.

²⁶ Em 24/03/2020, Bolsonaro, em pronunciamento oficial, voltou a utilizar o termo “gripezinha” para se referir à COVID-19: “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado com o vírus, não precisaria me preocupar. Nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho” (Fonte: Estado de Minas. Há um ano, Bolsonaro chamava COVID de gripezinha em rede nacional. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/03/24/interna_politica,1250005/ha-um-ano-bolsonaro-chamava-covid-de-gripezinha-em-rede-nacional-relembre.shtml. Acesso em: 28 ago. 2023.

o distanciamento social e os protocolos sanitários deixariam de ser seguidos. Com isso, tanto a transmissibilidade quanto a ocorrência de casos graves e óbitos aumentariam. A concepção de vida descartável, promovida pelo discurso de Bolsonaro, intensificava-se, dia após dia, em uma trama cada vez mais encorpada pela relativização da vida, pela naturalização da morte e pelo escárnio presente em sua necrolinguagem. Não por acaso, a designação “gripezinha” passou a integrar o título do presente trabalho de pesquisa.

Em sua teorização sobre o conceito de necropolítica, Mbembe (2018) sinaliza que o exercício soberano de determinar quem pode viver e quem deve morrer se baseia em um perene chamado “à exceção, emergência e a uma noção ficcional do inimigo” (Mbembe, 2018, p. 17). A ideia de exceção fundamentaria ações emergenciais, de iniciativa do soberano, como forma de reagir à figura do inimigo político. Como veremos no próximo dito, Bolsonaro elegeu os órgãos oficiais de saúde como inimigos de seu governo.

Alguns governadores e prefeitos, perante as declarações de Bolsonaro, dentro das prerrogativas conferidas pelos cargos, estabeleceram, em seus estados e municípios, diretrizes próprias para enfrentamento à pandemia, contrariando o ex-presidente. Os ditos consignados na fonte b-4, de 27/03/2020, relatados a partir de uma entrevista de Bolsonaro, via telefone, ao programa sensacionalista *Brasil Urgente* da Rede Bandeirantes de TV, atestam esse embate político-institucional. No relato da entrevista, Bolsonaro questionou o número de óbitos por COVID-19 e por H1N1, valendo-se, mais uma vez, do recurso à dubiedade para desqualificar os dados fornecidos pelas secretarias de saúde dos estados e, assim, interpelar as ações de combate ao coronavírus, especialmente aquelas relativas às medidas de isolamento social.

“Agora, o que estou vendo também, em alguns estados do Brasil, se eu não estou politizando, se eu for ver, ninguém mais, quase ninguém mais está morrendo de H1N1. Todo mundo é COVID-19. Parece que a intenção é de potencializar isso para falar: ‘Tá vendo, o que eu fiz justificou, morreram tantas pessoas. Se eu não tivesse feito, teriam morrido cinco, 10 ou 20 vezes mais’”. Reforçando o tom de desconfiança, dessa vez sobre os dados fornecidos pelas Secretarias Estaduais de Saúde, Bolsonaro, “sem provas”, como alerta o enunciador-jornalista, ironizava as tentativas dos governos estaduais de implementar medidas de redução das contaminações e, conseqüentemente, do número de óbitos por COVID-19. Na mesma oportunidade, insinua que uma parcela das mortes pela doença seria, na verdade, por H1N1: “Se for todo mundo com coronavírus, é sinal de que tem estado que está fraudando a *causa mortis* daquelas pessoas, querendo fazer um uso político de números”.

Como se vê, o tom de contraposição às informações oficiais advindas das secretarias de saúde dos estados intensificou-se. Mesmo sem qualquer respaldo objetivo, Bolsonaro simulava

uma explicação para a relação por ele estabelecida entre COVID-19 e H1N1, concluindo, também sem nenhum fundamento, que haveria uma “intenção” subjacente à fictícia fraude nos dados: fazer “uso político de números”. A ideia de inimigo político – definido pelo soberano como tal – novamente se fazia presente no dito. Ao mesmo tempo, Bolsonaro reforçava junto à sua base social a promoção do próprio discurso como eixo alternativo de produção de sentidos.

Dois outros aspectos chamam a atenção neste dito: primeiramente, a tendência a seguir entabulando um suposto discurso científico, através da simulação de explicações para questionamentos não persistentes fora do mundo bolsonarista. Em segundo, a aparente ressalva “se eu não estou politizando”, que dialoga diretamente com sua base social e sugere uma aparente postura de isenção na formulação do enunciado. Ou seja, este dito parece situar-se na esfera dos discursos voltados à arregimentação da própria base social.

O desenvolvimento da análise permite admitir que a tática de construção de um suposto discurso científico é, efetivamente, o eixo dos ditos reunidos na fonte b-4. “O vírus evolui, nós temos informações do mundo todo de como as coisas estão sendo tratadas, inclusive certos mitos nós estamos desfazendo”. O esforço de desconstrução do discurso de prevenção emanado pelos órgãos de saúde não comporta espaços vazios. E Bolsonaro sabia disso. Aos “mitos” que o ex-presidente afirmou estar “desfazendo” seria preciso responder com um conteúdo voltado a fundamentar a contraposição.

A continuidade do dito sugere isso: “Agora tem estudo dizendo que a grande maioria das mortes na Itália não tem nada a ver com o vírus. Foi uma região específica, mais fria e a idade média dos mortos era de 80 anos. E pessoas com duas, três outras doenças”. Neste ponto, as palavras de Achille Mbembe parecem ecoar fortemente. O recurso à dúvida sobre os números e a noção de estabelecimento de um inimigo forjaram a geração de uma narrativa de enfrentamento político, secundarizando o enfrentamento à própria pandemia. A ideia de uma luta política perenemente travada pelo líder aparece novamente no discurso de Bolsonaro e, como já mencionado, constitui-se como um dos traços do *modus operandi* bolsonarista.

O último dito de Bolsonaro relatado pela fonte b-4 condensa seu discurso necropolítico: “Alguns vão morrer? Vão morrer. Lamento, lamento. Essa é a vida, essa é a realidade. Não podemos parar a fábrica de automóveis porque tem 60 mil mortes no trânsito no ano”. A metáfora da fábrica de automóveis sintetiza o teor necrolinguístico do discurso de Bolsonaro sobre a pandemia analisado até o momento, incluindo as forças em embate e a construção de uma política de destruição de instituições, de sentidos e de vidas. A metáfora, certamente, não foi escolhida por acaso. A fábrica carrega um inegável simbolismo para o mundo do trabalho, para o capital e para a luta contra a exploração pelo trabalho. A fábrica é geração de mais-

valor²⁷ para o capital pela usurpação do tempo de vida dos trabalhadores. A alegoria da fábrica se estabelece pela usurpação literal das vidas dos trabalhadores em plena pandemia e pela certeza de que o “exército de reserva”²⁸ – conceito de Marx (2013) que trata do excedente de trabalhadores ávidos por um posto laboral no competitivo mundo do trabalho – viria a suprir as possíveis vidas descartadas pela ação do coronavírus e da política de morte. A fábrica é, pois, o capital e é também o seu próprio governo a serviço do capital. Na necropolítica bolsonarista, o mundo do trabalho pode prescindir de vidas de trabalhadores, mas não pode prescindir do capital. A necropolítica bolsonarista, manifestada através de sua necrolinguagem de destruição, visibilizou a pulsão de morte que alimenta o capitalismo e, concomitantemente, o poder soberano que se retroalimenta do exercício de matar.

2.2.3 O discurso de “volta à normalidade” e fim das medidas de isolamento social

O terceiro elo temático-discursivo da Tabela 1, denominado Subgrupo C (Quadro 3), compreende duas fontes jornalísticas datadas do ano de 2020, as quais foram agrupadas sob o título acima por condensarem, nos ditos selecionados, formulações mais objetivas de convocação pública ao retorno à “normalidade”, mesmo diante de um contexto concreto de ampliação do número de contaminações e de óbitos pela COVID-19 no país. A partir dos ditos do Subgrupo C, o discurso anticientífico ganha mais densidade e a contraposição do bolsonarismo às recomendações sanitárias ganha ares de embate político oficial. O inimigo a ser abatido era o próprio discurso de defesa das recomendações sanitárias emanadas pela OMS e reivindicadas pelos órgãos de saúde pública do país.

Quadro 3 – Subgrupo C: O discurso de “volta à normalidade” e fim das medidas de isolamento social

c-1	O Globo	09/04/2020	Um dia depois do Brasil ultrapassar mil mortes por coronavírus, Bolsonaro defende 'volta à normalidade'
<p><i>“Certas autoridades municipais e estaduais estão tomando medidas, no meu entender, além da normalidade, proibindo tráfego de pessoas, tráfego de rodovias, fechando empresas, fechando comércios”. / “Uma parte definindo não está ganhando o seu ganha-pão” / “Nós vamos viver de quê?” / “Brasileiros, acordem para a realidade. Se não acordarmos em pouco dias, pode ser tarde demais. (...) Espero que Brasil volte à normalidade, encare o vírus, até como se fosse uma guerra, mas em situação de igualdade. Se formos para o discurso fácil, 'todo mundo em casa', vai ser um caos”.</i></p>			

²⁷ Em linhas gerais, mais-valor é a diferença entre o tempo de trabalho necessário para a produção da mercadoria e o tempo utilizado na reprodução do trabalho. O mais-valor resulta, pois, do excedente quantitativo de trabalho (tempo de trabalho necessário à produção), o qual não é pago aos trabalhadores, e se condensa na mercadoria, o que gera valor de uso e valor de troca (Marx, 2013, p. 337).

²⁸ “[...] a acumulação capitalista sempre produz, e na proporção de sua energia e de sua extensão, uma população trabalhadora supérflua relativamente, isto é, que ultrapassa as necessidades médias da expansão do capital, tornando-se, desse modo, excedente” (Marx, 2013, p. 731).

c-2 O Globo 20/04/2020 Bolsonaro defende fim de medidas de isolamento nesta semana
“Eu espero que essa seja a última semana dessa quarentena, dessa maneira de combater o vírus, todo mundo em casa. A massa não aguenta ficar em casa, porque a geladeira está vazia”. / “Aproximadamente 70% da população vai ser infectada, não adianta querer correr disso, é uma verdade. Estão com medo da verdade?”

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

Os discursos diretos de Bolsonaro constantes na fonte c-1 (O Globo, 09/04/2020) e relatados pelo enunciador-jornalista a partir de um vídeo postado por Bolsonaro em suas redes sociais apontam para a formulação objetiva de um discurso de “volta à normalidade” no contexto concreto de aumento dos índices de contaminações e de mortes por COVID-19 no Brasil. Conforme relata o enunciador-jornalista no texto da fonte, o Ministério da Saúde havia registrado, no dia anterior, 1.056 mortes e 19.638 pessoas diagnosticadas com coronavírus. O primeiro dito menciona que “certas autoridades municipais e estaduais” haviam tomado medidas relativas a um processo de distanciamento e de isolamento social, às quais Bolsonaro, como demonstra a fonte, se posicionara de forma contrária.

Com efeito, em 06/02/2020, foi publicada a Lei Federal nº 13.979, que versava sobre medidas de enfrentamento à COVID-19 no país, e previa, em seu artigo 3º, a implementação de medidas de isolamento social, como a quarentena, diante da necessidade de controle da disseminação do coronavírus²⁹. A crítica à implementação nos estados e nos municípios das medidas previstas na própria Lei assinada pelo ex-presidente, além do reiterado uso da expressão “no meu entender”, exemplifica a postura de dissensão entre a figura política de Bolsonaro e o lugar institucional por ele ocupado. A necessidade de reafirmar essa divergência servia aos propósitos negacionistas já delineados anteriormente. Tais propósitos têm nos ditos presentes na fonte c-1 sua consolidação formal.

A menção aos ganhos individuais dos trabalhadores autônomos, conforme relata o enunciador-jornalista, parece intensificar a dissensão acima citada. O uso da expressão “ganha-pão” alinha-se a esse aparente interesse pela vida concreta dos trabalhadores mais precarizados. O uso da primeira pessoa do plural, idem. Ao perguntar “Nós vamos viver de quê?”, o ex-presidente fez um duplo movimento: se colocava no lugar daqueles com os quais dizia se preocupar, encarnando seus temores, mas os excluía do espectro de proteção das medidas de isolamento social. Para Bolsonaro, os mais precarizados não poderiam ser protegidos prioritariamente em função da sua própria situação de precariedade. A aceitação, pelos

²⁹ Lei nº 13.979. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/113979.htm. Acesso em 05 set. 2023.

trabalhadores, da própria condição de precarização estava na base, pois, da necessidade de “volta à normalidade”.

O dito final da fonte prenuncia essa construção argumentativa pautada pela aceitação tácita da própria condição: “Brasileiros, acordem para a realidade. Se não acordarmos, em pouco dias pode ser tarde demais. Espero que o Brasil volte à normalidade, encare o vírus, até como se fosse uma guerra, mas em situação de igualdade. Se formos para o discurso fácil, ‘todo mundo em casa’, vai ser um caos”. O vocativo “Brasileiros”, o uso do verbo no imperativo e a ressignificação do substantivo “realidade”, como sinônimo da anuência ao seu ponto de vista, não deixam dúvidas de que Bolsonaro entabulou um enunciado de convocação para que sua base “patriota” seguisse apoiando seus posicionamentos negacionistas.

Naquele momento, Bolsonaro fazia um novo chamado à sua base social, convocando-a para erguer a bandeira do retorno à “normalidade”, naturalizando, assim, o conjunto de negacionismos que constituíam seu projeto necropolítico de poder, e transformando em discurso de temor as determinações dos órgãos de saúde, cujas recomendações sanitárias previam a defesa do distanciamento social como medida de enfrentamento à disseminação, já acelerada àquela altura, do número de contaminações e de óbitos pela doença.

Dois imagens sobressaem nesse dito: a imagem do caos, em uma nítida instrumentalização do medo que acometia a parcela mais pauperizada da população, e que se viu obrigada a “escolher” entre a COVID-19 e a fome, e a imagem da guerra, do enfrentamento a um inimigo, e que se materializava na postulação do discurso de recomendação sanitária como “inimigo” do governo federal e do próprio Bolsonaro. A figura da guerra, da luta política perene travada pelo líder, tem papel preponderante na necrolinguagem bolsonarista e tem raízes históricas, como será abordado no Capítulo 3 deste trabalho.

A fonte c-2 (O Globo, 20/04/2020) apresenta ditos de Bolsonaro relatados pelo enunciadador-jornalista na saída do Palácio da Alvorada (DF). Tais ditos apontam para uma face da “volta à normalidade” já delineada na fonte c-1: a contraposição às medidas de isolamento social e a luta política em defesa de seu fim. Ao normalizar os riscos de contaminação pelo coronavírus e patologizar as medidas de prevenção, Bolsonaro convocava a população a se posicionar contra essas orientações. “Eu espero que essa seja a última semana dessa quarentena, dessa maneira de combater o vírus, todo mundo em casa. A massa não aguenta ficar em casa, porque a geladeira está vazia”. O falso dilema COVID-19 *versus* fome instrumentalizava o medo da população, especialmente da parcela mais pauperizada, e lançava, pela primeira vez, uma proposta de prazo para o fim da quarentena, quantificando, assim, o tempo de precaução a que a população teria direito, seja pelo fim das medidas de distanciamento social em estados e

municípios, seja pela decisão pessoal dos trabalhadores em retornar aos seus postos de trabalho, assumindo, com a própria vida, o ônus do falso dilema lançado por Bolsonaro.

Ainda em relação à fonte c-2, chama a atenção a apresentação de dados relativos ao percentual de infecção pela doença: “Aproximadamente 70% da população vai ser infectada, não adianta querer correr disso, é uma verdade. Estão com medo da verdade?” Sem expor as fontes do percentual mencionado, Bolsonaro retomava o propósito de engendrar um falso discurso científico, de maneira a apresentar à própria base social um conjunto de informações, mesmo que de veracidade não comprovada, postulando, com isso, um discurso paralelo que pudesse ser assimilado e defendido por essa mesma base. Novamente, a ideia de contraposição a outras vozes se faz presente na pergunta que finaliza o dito.

O discurso paralelo, sem menção a fontes de informação, sem qualquer aderência à realidade das contaminações e óbitos em acelerada ampliação, seria “a verdade”. Inferir uma visão particular sobre a pandemia e seus desdobramentos, a despeito do lugar institucional à época ocupado por Bolsonaro como Presidente da República, era um posicionamento político. Rotular como “verdade” o próprio discurso tinha grande apelo junto à base bolsonarista, e o ex-presidente sabia disso. Contrapor-se a Bolsonaro seria temer “a verdade”. Estavam lançadas, pois, as bases da produção necropolítica de mundo encarnada por Jair Bolsonaro em seu discurso durante a pandemia, a qual viria a se intensificar nos ditos posteriores.

2.2.4 O tema da defesa de medicamentos sem eficácia comprovada como tratamento e profilaxia para a COVID-19

O quarto subgrupo de fontes da Tabela 1, denominado Subgrupo D (Quadro 4), compreende três fontes jornalísticas datadas do ano de 2020, as quais foram agrupadas sob o título acima por condensarem, nos ditos selecionados, um aprofundamento de caráter mais objetivo do discurso anticientífico promovido pelo ex-presidente, traduzido pela defesa de medicamentos sem eficácia comprovada como tratamento e profilaxia para a COVID-19.

Após iniciar um discurso de superdimensionamento das consequências da COVID-19, de relativizar as mortes pela doença, de propor o dilema vida *versus* economia e de desqualificar as medidas sanitárias de prevenção, Bolsonaro intensifica seu discurso necropolítico e anticientífico, passando a antecipar-se à própria ciência. A finalidade de tal posicionamento será discutida a seguir.

Quadro 4 – Subgrupo D: A defesa de medicamentos sem eficácia comprovada como tratamento e profilaxia para a COVID-19

d-1	O Globo	13/05/2020	Bolsonaro diz que vai discutir com Teich protocolo do uso da cloroquina contra COVID-19
<p><i>“Não é o meu entendimento, que eu não sou médico. É o entendimento de muitos médicos do Brasil e outras entidades de outros países, [que] entendem que a cloroquina pode e deve ser usada desde o início, apesar de saberem que não tem uma confirmação científica da sua eficácia” / “Se fosse a minha mãe... Minha mãe está com 93 anos de idade. Eu vou atrás dela, pego um médico, lógico que não vou forçar o médico – mas tem muitos médicos que concordam com este tipo de medicamento – e ela usaria a hidroxicloroquina, enquanto não tivermos algo comprovado no mundo, temos este no Brasil aqui, que pode dar certo, pode não dar certo. Mas como a pessoa não pode esperar quatro, cinco dias para decidir, que a morte pode vir, é melhor usar” / “Todos os ministros são indicações políticas minhas, tá certo? E quando eu converso com os ministros, eu quero eficácia na ponta da linha. Nesse caso, não é gostar ou não do ministro Teich, tá?” / “Olha só. Tem uma máxima do Napoleão dizendo mais ou menos o seguinte: ‘enquanto o inimigo estiver fazendo um movimento errado, deixe-o à vontade’. No Brasil, no meu entender, o movimento errado é se preocupar apenas e tão somente com a questão do vírus. Tem o desemprego do lado. A esquerda tá quietinha. A esquerda tá quietinha. O povo precisa trabalhar”.</i></p>			
d-2	O Globo	07/07/2020	Bolsonaro divulga vídeo tomando remédio sem eficácia cientificamente comprovada contra COVID-19
<p><i>“Bem, estou tomando aqui a terceira dose da hidroxocloroquina (sic). Tô me sentindo muito bem. Tava mais ou menos domingo, mal segunda-feira, hoje, terça, tô muito melhor do que sábado. Então, com toda a certeza, tá dando certo” / “Sabemos que nenhum [remédio] tem a sua eficácia cientificamente comprovada, mas mais uma pessoa que está dando certo. Então, eu confio na hidroxocloroquina. E você? Valeu, tamo junto”.</i></p>			
d-3	O Globo	18/07/2020	Depois da cloroquina, Bolsonaro diz tomar vermífugo sem comprovação científica contra a COVID-19
<p><i>“Eu comecei essa semana a tomar também Annita” / “Está uma briga ideológica em cima da hidroxocloroquina. Lá atrás eu falei sobre isso. Não sou médico, não entendo de nada sobre isso aí, mas tenho experiência com a vida, converso com todo mundo do Brasil todo. Desde lá de trás sabíamos que tínhamos a hidroxocloroquina e não tinha alternativa. Agora, o que eu recomendo, procure o médico” / “Pelo que eu sei, ninguém morreu por falta de UTI ou respirador. Tem que pensar na economia. Não adianta ficar falando em vida, em vida, em vida, porque o isolamento mata”.</i></p>			

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

A fonte d-1 (O Globo, 13/05/2020) apresenta uma reportagem longa, contendo ditos relatados a partir de questionamentos formulados por jornalistas, na porta do Palácio Alvorada (Brasília-DF). Esses ditos inauguram um novo patamar de negacionismo científico na gestão da pandemia. Após se contrapor amplamente aos riscos da disseminação do coronavírus, como atestam as análises feitas até aqui, Jair Bolsonaro assumiu a desconfiança nas instituições de saúde pública como posicionamento político, liderando sua base social a aderir a um outro eixo contudístico-discursivo, formulado a partir de sua própria figura pública de líder como eixo alternativo de produção de sentidos, em absoluto dissenso com o lugar institucional ocupado por ele, enquanto Presidente da República à época, e pautado pela desconstrução da confiança nas referidas instituições.

Aprofundando a polarização com os órgãos de saúde promotores das recomendações sanitárias, o discurso bolsonarista de relativização da vida em prol da economia do país ganhou novos sentidos a partir da defesa, por Bolsonaro, de medicamentos sem eficácia comprovada

como tratamento e profilaxia para a COVID-19³⁰. Este é o elemento central do dito inicial relatado pelo enunciador-jornalista da fonte d-1: “Não é o meu entendimento, que eu não sou médico. É o entendimento de muitos médicos do Brasil e outras entidades de outros países, [que] entendem que a cloroquina pode e deve ser usada desde o início, apesar de saberem que não tem uma confirmação científica da sua eficácia”. Ao apelar para o “entendimento de muitos médicos do Brasil”, Bolsonaro reafirmava a postulação de um outro polo de informações sobre a pandemia, centrado, inicialmente, na figura de médicos defensores de medicamentos sem comprovação científica, especialmente a cloroquina e a hidroxicloroquina, para tratar e prevenir a COVID-19. O uso das negativas – “Não é meu entendimento, que eu não sou médico” – confere maior ênfase à proposição de médicos, particularmente considerados como figuras de autoridade, também do ambiente científico, para respaldar sua posição política. Esse dado visibiliza um dado já delineado anteriormente: a ideia de que o discurso científico não é neutro.

Ao mesmo tempo, a efetiva figura de autoridade era o próprio Bolsonaro, o qual se apresentava como porta-voz do já mencionado eixo alternativo, importando pouco se o conteúdo defendido e promovido estivesse em consonância (ou não) com as instituições de saúde pública, ou mesmo com a realidade tangível de aceleração do número de contaminações e mortes. No trecho “[...] apesar de saberem que não tem uma confirmação científica da sua eficácia”, a locução prepositiva “apesar de” traz consigo a informação de que não havia – e segue não havendo – comprovação científica da eficácia de tais medicamentos.

Tal ponderação, contudo, é ressignificada no discurso de Bolsonaro, assumindo o papel de argumento pró-defesa, como se pode depreender no dito seguinte: “Se fosse a minha mãe... Minha mãe está com 93 anos de idade [...] ela usaria a hidroxicloroquina, enquanto não tivermos algo comprovado no mundo, temos este no Brasil aqui, que pode dar certo, pode não dar certo”. Nesse trecho do discurso direto relatado pela fonte d-1, a alusão à própria mãe em idade avançada exemplificava a tônica do discurso de Bolsonaro na pandemia: centrar na sua figura pública, e em tudo que o circundava, o eixo alternativo da produção de sentidos, tendo em vista individualizar a decisão de tomar ou não os medicamentos não comprovados para tratar ou prevenir a COVID-19.

³⁰ Defendido por Bolsonaro diante da aceleração do número de contaminações e de mortes em decorrência da COVID-19, o conjunto de substâncias sem eficácia comprovada contra a doença inclui drogas como hidroxicloroquina, ivermectina, nitazoxanida, azitromicina e corticosteroides sistêmicos. Tais substâncias foram tão amplamente utilizadas no Brasil porque, supostamente, poderiam tratar a COVID-19 de forma precoce e, assim, evitar hospitalizações e mortes. Em 2022, em evento no Conselho Federal de Medicina, Bolsonaro chegou a ser aplaudido pelos médicos ao defender o uso de tais medicamentos como profilaxia e tratamento para a doença. Fonte: Folha de São Paulo. Bolsonaro volta a defender remédio sem eficácia e é aplaudido por médicos. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/07/bolsonaro-volta-a-defender-remedio-sem-eficacia-e-e-aplaudido-por-medicos.shtml>. Acesso em: 18 set. 2023.

Ao promover tais substâncias, Bolsonaro antecipava-se ao discurso dos órgãos de saúde, com os quais passou a objetivamente polarizar, forjando um enunciado capaz de lançar uma alternativa ao isolamento social e suplantando-o como recomendação sanitária. A conjunção adversativa presente em “mas como a pessoa não pode esperar” sinaliza essa polarização com as orientações oficiais, além de apontar para uma instrumentalização da própria luta pela vida. A lógica do discurso parece residir no seguinte ponto: recomendar o uso da cloroquina, da hidroxicloroquina e outros, mesmo sem qualquer garantia de sua competência, seria mais eficaz do que não recomendar nada. Afinal, “[...] a pessoa não pode esperar quatro, cinco dias para decidir, que a morte pode vir”. Nesse caso, “é melhor usar”. Na produção de mundo bolsonarista, a incerteza tinha estatuto de prática a ser seguida. A dinâmica da dubiedade e da confusão conceitual reafirmava-se, pois, de maneira ainda mais intensa nesse estágio da política de gestão da pandemia por Bolsonaro.

O dito seguinte relatado pela fonte d-1 faz alusão à atuação de Nelson Teich, Ministro da Saúde à época. De acordo com o enunciador-jornalista, o ex-presidente estava sendo questionado pela imprensa a respeito de algumas declarações do Ministro Teich. O incômodo motivado pela interlocução parece evidente: “Todos os ministros são indicações políticas minhas, tá certo? E quando eu converso com os ministros, eu quero eficácia na ponta da linha. Nesse caso, não é gostar ou não do ministro Teich, tá?” Situado no contexto inicial de embates entre Bolsonaro e Teich, o referido dito ratifica o que o presente trabalho de pesquisa compreende como projeto necropolítico de poder. Para uma melhor compreensão deste ato de fala, é conveniente lembrar que o médico Nelson Teich substituíra, no comando do Ministério da Saúde, o também médico Luiz Henrique Mandetta (União Brasil), político conservador que, em um primeiro momento, havia hesitado em se contrapor a Bolsonaro, mas, pouco antes de sua demissão, passou a se posicionar publicamente³¹ em defesa das medidas de distanciamento social. Seu sucessor, Nelson Teich, aparentemente estava disposto a abraçar a política bolsonarista de gestão da pandemia, assumindo uma posição mais recuada em relação a seu antecessor. Tal postura, no entanto, alterou-se com o passar dos dias.

Retomando o trecho “Todos os ministros são indicações políticas minhas, tá certo?”, fica nítido, pela polifonia implícita, que o ex-presidente estava respondendo a uma interpelação sobre a atuação do novo ministro: Teich havia publicamente alertado sobre os efeitos colaterais da cloroquina e sobre o protocolo a ser obedecido pelos médicos que, porventura, recomendassem

³¹ El País. Mandetta, o conservador que vestiu o colete do SUS e entrincheirou Bolsonaro. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-04/mandetta-o-conservador-que-vestiu-o-colete-do-sus-e-entrincheirou-bolsonaro.html>. Acesso em: 29 nov.2023.

seu uso. A afirmação de que a nomeação do Ministro foi fruto de uma “indicação política” revela, especialmente pela adjetivação da “indicação”, que a condução da Saúde seguia uma orientação política pré-definida e que a atuação do Ministro deveria estar alinhada a essa perspectiva de submissão das recomendações sanitárias ao modelo bolsonarista de gestão da pandemia. A “eficácia na ponta da linha” tinha, pois, uma indubitável implicação necropolítica.

O trecho final do conjunto de ditos da fonte d-1 ratifica a referida implicação. De acordo com o discurso relatado pelo enunciador-jornalista, ao ser questionado a respeito do posicionamento público de Teich em relação à defesa do isolamento social, Bolsonaro afirmou que sempre defendera o “isolamento vertical”, isto é, cuidar das pessoas em situação de risco e “botar o povo para trabalhar”, em uma evidente alusão ao movimento de “volta à normalidade” e preocupação prioritária com a economia. No discurso direto relatado pela fonte, é possível verificar, ainda, uma retomada do argumento da luta travada pelo líder político contra um inimigo hipotético. “Olha só. Tem uma máxima do Napoleão dizendo mais ou menos o seguinte: ‘enquanto o inimigo estiver fazendo um movimento errado, deixe-o à vontade’. No Brasil, no meu entender, o movimento errado é se preocupar apenas e tão somente com a questão do vírus. Tem o desemprego do lado. A esquerda tá quietinha. O povo precisa trabalhar”.

Se quem defendia o distanciamento social era “o inimigo”, dois elementos merecem especial atenção neste dito: 1) o inimigo do governo Bolsonaro eram, pois, os órgãos oficiais de saúde pública e ele assim os rotulava; 2) estes mesmos órgãos estavam alinhados à “esquerda”, enquanto inimigos a serem combatidos, já que, acolhendo as orientações sanitárias vigentes, também os partidos de esquerda e os movimentos sociais não defendiam uma “volta à normalidade” nos moldes bolsonaristas, mas a preservação de todas as vidas no período pandêmico³², com manutenção da renda a ser subsidiada pelos governos.

Centrado na política de que “o povo precisa trabalhar”, o conteúdo dos ditos relatados pelas fontes d-2 e d-3 têm similaridades e peculiaridades a serem pontuadas. Dentre as similaridades, é possível destacar a promoção das substâncias defendidas como tratamento e prevenção para a COVID-19, a propaganda dos medicamentos, a polifonia e a consequente contraposição às vozes das entidades de saúde pública, que alertavam sobre a não eficácia das mesmas substâncias. Em relação às peculiaridades, a fonte d-2 (O Globo, 07/07/2020) traz ditos

³² A educação capitaneou um forte movimento de resistência contra a reabertura de escolas e universidades antes da vacinação em massa da população e da implementação de protocolos de proteção ante os riscos de contaminação pelo coronavírus. No estado do Rio de Janeiro, mais de cinquenta entidades assinaram um manifesto, contrapondo-se ao retorno compulsório sem as devidas garantias sanitárias (cf. Portal SINTUPERJ. Defender a vida na pandemia: por que não é hora de voltar. Disponível em: <https://www.sintuperj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/Manifesto-em-Defesa-da-Vida.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2024.

de Bolsonaro relatados no contexto da divulgação, feita pelo próprio ex-presidente em suas redes sociais, de que contraíra a COVID-19.

O discurso direto foi relatado pela fonte a partir de um vídeo postado pelo ex-presidente: “Bem, estou tomando aqui a terceira dose da hidroxicloroquina (sic). Tô me sentindo muito bem. Tava mais ou menos domingo, mal segunda-feira, hoje, terça, tô muito melhor do que sábado. Então, com toda a certeza, tá dando certo”. No dito, Bolsonaro informa ter tomado três doses de hidroxicloroquina e relata um histórico de melhora gradual. Ao final, estrutura uma dedução a partir das informações dadas, como se fossem premissas, construindo, assim, um relato positivo de uso do medicamento.

A conclusão “tá dando certo” é repetida por ele no desenvolvimento do dito, como se quisesse reafirmá-la. No desfecho, Bolsonaro dá seu assentimento ao uso da substância. Em “Eu confio na hidroxicloroquina. E você?”, pelo menos dois aspectos evidenciam-se nesse ponto da análise: 1) O ex-presidente faz uso do pronome pessoal em primeira pessoa. Tal uso, como já vimos em diversas outras passagens, aponta novamente para a autoafirmação como eixo alternativo de produção de sentidos, a qual, por sua vez, serve a uma produção de mundo; 2) A pergunta “e você?”, dirigida aos seus seguidores nas redes sociais aponta para uma prática recorrente do bolsonarismo: o convite à interlocução. Para além do enunciado, aqui parece evidente que o discurso construído tinha um propósito: ser absorvido, posto em prática e disseminado por sua base social.

Ainda falando sobre as particularidades, a fonte d-3 (O Globo, 18/07/2020) se constitui por ditos relatados a partir de momentos de interação entre Bolsonaro e apoiadores, no Palácio do Planalto, quando o ex-presidente mencionou ter ingerido outro medicamento, um vermífugo de uso corrente no país, mas sem qualquer indicação para casos de COVID-19. Além disso, Bolsonaro afirma que “[...] está uma briga ideológica em cima da hidroxicloroquina. Lá atrás eu falei sobre isso. Não sou médico, não entendo de nada sobre isso aí, mas tenho experiência com a vida, converso com todo mundo do Brasil todo. Desde lá de trás sabíamos que tínhamos a hidroxicloroquina e não tinha alternativa”. Ao afirmar a existência de uma pretensa “briga ideológica”, Bolsonaro visibiliza as vozes dissonantes, que não recomendavam o uso de medicamentos sem eficácia comprovada para prevenir ou tratar a doença e, ao mesmo tempo, procurava localizar as instituições de saúde pública no lugar político de oposição ao seu discurso, tal como sempre fez com os partidos e movimentos de esquerda.

“Esquerdizar” as recomendações de segurança sanitária dialogava com sua base social e podia conduzir à demonização das referidas instituições de saúde pública. O dito final citado pela fonte sintetiza o discurso de gestão da pandemia promovido pelo ex-presidente: “Pelo que

eu sei, ninguém morreu por falta de UTI ou respirador. Tem que pensar na economia. Não adianta ficar falando em vida, em vida, em vida, porque o isolamento mata”. Dados disponíveis à época contradizem Bolsonaro amplamente³³, contudo, o elemento delimitador da informação, “pelo que sei”, parece suficiente para a propagação de mais uma *fake news* aos moldes do bolsonarismo.

A preocupação prioritária com a economia e o discurso de aversão ao isolamento social já apontavam, nos subgrupos anteriores, para o aprofundamento da necropolítica. Nesse sentido, o enunciado “o isolamento mata” soa como um slogan a ser propagado. Entretanto, o presente conjunto de ditos fornece mais um elo para o encadeamento discursivo que, processualmente, está sendo analisado: a promoção do uso indiscriminado de medicamentos sem eficácia comprovada como prevenção e tratamento para a COVID-19.

E essa promoção foi operada através da demonização e patologização das recomendações sanitárias e da polarização e esquerdização dos órgãos de saúde. Estavam prestes a serem concluídas as bases da necropolítica bolsonarista de gestão da pandemia no país. Vejamos a seguir em que resultou o discurso autorizativo de uso indiscriminado de medicamentos sem eficácia, que objetivava uma “volta à normalidade” diante de uma doença letal e, naquele momento, absolutamente fora de controle.

2.2.5 O tema da relativização das mortes por COVID-19 e dos protocolos de prevenção

O quinto elo temático-discursivo da Tabela 1, denominado Subgrupo E (Quadro 5), compreende quatro fontes jornalísticas, sendo três datadas do ano de 2020 e uma datada do ano de 2021, as quais foram agrupadas sob o título acima por performarem de forma lapidar a “linguagem da destruição” que Starling, Lago e Bignotto (2022) discutiram em sua obra.

Após desenvolver a construção de um discurso necropolítico de gestão da pandemia, pautado pela negação dos riscos e abrandamento das consequências nefastas da COVID-19, pela patologização das medidas de prevenção, pela polarização com as entidades de saúde pública e consequente promoção de um discurso que procurava suplantá-las, pela relativização da vida e normalização da morte diante da priorização da economia e do seu próprio projeto de poder, o penúltimo elo da corrente estava prestes a ser encadeado aos anteriores.

³³ Portal de Notícias UOL. 60% das cidades não têm respiradores para enfrentar pandemia. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/20/coronavirus-60-das-cidades-nao-tem-respiradores-para-enfrentar-epidemia.htm>. Acesso em: 21 jul. 2021.

As fontes deste subgrupo trazem os ditos mais impiedosos de Bolsonaro sobre as mazelas causadas pela pandemia. Isso porque, para além dos aspectos já mencionados, foi adicionada à produção de mundo bolsonarista a perspectiva de ridicularização da contaminação pela COVID-19 e das mortes por ela causadas.

Quadro 5 – Subgrupo E: A relativização das mortes por COVID-19 e dos protocolos de prevenção

e-1	Portal G1	20/04/2020	‘Não sou covheiro, tá?’, diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus
<i>“Aproximadamente 70% da população vai ser infectada. Não adianta querer correr disso. É uma verdade. Estão com medo da verdade?” / “Levaram o pavor para o público, histeria. E não é verdade. Estamos vendo que não é verdade. Lamentamos as mortes, e é a vida. Vai morrer” / “Não sou covheiro, tá?”</i>			
e-2	Estadão	28/04/2020	‘E daí? Lamento, quer que eu faça o quê?’, diz Bolsonaro sobre recorde de mortes por coronavírus
<i>“E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre” / “Lamento a situação que nós atravessamos com o vírus. Nos solidarizamos com as famílias que perderam seus entes queridos, que a grande parte eram pessoas idosas” / “É igual a uma chuva. Você vai se molhar. Tem que proteger da chuva os mais fracos, os mais idosos, para não virar pneumonia, gripe”.</i>			
e-3	O Globo	10/11/2020	‘Tem que deixar de ser um país de maricas’, diz Bolsonaro sobre Covid-19
<i>“Tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio. Lamento os mortos, lamento. Todos nós vamos morrer um dia, aqui todo mundo vai morrer. Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas”.</i>			
e-4	O Globo	04/03/2021	‘Chega de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando?’, diz Bolsonaro sobre pandemia
<i>“Chega de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando? Temos que enfrentar os problemas. Respeitar, obviamente, os mais idosos, aqueles que têm doenças, comorbidades. Mas onde vai parar o Brasil se só pararmos?” / “Lamento as mortes, repito. Antes que comecem a falar por aí, essa imprensa, que eu estou ignorando mortes e pensando em economia. Por que vocês não ouvem falar de vacina em países da África? Ou em alguns países aqui da América do Sul? Porque não tem dinheiro. Não tem economia, então não tem vacina. Se nós destruímos nossa economia, podem esquecer um monte de coisa.”</i>			

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

A fonte e-1 (Portal G1, 20/04/2020) apresenta um conjunto de ditos de Bolsonaro proferidos na portaria do Palácio da Alvorada, na capital federal, e dirigidos a apoiadores e jornalistas. Tais ditos foram compilados na mesma fonte, mas foram produzidos em momentos diferentes do mesmo dia. Em um primeiro momento, Bolsonaro, ao comentar sobre o curso da pandemia, afirmou que “aproximadamente 70% da população” viria a ser infectada. Como já visto nos subgrupos anteriores, o recurso argumentativo a um dado com verniz científico, como o percentual por ele mencionado, contribuiu para sustentar o falseamento da realidade e para a consequente disseminação da informação produzida.

A *fake news* enunciada, por sua vez, ganhou ares de verdade: “Não adianta querer correr disso. É uma verdade. Estão com medo da verdade?” Nas análises formuladas anteriores, pontuei que rotular como “verdade” o próprio discurso era um recurso que tinha grande apelo junto à sua base social. Bolsonaro fazia uso desse teor apelativo do substantivo “verdade”,

apropriando-se discursivamente dele de maneira a atuar no jogo de forças da cena política nacional como o detentor da “verdade”. Contrapor-se, pois, a Bolsonaro seria contrapor-se à própria “a verdade”, da qual ele se constituía como porta-voz.

No desenvolvimento do dito, o conceito de verdade para a produção de mundo bolsonarista parece descortinar-se na construção do enunciado: “Levaram o pavor para o público, histeria. E não é verdade. Estamos vendo que não é verdade”. O sujeito do verbo “levaram” é indeterminado, o que, além de apontar para a existência de uma polifonia, contribui para criar uma perspectiva de perseguição ao governo Bolsonaro, como se o desempenho da ação de “levar pavor” fosse real e atingisse diretamente sua gestão da pandemia. “Levar pavor” também carrega o sentido de ficção, de algo que, de acordo com o discurso bolsonarista, não estaria na ordem das preocupações plausíveis, mas seria fantasia, delírio, “histeria”.

A organização do enunciado alia negacionismo, psicofobia e falsificação da realidade, tendo em vista a geração de uma outra concepção de mundo. Uma concepção de mundo que entendia os órgãos de saúde pública como inimigos e o respeito às recomendações sanitárias como “histeria” ou, em suma, como algo que “não é verdade”. O dito final da primeira parte da fonte e-1 pode ser compreendido como um corolário da política de inversão de sentidos operada por Bolsonaro: “Lamentamos as mortes, e é a vida. Vai morrer”. A aceitação tácita da morte como um discurso-acontecimento inevitável lança as bases da atitude de indiferença em relação ao número crescente de óbitos por COVID-19, subalternizando, na construção discursiva, a própria morte como consequência da doença.

Em profunda conexão com a já mencionada perspectiva de relativização das vidas, de patologização dos cuidados sanitários, de normalização da morte, de indiferença diante da tragédia que se desenhava e de subalternização de todo esse processo, a ridicularização da morte, presente no último dito da fonte e-1, surge no horizonte discursivo de Bolsonaro, estabelecendo-se como uma prática que vai acompanhar a maioria dos enunciados posteriores. Interpelado em função do aumento no índice diário de óbitos pela COVID-19, Bolsonaro respondeu ao interlocutor: “Não sou coveiro, tá?” A impolidez presente na construção do enunciado parece refletir o incômodo diante da interpelação feita e, além disso, pautando os sentidos relativos à comparação com a profissão de coveiro, sugere que os óbitos, causados pela COVID-19, não dizem respeito a Bolsonaro. A desresponsabilização já seria algo grave em si, mas a construção sarcástica e impiedosa aproxima o dito da noção de violência vocabular apontada por Starling, Lago e Bignotto (2022), quando afirmam que o método da destruição faz uso de várias ferramentas, sendo a linguagem uma delas (Starling; Lago; Bignotto, 2022, p. 14).

A fonte e-2 (Estadão, 28/04/2020), tal como a anterior, traz ditos de Bolsonaro sobre a mesma temática. Questionado pela imprensa, em frente ao Palácio do Planalto (DF), sobre o fato de o Brasil ter ultrapassado, naquele momento, a China em número de óbitos pela COVID-19, Bolsonaro respondeu: “E daí? Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”. Em conexão com o discurso de desresponsabilização, já apontado na fonte e-1, Bolsonaro se utilizava, mais uma vez, do recurso à impolidez para responder a um questionamento sobre a pandemia. Ao mesmo tempo – em “Quer que *eu* faça o quê? – ele personalizava o questionamento, como se a pergunta tivesse o caráter de uma cobrança pessoal. No desenvolvimento do dito, o uso do trocadilho com seu nome próprio – Jair *Messias* Bolsonaro – reforçava tal perspectiva de personalização e autopromoção. Além disso, a construção do enunciado foi permeada de um agudo sarcasmo, expresso pela tentativa infame de construir um trocadilho com seu nome e o sentido histórico do termo “Messias” que, na tradição judaico-cristã, significa “salvador”.

Os ditos da fonte e-2, mesmo aqueles que sugerem uma comiseração meramente protocolar, visibilizam o menosprezo de Bolsonaro pelas vidas que estavam sendo perdidas diariamente em função da pandemia. “Lamento a situação que nós atravessamos com o vírus. Nos solidarizamos com as famílias que perderam seus entes queridos, que a grande parte eram pessoas idosas”. A compaixão acrescida da explicação de que os mortos “eram pessoas idosas” retoma o conjunto de ditos de Bolsonaro analisados no Subgrupo A e que relativizavam a morte desses e de pessoas com comorbidades. A retomada do discurso de descarte consentido de vidas, em um contexto de ridicularização da morte, procura sustentar uma produção de mundo em que a própria noção de compaixão é desfigurada, desumanizada e esvaziada.

A metáfora da chuva, presente no dito seguinte, aponta para esse esvaziamento de sentido: “É igual a uma chuva. Você vai se molhar. Tem que proteger da chuva os mais fracos, os mais idosos, para não virar pneumonia, gripe”. Bolsonaro compara uma pandemia global a uma chuva cotidiana, a contaminação ao efeito de “se molhar” e o agravamento da COVID-19 a uma “pneumonia, gripe”. Traçar um paralelo entre os termos COVID-19 e gripe aponta para a necessidade de construir uma falsa simetria entre a COVID-19 – doença respiratória aguda grave, sem vacina e sem cura à época – e as gripes comuns. A construção desse enunciado remete à “gripezinha” e à tentativa de abrandamento dos riscos de contaminação pela doença. O encadeamento discursivo dos ditos de Bolsonaro obedece, pois, a uma lógica: a lógica estrutural da linguagem da destruição, que é, ao mesmo tempo, motor e combustível da necropolítica bolsonarista.

A fonte e-3 (O Globo, 10/11/2020) traz ditos de Bolsonaro proferidos seis meses após as duas anteriores. Nesse período, o país passou de 5.017 óbitos, em 28/04/2020, data da fonte e-2, para 162.842 mortes como consequência da COVID-19, em 10/11/2020, data da fonte e-3. O hiato temporal tem uma finalidade na presente pesquisa: demonstrar a continuidade do discurso de descarte consentido de vidas, apesar dos mais de 150 mil óbitos ocorridos entre a ocorrência de uma fonte e outra.

Empreendendo um absoluto esvaziamento de sentidos, como é próprio da linguagem da destruição, o discurso de Bolsonaro presente na fonte e-3 parece ter sido proferido em seguimento ao discurso presente nas fontes anteriormente discutidas. Como se o tempo não tivesse passado. Com efeito, as dezenas de milhares de vidas que se perderam nesse hiato temporal não fizeram o ex-presidente recuar em seu discurso de negação, abrandamento e ridicularização da pandemia: “Tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio”.

Ao negacionismo, à relativização e à zombaria, sucedeu o processo de apagamento, de convite à indiferença. Novamente, o lamento protocolar se faz presente: “Lamento os mortos, lamento. Todos nós vamos morrer um dia, aqui todo mundo vai morrer. Não adianta fugir disso, fugir da realidade”. A certeza da morte como fato materializava a indiferença com as mortes em função do coronavírus. Discordar disso era “fugir da realidade”. O termo “realidade” aqui retoma o sentido de “verdade”, presente na fonte e-1, como produção de mundo sob a ótica bolsonarista. Uma ótica, como já dito algumas vezes, que é sustentada por um discurso aniquilador de sentidos. Não só de sentidos, como também de pessoas: “Tem que deixar de ser um país de maricas”. A compaixão não protocolar e a preocupação com os mais de 160 mil mortos tornavam o Brasil “um país de maricas”. O enunciado homofóbico, assim como a impolidez, serve a uma construção discursiva que tinha endereço certo: sua base social, que se identificava com a truculência, com a indiferença, com o discurso de cunho homofóbico e com as mais diversas estruturas enunciativas preconceituosas e opressoras.

A fonte e-4 (O Globo, 04/03/2021) traz ditos de Bolsonaro sobre o mesmo tema proferidos no primeiro trimestre de 2021, um ano depois do início da pandemia no Brasil. Na data da notícia que se constitui como fonte, o país já acumulava 261.188 óbitos em função da doença, quase cem mil a mais considerando-se a data da fonte e-3. O novo hiato temporal mostrava, mais uma vez, que, apesar do crescimento vertiginoso do número de óbitos, o eixo discursivo de Bolsonaro sobre a pandemia não havia se alterado: “Chega de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando?” Negação, apagamento, relativização, indiferença, ridicularização do sofrimento, impolidez, normalização da morte: esses e outros elementos seguiram presentes no discurso de Bolsonaro, com 5 mil, 160 mil ou 260 mil óbitos. O número

de vidas perdidas não abalava estruturalmente o discurso do ex-presidente. Um ano depois, Bolsonaro permanecia defendendo que os riscos da doença se restringiam aos idosos. “Temos que enfrentar os problemas. Respeitar, obviamente, os mais idosos, aqueles que têm doenças, comorbidades. Mas onde vai parar o Brasil se só pararmos?”

A prioridade da economia, no entanto, estava assegurada nos ditos do ex-presidente, como se quisesse massificar o eixo de sua argumentação ao longo de todo o período pandêmico. “Lamento as mortes, repito. Antes que comecem a falar por aí, essa imprensa, que eu estou ignorando mortes e pensando em economia. Por que vocês não ouvem falar de vacina em países da África? Ou em alguns países aqui da América do Sul? Porque não tem dinheiro. Não tem economia, então não tem vacina. Se nós destruímos nossa economia, podem esquecer um monte de coisa”. A comiseração protocolar inicia o dito, como se fosse uma forma de autodefesa diante da imprensa que, segundo Bolsonaro, o acusara de estar “[...] ignorando mortes e pensando em economia”.

De fato, como a análise em curso pretende comprovar, Bolsonaro estava passando por cima dos mortos e priorizando a política econômica em detrimento do direito à vida de toda a população. Aqui, no entanto, para além de tais elementos, parece conveniente mencionar a localização da imprensa como inimiga política do ex-presidente. Não apenas o embate com os órgãos oficiais de saúde, enquanto fontes de orientações sanitárias, caracterizou o discurso bolsonarista de gestão da pandemia, mas também a descredibilização dos veículos oficiais de imprensa, enquanto divulgadores dessas mesmas orientações e dados³⁴.

A fonte e-4 antecipa o tema central do próximo subgrupo de fontes: a vacinação da população. Entretanto, parece oportuno sinalizar desde já a nova polarização proposta por Bolsonaro: vacina *versus* economia. No dito, o ex-presidente faz alusão à África e a outros países da América do Sul, sem citá-los, sugerindo que, em função da frágil economia desses territórios, a vacinação não lhes seria facultada. “Não tem economia, então não tem vacina”, disse Bolsonaro, construindo um condicionamento para que a vacinação se concretizasse. O poder soberano de ditar quem deve morrer e quem poderia viver se fazia presente mais uma vez, determinando, pois, que a saúde da política econômica do país seria a condição de existência de um possível processo de vacinação da população. O tom ameaçador ao final do

³⁴ Sob o comando do General Eduardo Pazuello, o Ministério da Saúde passou a omitir os dados diários da pandemia no Brasil. Diante desse fato, os Portais G1 e UOL, além dos jornais O Globo, Extra, O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo firmaram uma parceria com o objetivo de obter e divulgar informações relativas ao número de contaminações e mortes por COVID-19 nos estados e no Distrito Federal, buscando tais informações diretamente junto às Secretarias de Saúde. Surgia, em 08/06/2020, o Consórcio de Veículos de Imprensa, cuja atuação perdurou até fins de janeiro de 2023, quase um mês após o fim do governo Bolsonaro.

dito – “Se nós destruímos nossa economia, podem esquecer um monte de coisa” – não deixa margem a dúvidas sobre o que Bolsonaro estava realmente dizendo: sem vacina, sem economia; sem economia, sem direito à vida.

Vejam, pois, o último elo temático-discursivo da corrente de ditos de Bolsonaro que conformam seu discurso necropolítico de gestão da pandemia no Brasil e que dizem respeito às vacinas e ao processo de vacinação da população.

2.2.6 O tema da desqualificação das vacinas e do processo de vacinação da população

O sexto elo temático-discursivo de fontes da Tabela 1, denominado Subgrupo F (Quadro 6), compreende duas fontes jornalísticas datadas do ano de 2020, as quais foram agrupadas sob o título acima porque apresentam objetivamente um outro elemento característico do discurso negacionista e necropolítico de Bolsonaro na pandemia: a opção política por desacreditar as vacinas em favor dos medicamentos sem eficácia comprovada como tratamento e profilaxia para a doença, contando, para isso, com franco apoio militar. Refletir, ainda que brevemente, sobre esse apoio será relevante para o desenvolvimento do presente trabalho de pesquisa.

Quadro 6 – Subgrupo F: A desqualificação das vacinas e do processo de vacinação da população

f-1	O Globo	22/10/2020	Bolsonaro diz que governo não comprará Coronavac mesmo se vacina for aprovada pela Anvisa
<p><i>“A da China nós não compraremos, é decisão minha. Eu não acredito que ela transmita segurança suficiente para a população. Esse é o pensamento nosso. Tenho certeza que outras vacinas que estão em estudo poderão ser comprovadas cientificamente, não sei quando, pode durar anos. A China, lamentavelmente, já existe um descrédito muito grande por parte da população, até porque, como muitos dizem, esse vírus teria nascido por lá.” / “Eu sou militar, o Pazuella também o é, e nós sabemos que quando um chefe decide, o subordinado cumpre. Ele, no meu entender, houve uma certa precipitação em assinar esse protocolo. É uma decisão tão importante, e eu deveria ser informado. Conversei há pouco no zap com o Pazuella, sem problema nenhum, meu amigo de muito tempo, ele continuará ministro. E eu digo mais: ele é um dos melhores ministros da Saúde que o Brasil já teve nos últimos anos.”</i></p>			
f-2	O Globo	26/10/2020	Bolsonaro: ‘Não pode um juiz decidir se você pode ou não tomar vacina, isso não existe’
<p><i>“Hoje vou encontrar com o ministro Pazuella da Saúde para tratar desse assunto, porque temos uma jornada pela frente, onde parece que foi judicializada essa questão, e entendo que essa não é uma questão de Justiça, é uma questão de saúde acima de tudo, não pode um juiz decidir se você pode ou não tomar vacina, isso não existe.” / “O que nós queremos é buscar a solução para o caso. Agora, pelo que tudo indica, a vacina que menos demorou até hoje foram quatro anos, eu não sei por que correr em cima dessa. Eu dou minha opinião pessoal: não é mais fácil e barato investir na cura do que na vacina? Ou jogar nas duas, mas também não esquecer da cura? Eu, por exemplo, sou uma testemunha [da cura]. Eu tomei a hidroxyclorequina, outros tomaram a ivermectina, outros tomaram Annita e deu certo.”</i></p>			

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

De antemão, entendo ser oportuno mencionar que as fontes selecionadas são datadas de 2020, primeiro ano de pandemia, embora o discurso de negação das vacinas e do processo de vacinação da população tenha perdurado pelo ano seguinte. Certamente, outras notícias e reportagens poderiam ter se constituído como objetos de análise. As duas fontes abaixo, no entanto, além da caracterização inicialmente apontada, mostram a atuação na cena política do General Eduardo Pazuello, sucessor do médico Nelson Teich no Ministério da Saúde, dado considerado de grande importância para as análises que se sucederão.

A fonte f-1 (O Globo, 22/10/2020) traz ditos de Bolsonaro relatados pelo enunciator-jornalista a partir de uma entrevista concedida pelo ex-presidente à Rádio Jovem Pan, no dia anterior³⁵. Relatados em um contexto de mais de 150 mil óbitos em decorrência da COVID-19, os ditos parecem ignorar os números e mostram, mais uma vez, Bolsonaro como eixo alternativo de produção de sentidos. Centrados na primeira pessoa, especialmente na primeira pessoa do singular, os ditos apontam para a identificação entre as decisões de cunho institucional e as decisões de cunho pessoal de Bolsonaro, como se pode perceber no enunciado: “A da China nós não comparemos, é decisão minha”.

A contraposição é reveladora de uma polifonia: havia, naquele contexto, como relata o enunciator-jornalista da fonte, um debate sobre a compra da vacina denominada *CoronaVac*, desenvolvida pelo laboratório chinês *Sinovac Biotech* contra a COVID-19 e testada no Brasil pelo Instituto Butantan – um dos órgãos de saúde, convém lembrar, aos quais Bolsonaro se contrapunha. Ao nomeá-la como “a [vacina] da China”, Bolsonaro incorporava ao seu discurso a desconfiança a respeito do imunizante chinês, desqualificando-o e, ao mesmo tempo, contribuindo para estimular o preconceito contra aquele país, dado bastante presente no ambiente bolsonarista, uma vez que o novo coronavírus surgiu em solo chinês.

Na continuidade do dito, Bolsonaro reforça a desconfiança ao imunizante: “Tenho certeza que outras vacinas que estão em estudo poderão ser comprovadas cientificamente, não sei quando, pode durar anos. A China, lamentavelmente, já existe um descrédito muito grande por parte da população, até porque, como muitos dizem, esse vírus teria nascido por lá”. A pretensa anuência a um outro imunizante pode soar, em um primeiro momento, como atenuante à decisão de não adquirir a vacina do laboratório chinês *Sinovac Biotech*, mas o desenvolvimento do dito corrobora com a decisão política de Bolsonaro em disseminar, a partir

³⁵ A rádio Jovem Pan passou a ser conhecida nacionalmente como veículo de comunicação afeito à base social do bolsonarismo. Fonte: Estado de Minas. Jovem Pan vira voz do bolsonarismo com verbas do governo e tom amigo. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/09/18/interna_politica,1394954/jovem-pan-vira-voz-do-bolsonarismo-com-verbas-do-governo-e-tom-amigo.shtml. Acesso em: 12 out. 2023.

de um veículo de comunicação de massa, como o rádio, um discurso xenofóbico e de desqualificação à China e às suas instituições.

Há, ainda, na polifonia presente no dito, um elemento subentendido bastante relevante naquele momento da pandemia no país: a contraposição aos posicionamentos públicos do então governador de São Paulo, João Dória. Político liberal e defensor da antipolítica como plataforma de atuação, João Dória chegou a fazer campanha para Bolsonaro, no Estado de São Paulo, por ocasião das eleições presidenciais, em 2018, vestindo uma camisa verde e amarela na qual se podia ler a expressão “Bolsodória”³⁶. Durante a pandemia, porém, Dória distanciou-se da política bolsonarista, apresentando-se em diversas ocasiões como um polo de oposição a Bolsonaro e defendendo a compra imediata, pelo governo federal, do imunizante produzido pelo laboratório *Sinovac*.

Ainda sobre o texto da fonte f-1, a formulação dos enunciados, aglutinando pronomes na primeira pessoa do plural e do singular, é expressiva da tão recorrente quanto premeditada confusão entre o lugar institucional ocupado por Bolsonaro, enquanto Presidente da República, e seu papel de líder político de uma base social: “[...] *nós* não compraremos, é decisão *minha*”. O enunciado parece evidenciar que o curso da gestão da pandemia no Brasil não estava orientado a nenhuma outra instância, senão o posicionamento político pessoal do ex-presidente. O desenvolvimento do dito reforça esse aspecto: “[...] *Eu* não acredito que ela transmita segurança suficiente para a população. Esse é o pensamento *nosso*”.

A compra da vacina, de cunho institucional, não seria concretizada por motivação exclusivamente pessoal, levando em conta, também, a contraposição que o ex-presidente queria construir em relação ao governador de São Paulo. Conforme o enunciador-jornalista, a *CoronaVac* não seria adquirida pelo governo federal, mesmo com autorização da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). A decisão unilateral de Bolsonaro, contudo, ganha ares coletivos com a formulação “[...] esse é o pensamento *nosso*”. Um “pensamento *nosso*” pressupõe que o pensamento seria de Bolsonaro e de outro(s). Ora, de quem seria, então, esse pensamento?

O texto da fonte f-1 fornece pistas importantes a respeito da origem da decisão de não comprar a *CoronaVac* e elucida os componentes do “pensamento *nosso*”. De acordo com o enunciador-jornalista da notícia, o Ministério da Saúde anunciara, enfim, a intenção de adquirir 46 milhões de doses da *CoronaVac*. Contudo, em menos de 24h, o então presidente Jair Bolsonaro

³⁶ Portal de Notícias UOL. Dória se diz “amargamente arrependido” pelo Bolsodória nas eleições. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/02/02/doria-se-diz-amargamente-arrependido-pelo-bolsodoria-nas-eleicoes-2018.htm>. Acesso em: 13 nov. 2023.

havia desautorizado o ministro Eduardo Pazuello, afirmando que o imunizante não seria comprado pelo governo brasileiro. Em julho de 2020, o Brasil recusou a compra de 160 milhões de doses de *CoronaVac*. Novas ofertas foram feitas em agosto, outubro e dezembro do mesmo ano pelo laboratório chinês e todas foram rechaçadas³⁷.

O cerne da decisão estava, evidentemente, longe de qualquer fundamentação científico-sanitária e inserido no contexto militar de chefes e de subordinados. Tanto que Bolsonaro alegava, diante da importância da decisão, que ele deveria ter sido avisado antes da intenção de compra das vacinas. Pazuello, general de Exército, era homem de confiança da cúpula militar que dava sustentação ao governo Bolsonaro. Conforme o próprio ex-presidente: “Eu sou militar, o Pazuello também o é, e nós sabemos que quando um chefe decide, o subordinado cumpre. Ele, no meu entender, houve uma certa precipitação em assinar esse protocolo. É uma decisão tão importante, e eu deveria ser informado. Conversei há pouco no *zap* com o Pazuello, sem problema nenhum, meu amigo de muito tempo, ele continuará ministro. E eu digo mais: ele é um dos melhores ministros da Saúde que o Brasil já teve nos últimos anos”.

Nomear um ministro militar em um governo de orientação política militar era contar de antemão com seu rebaixamento a qualquer decisão. Tanto Bolsonaro, quanto Pazuello e os demais militares do governo sabiam disso. O “pensamento nosso” era o pensamento dos chefes e subordinados conscientes de suas posições no jogo político de poder atuante na cena política nacional. A anuência do subordinado foi reconhecida pelo superior imediato: “Conversei há pouco no *zap* com o Pazuello, sem problema nenhum, meu amigo de muito tempo, ele continuará ministro”. A menção ao “*zap*”, forma popular de designar o aplicativo de troca de mensagens denominado *WhatsApp*, dialoga com a base social do bolsonarismo. O enunciado “[...] meu amigo de muito tempo, ele continuará ministro” aponta para um subentendido: a adesão ao projeto de poder do bolsonarismo.

Rememorando os ditos da fonte d-1, discutidos anteriormente, ao questionar publicamente algumas declarações do ex-Ministro Nelson Teich, Bolsonaro afirmou: “Todos os ministros são indicações políticas minhas, tá certo?” Com a nomeação do militar Pazuello, a noção de indicação política não deixa margem a dúvidas sobre a dimensão de comprometimento com o referido projeto de poder. O governo militar de Bolsonaro tinha, enfim, um ministro militar no Ministério da Saúde, mesmo sem nenhuma formação que o credibilizasse para atuar na pasta.

³⁷ Portal de Notícias UOL. Bolsonaro mente ao dizer que não negligenciou a compra de vacinas contra a COVID. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2021/03/22/secom-bolsonaro-vacinacao-brasil-covid-19-confere.htm>. Acesso em: 13 nov. 2023.

O pré-requisito era ser um subordinado, fator que o avalizava a ser “um dos melhores ministros da Saúde que o Brasil já teve nos últimos anos”.

A fonte f-2 (O Globo, 26/10/2020) traz ditos de Bolsonaro dirigidos a apoiadores, em Brasília-DF, no contexto de contraposição à obrigatoriedade de imunização contra a COVID-19 no Estado de São Paulo, conforme anúncio feito pelo governador à época, João Dória. Diante da possibilidade de judicialização do tema, Bolsonaro afirmou: “Hoje vou encontrar com o ministro Pazuello da Saúde para tratar desse assunto, porque temos uma jornada pela frente, onde parece que foi judicializada essa questão, e entendo que essa não é uma questão de Justiça, é uma questão de saúde acima de tudo, não pode um juiz decidir se você pode ou não tomar vacina, isso não existe”. Seguindo a linha da contraposição às vozes que considerava como opositoras, Bolsonaro, que já havia polarizado com as instituições de saúde, com a imprensa, e com governos locais, passava, naquele momento, a vislumbrar a possibilidade de contraposição a uma parcela do judiciário, caso a Justiça encaminhasse decisões relativas à obrigatoriedade do processo de imunização.

Após construir um discurso necropolítico, com uma diversidade de elos temático-discursivos que estruturaram sua política de morte e destruição, Bolsonaro afirmava que o debate sobre a vacinação “[...] não é uma questão de Justiça, é uma questão de saúde acima de tudo”. E afirmava, logo a seguir, que o objetivo pretendido pelo governo federal era “[...] buscar a solução para o caso”. A concepção de saúde para Bolsonaro estava intrinsecamente ligada ao tema dos medicamentos sem eficácia comprovada como tratamento para a COVID-19. Nos ditos da fonte f-2, tais medicamentos são denominados como “cura” para a doença: “[...] pelo que tudo indica, a vacina que menos demorou até hoje foram quatro anos [...] Eu dou minha opinião pessoal: não é mais fácil e barato investir na cura do que na vacina? Ou jogar nas duas, mas também não esquecer da cura? Eu, por exemplo, sou uma testemunha [da cura]. Eu tomei a hidroxiquina, outros tomaram a ivermectina, outros tomaram Annita e deu certo”. A contraposição vacina *versus* medicamentos, já presente em outros ditos, ganha uma ressignificação, passando a figurar como vacina *versus* “cura”. Dizendo-se “testemunha”, Bolsonaro afirmava que a “cura” já existia através dos medicamentos sem eficácia comprovada. Já as vacinas, segundo ele, demorariam ainda quatro anos para serem ministradas à população. Logo, seria melhor “investir na cura do que na vacina”.

A estruturação do enunciado tentava forjar uma argumentação, porém, não passava de mais uma *fake news*. Em outubro de 2020, data da fonte, Bolsonaro já havia recusado por três vezes a compra de milhões de imunizantes da *Sinovac Biotech*, como já citado na fonte anterior. A farmacêutica *Pfizer* também já havia feito propostas ao governo brasileiro, as quais também

foram recusadas³⁸. Ao dizer que não havia ainda nenhuma vacina no horizonte, Bolsonaro falseava a ordem dos acontecimentos, deliberadamente. Segundo a CPI da COVID-19, o governo brasileiro ignorou mais de 80 e-mails da mesma farmacêutica *Pfizer*. Ainda no mês de outubro de 2020, o governo também havia ignorado pedido do Tribunal de Contas da União para que apresentasse um plano de vacinação para a população brasileira.

Passado o período pandêmico, dados da Fiocruz – entidade de saúde pública à qual o ex-presidente também se contrapôs ao longo da pandemia – apontaram para uma queda na cobertura vacinal infantil no país³⁹. Com o fim do governo Bolsonaro, o Grupo de Transição do Ministério da Saúde concluiu que o Programa Nacional de Imunização sofreu severos retrocessos na gestão Bolsonaro⁴⁰. A linguagem da destruição bolsonarista conseguiu abalar bases anteriormente vistas como verdadeiros alicerces e símbolos da construção democrática do país, como é o caso do SUS e do próprio Programa Nacional de Imunização.

A partir de Bolsonaro e, especialmente, de sua gestão necropolítica da pandemia, práticas sociais enraizadas, como a vacinação desde os primeiros dias de vida, passaram a ser alvos de questionamento e de dúvida. Como sinalizaram Starling, Lago e Bignotto (2022), o bolsonarismo operou uma mudança abrupta em diversas esferas da sociedade. Entretanto, tais mudanças não foram operadas através de um golpe de Estado, mas paulatinamente, através da ação destruidora gradativa e incansável da linguagem bolsonarista, avançando “de modo sistemático numa corrosão por dentro do sistema” (Starling; Lago; Bignotto, 2022, p. 9-10).

2.3 Reconstituindo o percurso discursivo de Bolsonaro na pandemia

Nas seis seções do subtópico anterior, procurei delinear o encadeamento dos elos temático-discursivos, dispositivo analítico criado pela pesquisa, a fim de procurar avançar na compreensão dos ditos de Bolsonaro referentes ao período pandêmico. Nesse sentido, a forma de olhar para os enunciados, própria da Análise Cartográfica do Discurso (2021), foi essencial para a formulação de algumas observações gerais relativas ao conjunto de ditos dispostos nos subgrupos elaborados a partir da Tabela 1. O acompanhamento processual dos ditos e

³⁸ Portal de Notícias UOL. É falso que Brasil foi exemplo na compra de vacinas como diz Bolsonaro. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2022/01/17/e-falso-que-brasil-foi-exemplo-na-compra-de-vacinas-como-diz-bolsonaro.htm>. Acesso em: 14 nov. 2023.

³⁹ Portal Fiocruz. Vacinação infantil sofre queda brusca no Brasil. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/vacinacao-infantil-sofre-queda-brusca-no-brasil>. Acesso em: 16 nov. 2023.

⁴⁰ Portal Fiocruz. GT de Saúde do Gabinete de Transição entrega relatório final. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/gt-de-saude-do-gabinete-de-transicao-entrega-relatorio-final>. Acesso em: 16 nov. 2023.

acontecimentos, compreendidos como elos de uma mesma corrente discursiva, contemplou, por seu turno, um outro encadeamento, dessa vez entre a análise processual dos ditos do ex-presidente e os comentários advindos de autores selecionados no âmbito das ciências sociais, entendendo-os, também, sob a ótica discursiva. Partindo da perspectiva da processualidade, tais comentários foram integrados ao conjunto da análise à medida que o plano da experiência se descortinava. Ao olhar para esse percurso, compreendo que a observação do engendramento entre os ditos, acontecimentos e comentários proporcionou a compilação de alguns acúmulos analíticos, os quais apresento a seguir.

Um primeiro aspecto a ser considerado é a polifonia que subjaz ao discurso necropolítico de Bolsonaro. Ora, mostrada, ora constitutiva, a heterogeneidade presente nos ditos do período pandêmico permitiu visibilizar o “discurso do outro” (Authier Revuz, 2004, p. 12) ao qual Bolsonaro recorrentemente se contrapôs. Seja respondendo aos órgãos internacionais ou nacionais de saúde pública, aos veículos de comunicação ou à sua própria base social, a linha de argumentação do ex-presidente pautou-se perenemente pela dinâmica de contraposição a quaisquer vozes que tenham defendido que a COVID-19 era, efetivamente, uma “emergência de saúde pública de importância internacional”, conforme declarou o presidente da OMS, em janeiro de 2020.

Conforme os referenciais metodológicos deste trabalho, o funcionamento discursivo é inseparável de sua inscrição histórica, sendo os objetos do discurso integralmente linguísticos e integralmente históricos (Maingueneau, 2008, p. 16). Assim, o discurso de negação, abraçado como bandeira política por Bolsonaro, incidiu sobre os acontecimentos e vice-versa, perfazendo uma prática discursiva e assumindo diversas modulações à medida que o número de contaminações e óbitos se ampliava. O negacionismo revestiu-se de desqualificação dos riscos, de descredibilização das instituições científicas, de desconfiança sobre os dados veiculados e até de escarnecimento diante do agravamento da pandemia, haja vista a designação como “gripezinha” de uma doença respiratória, à época sem vacina ou tratamento cientificamente comprovado, e que matava por asfixia. A negação está na base da promoção, construída pelo próprio Bolsonaro, de seu discurso como eixo de produção de sentidos relativos à morte.

O discurso de gestão da pandemia converteu-se em polarização com os porta-vozes das medidas de segurança sanitária e em distorção do discurso emanado pelas instituições de saúde pública, assumindo a contaminação como política do fato consumado e a morte como uma espécie de dano colateral tolerável. Revestiu-se do dilema coronavírus *versus* desemprego, relativizando a contaminação, naturalizando a doença, patologizando a prevenção, demonizando as instituições de saúde pública, rechaçando a vacinação, normalizando a morte

e normatizando o descarte dos que “podiam” morrer – idosos, pessoas com deficiências ou comorbidades – para que a economia do país não fosse afetada. A linguagem da destruição, de acordo com Starling, Lago e Bignotto (2022), está na base da compreensão do discurso construído por Bolsonaro no período.

A partir do discurso de negação da pandemia e de predeterminação de quem poderia viver e de quem deveria morrer, instituíra-se, pois, uma política de morte, ou, conforme Achille Mbembe (2018) nos ensinou, uma necropolítica. Segundo o autor, “[...] a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (Mbembe, 2018, p. 5). Sobre a noção de necropolítica, Silvio de Almeida (2021) compreende que esse conceito desperta para a reflexão acerca das formas de violência perpetradas pelo Estado, especialmente contra as populações mais pobres e as minorias raciais. Parece nítido, pois, que os mais afetados pelo falso dilema vida *versus* economia seriam aqueles que não tinham possibilidade de escolha, ou seja, as trabalhadoras e os trabalhadores mais precarizados e pauperizados da sociedade do capital, sob os recortes de raça, gênero e classe.

Fundamentado pela noção de biopolítica elaborada por Foucault (1997), o conceito de necropolítica, conforme Almeida (2021), pretende abarcar o debate a respeito da forma “como a governamentalidade e suas tecnologias se impõem diante das mudanças na forma de reprodução social do capitalismo”, especificamente aquelas impulsionadas pela etapa neoliberal da economia capitalista. Tais mudanças aprofundam a dinâmica mercadológica inerente ao próprio capitalismo e apontam, sem qualquer pudor, para a compreensão de uma camada da população sob a ótica do descarte. O neoliberalismo pode ser compreendido, assim, como uma “[...] etapa do capitalismo em que, como em nenhum momento, experimentou-se a fusão entre mercadoria, desejo e morte” (Almeida, 2021, p. 10).

Com base em Almeida, ousou afirmar que, na pandemia, a necropolítica bolsonarista materializou essa fusão entre mercadoria, desejo e morte. Tendo como base as falas analisadas, parece nítido que o discurso encarnado por Bolsonaro – e que, citando novamente, incluía a desqualificação dos riscos de contaminação, a patologização dos cuidados e prevenção, a relativização das mortes, a priorização da economia em detrimento da vida, a indução a uma pretensa escolha entre morrer de fome ou de COVID, a desqualificação das vacinas e a recomendação de medicamentos sem eficácia como forma de pressionar os trabalhadores a aceitar compulsoriamente o risco de vida – estava, simultânea e indissociavelmente, revestido da referida expressão máxima de soberania, desdobrada no controle sobre quem poderia viver e quem deveria morrer, e na tentativa de transformar as vidas restantes em uma ode ao próprio exercício soberano de matar ou deixar viver para que a economia do país não fosse afetada.

À medida que o tempo passava e que os ditos se sucediam, Bolsonaro estabelecia sua própria figura pública de líder político como eixo alternativo de produção de sentidos, dissociando-a do lugar institucional por ele ocupado e valendo-se do discurso negacionista e necropolítico como método para a promoção de uma outra produção de mundo, a serviço do capital, ainda que essa produção de mundo se convertesse, na verdade, em uma política de destruição de uma sociedade minimamente democrática e das políticas de bem estar social.

Buscando compreender como essa materialidade discursiva destrutiva foi capaz de constituir um projeto necropolítico de poder, o presente trabalho de pesquisa procurou, a partir do Capítulo 3, avançar na identificação da rede interdiscursiva de relações históricas que constituem a heterogeneidade do discurso bolsonarista, procurando vislumbrar, ainda que de maneira sucinta, algumas relações que se podem depreender dos conceitos de necropolítica, neofascismo e neoliberalismo.

3 O NEOFASCISMO COMO PRINCÍPIO, A NECROPOLÍTICA COMO MÉTODO, O NEOLIBERALISMO COMO FIM

Ao adotar a Análise Cartográfica do Discurso como método de pesquisa-intervenção, o presente estudo se propõe a empreender um modelo de pesquisa voltado para o acompanhamento de percursos, deslocando-se da rigidez das estruturas para o traçado das linhas do território observado. A adoção de um método pautado pela processualidade é um desafio e um aprendizado, uma vez que se trata de um “saber que emerge do fazer” (Passos; Barros, 2020, p. 18), privilegiando o plano da experiência, da heterogênesse, da diferença.

Compreendendo a diferença como o lugar dos acontecimentos, dos intercâmbios, das intercessões, a presente pesquisa compreende o discurso bolsonarista como uma construção de sentidos, tendo em vista uma produção de mundo própria. Para focar essa construção de sentidos, o plano da análise discursiva foi associado metodologicamente a outros saberes inscritos nos domínios das ciências sociais, de modo a promover uma perspectiva de campos que se interrelacionam e se entrecruzam no processo analítico.

Convém retomar, portanto, que esta pesquisa cartográfica é orientada pela combinação horizontalizada de planos de análise distintos, que não estão subordinados a uma perspectiva prévia de hierarquia de saberes, mas coexistem no desenvolvimento da análise. Essa é, com efeito, a perspectiva rizomática adotada pelo presente trabalho de pesquisa, já delineada no Capítulo 1 desta dissertação. Para além, pois, da perspectiva discursiva abraçada, uma combinação de conceitos advindos da historiografia, da filosofia e da ciência política emergem a partir do ponto de vista cartográfico. Como nos ensinam Deusdará e Rocha (2021), há uma indissociabilidade entre linguagem, sujeito e mundo para a Análise Cartográfica do Discurso, transbordando, assim, as margens da linguística (Deusdará; Rocha, 2021). Conforme mencionado anteriormente, tais conceitos não serão compreendidos como moldes, decalques ou amarras para represamento dos ditos e dos acontecimentos, sendo incorporados ao presente estudo como ferramentas de reflexão a respeito dos mesmos ditos e dos acontecimentos, conjugados às reflexões de ordem linguístico-discursiva.

No Capítulo 2, foram apontadas elaborações de Achille Mbembe (2018) sobre o conceito de necropolítica, assim como alguns comentários de Silvio de Almeida (2021) a respeito do mesmo ensaio de Mbembe. Foram alinhavadas à análise, também, algumas elaborações de Starling, Lago e Bignotto (2022) sobre a concepção da linguagem bolsonarista como uma linguagem de destruição dos pilares da sociedade democrática. Os paralelos

estabelecidos preliminarmente entre tais elaborações e os ditos presentes no *córpus linguístico* relativo ao período pandêmico contribuíram para efetivar uma leitura sobre a política de morte praticada por Bolsonaro durante a pandemia. Tal política foi se estabelecendo, pouco a pouco, como uma construção de sentidos que alimentava a base social do bolsonarismo, tendo sido decisiva para a implementação da política de gestão da pandemia, a qual foi pautada pelo poder soberano, assumido pelo ex-presidente, de determinar quem deveria morrer e quem poderia viver.

No presente capítulo, o conceito de necropolítica também foi empregado, contudo, de modo a confluir com outras duas noções, também inscritas no domínio das ciências sociais: neofascismo e neoliberalismo. Conforme já mencionado, este estudo busca compreender esses conceitos como planos conjugados de análise dos ditos e dos acontecimentos, enfocando, além do acúmulo analítico produzido no capítulo anterior, as fontes de pesquisa dispostas na Tabela 2 do *córpus linguístico*. Ciente de que, na perspectiva analítica abraçada, a busca pela compreensão do jogo de forças, das relações de poder e dos processos discursivos dão forma, dotam de sentido e sustentam os acontecimentos, o presente capítulo empreende uma análise dos ditos de Bolsonaro a partir da heterogênesse que os constitui, valendo-se, para isso, do enlace entre a perspectiva discursivo-cartográfica abraçada e os conceitos já mencionados oriundos do domínio das ciências sociais.

3.1 A possibilidade de uma memória fascista presente nos ditos de Bolsonaro: o interdiscurso como chave para o neofascismo

Na Introdução deste trabalho, procurei apontar, ainda que sucintamente, algumas características do fenômeno conhecido por “bolsonarismo”. Tendo como base a caracterização feita por Brown (2019), entendo que a localização de tal fenômeno escapa ao que, genericamente, se denomina de forma usual como “direita”. Apresentando raízes solidamente fincadas socialmente, o bolsonarismo foi capaz de amalgamar variados grupos sociais e políticos, desde os mais alinhados ao que comumente se costuma chamar de “direita tradicional” àqueles que se localizam no eixo mais conservador e regressivo. Dentre os agrupamentos contidos no arco ideológico reacionário que constitui o bolsonarismo, sobressaem os partidos políticos da “direita tradicional”, partidos da extrema direita, parcelas do empresariado e do capital financeiro, além de setores liberais e neoliberais. Conforme Pericás (2021, p. 267), o apoio das Forças Armadas, polícias estaduais e milícias vem tendo

importância basilar. Por fim, o bolsonarismo também conta com a adesão de inúmeras igrejas cristãs, de uma parcela significativa da Igreja Católica, de uma diversidade de movimentos ultraconservadores e até de grupos com orientação neonazista.⁴¹ Conforme Brown (2019),

Para sua própria surpresa, forças da extrema direita subiram ao poder nas democracias liberais pelo mundo todo. Cada eleição traz um novo choque: neonazistas no parlamento alemão, neofascistas no italiano, o Brexit conduzido pela xenofobia alimentada por tabloides, ascensão do nacionalismo branco na Escandinávia, regimes autoritários tomando forma na Turquia e no Leste Europeu e, é claro, o trumpismo. O ódio e a belicosidade racistas, anti-islâmicos e antisemitas crescem nas ruas e na internet. Grupos de extrema direita recentemente amalgamados têm eclodido audaciosamente na vida pública após terem passado anos à espreita, na maior parte do tempo nas sombras. Políticos e vitórias políticas encorajam movimentos de extrema direita que, por sua vez, se sofisticam à medida que manipuladores políticos e peritos em mídia social moldam a mensagem (Brown, 2019, p. 9).

A aglutinação desse feixe diversificado de agrupamentos consolidou uma base social coesa e consciente de seu papel para a construção do projeto de poder bolsonarista. No entanto, a reunião dessas forças políticas não se deu ao acaso. De acordo com o presente trabalho de pesquisa, dois fatores parecem ter sido fundamentais para a consolidação do referido bloco regressivo. O primeiro diz respeito à adesão pregressa da mencionada base social a um eixo de ditames morais e religiosos capaz de reunir uma série de princípios e de padrões comuns ao bolsonarismo. Esse eixo, simbolizado pelo lema “Deus, pátria, família e liberdade”, frequentemente mencionado por Bolsonaro em seus ditos, abarca uma série de características que contribuem para congregar a base social bolsonarista, dentre as quais sobressaem a religiosidade de base cristã ocidental, o nacionalismo como antagonista das políticas sociais defendidas pela esquerda, a concepção patriarcal e heteronormativa de família e dos relacionamentos afetivos, e a liberdade irrestrita de expressão como instrumento de propagação de preconceitos e de opressões diversas, especialmente nas redes sociais.

Além dessas, na introdução deste trabalho citei também o anticomunismo, o anticientificismo, o apego anacrônico às tradições de épocas consideradas modelares, o colonialismo, o recurso à violência física e política em nome dos “valores”, a defesa da implementação de uma ditadura militar no país e do armamento da população, o racismo, o antifeminismo, a LGBTfobia, o ódio aos povos indígenas e uma série de outras posturas de dominação e exaltação da capacidade de perseguir, silenciar e ameaçar os que fossem

⁴¹ VEIGA, Edison. El País. Dados indicam crescimento do neonazismo no Brasil. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/dados-indicam-crescimento-do-neonazismo-no-brasil/a-53985901?maca=pt-BR-Twitter-sharing>. Acesso em: 01 mai. 2024.

considerados inimigos políticos e, por isso, passíveis de desqualificação, silenciamento e banimento da cena política.

Essencial para a consolidação do projeto de poder bolsonarista, o referido ideário, que o presente trabalho entende como alinhado ao neofascismo, não teria logrado tanto êxito e não teria alcançado tão expressivo enraizamento na sociedade sem a cooperação do segundo fator, considerado decisivo para a afirmação do bolsonarismo como movimento político: a participação de significativas frações das classes dominantes. Esse dado está longe de possuir importância secundária. Historicamente, as classes dominantes sempre manifestaram apreço ao grande capital e a regimes capazes de intensificar seu poder sobre os trabalhadores e oprimidos, objetivando frear e retroceder quaisquer avanços sociais que comprometam sua hegemonia político-econômica na sociedade.

Por isso, o presente capítulo procurou estabelecer um diálogo entre a cartografia discursiva, a história e a política, buscando compreender a possibilidade real de haver uma memória fascista latente nos ditos de Bolsonaro, especialmente nos ditos presentes na Tabela 2 do corpus da presente pesquisa. Entendo que tais ditos congregam, com efeito, uma política de morte hodierna que atende aos interesses do capital na atualidade.

Do ponto de vista metodológico, se esta fosse uma pesquisa de cunho historiográfico, é possível que a busca pela gênese dos fenômenos estudados figurasse no âmbito das prioridades investigativas. Entretanto, como procurei delinear na breve descrição do método da cartografia empreendida no Capítulo 1, o presente trabalho não teve como foco a busca pelas origens históricas dos acontecimentos. O horizonte analítico desta pesquisa diz respeito à tentativa de compreensão das forças em embate, das relações de poder e dos processos discursivos que, simultânea e indissociavelmente, dão forma, dotam de sentido e sustentam os acontecimentos, os quais impactam diretamente nossas vidas e nossa luta de resistência.

Por isso, apesar de já ter sinalizado que os resultados deste estudo se afastam daqueles obtidos através das teorias da representação, parece conveniente retomar a centralidade do plano da experiência e do acompanhamento processual de suas linhas de composição (Passos; Barros, 2020), o que exigiu um peculiar trabalho de atenção a respeito dos dados da realidade que foram observados e analisados. Nesse sentido, neofascismo e neoliberalismo não foram dissecados em suas origens históricas, tampouco amplamente conceituados ou descritos em seus múltiplos meandros políticos, mas conjugados à cartografia discursiva, em uma perspectiva investigativa horizontalizada de saberes.

Feitas as devidas ressalvas, tal perspectiva de conjugação de saberes pautou processualmente a análise desenvolvida e produziu alguns deslocamentos, os quais dizem

respeito à possibilidade de se afirmar que o discurso de Bolsonaro seja constitutivamente um discurso neofascista sem, contudo, recorrer às tradicionais análises de cunho unicamente descritivo do fascismo histórico. Um dos pilares da metodologia de pesquisa, o primado do interdiscurso (Maingueneau, 2008) tornou possível, penso eu, essa possibilidade. Ancorado em uma perspectiva de imbricação linguístico-histórica dos enunciados, o primado do interdiscurso pressupõe que um discurso deve ser assimilado em sua heterogeneidade, ou seja, a partir de sua relação com outros discursos, uma vez que as práticas discursivas não se estabelecem de maneira descontínua, mas a partir da relação estabelecida entre o Mesmo do discurso e seu Outro (Maingueneau, 2008), entre o que constitui uma prática discursiva como tal e a “memória” que circunscreve a mesma prática. Esse sistema, contudo, não se reduz à ideia de invólucro ou receptáculo, constituindo-se, com efeito, como a rede semântica que torna possível a produção de um discurso.

Neste ponto, as definições de Maingueneau (2008) a respeito de universo, campo e espaço discursivo, mencionadas no capítulo dedicado à fundamentação cartográfico-discursiva da pesquisa, fornecem uma eficiente pista analítica. De acordo com o discursivista francês, campo discursivo é um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência/convergência e “delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo”, horizonte a partir do qual os domínios suscetíveis de serem estudados são construídos (Maingueneau, 2008, p. 33-34). Ora, o campo discursivo aqui analisado encontra-se no âmbito dos discursos de direita e extrema direita. Entendendo o espaço discursivo como um subconjunto de discursos selecionados e postos em relação (Maingueneau, 2008), o presente capítulo elencou alguns aspectos que se encontram na base de construção do discurso de extrema direita de Bolsonaro, procurando identificar a presença de outros discursos e de vozes que remetem à experiência histórica do fascismo, atualizando dialogicamente a prática discursiva enfocada. Avançar na compreensão dessa heterogeneidade, dessa polifonia, contribui, por sua vez, para investigar as relações de poder que fundamentam o bolsonarismo como produção de mundo própria a serviço do capital. Afinal, como nos ensinou Authier-Revuz (1990): “sempre sob as palavras ‘outras palavras’ são ditas” (Authier-Revuz, 1990, p. 28).

3.2 Costumes, opressões, política, regime: do bolsonarismo ao neofascismo (e vice-versa)

Os ditos de Bolsonaro presentes nas fontes jornalísticas que compõem a Tabela 2 foram selecionados a partir de sites de notícias e portais de jornais de grande circulação no país, assim

como foi feito em relação aos ditos que compõem a Tabela 1, analisados no capítulo anterior. Essas fontes, datadas de 2020-2022, trazem ditos de Jair Bolsonaro que reforçam o eixo ideológico preconizado pela coalizão reacionária que sustenta o bolsonarismo.

Trazendo para o presente capítulo o mesmo dispositivo analítico empregado no capítulo anterior, os ditos da Tabela 2 foram agrupados em dois subtópicos temáticos: o subtópico de costumes e opressões, e o subtópico de política e regime. Inicialmente, havia planejado seguir um percurso cronológico, uma vez que os ditos selecionados compreendem o período inicial da pandemia e se estendem até o período pós-eleitoral de 2022. Entretanto, o trabalho de atenção a respeito do plano de observação remodelou a maneira pela qual a análise, dia após dia, foi sendo desdobrada.

Assim, os ditos selecionados foram dispostos nos dois blocos temáticos já mencionados acima, e incluíram, além da transcrição, as datas, os títulos das notícias-fonte e os veículos de comunicação que as divulgaram na internet. Ao final, assim como foi feito em relação às fontes da Tabela 1, foram anexadas as fontes jornalísticas completas utilizadas na pesquisa.

3.2.1 Ditos de Bolsonaro sobre costumes e opressões

Os ditos de Bolsonaro, agrupados no quadro abaixo, dizem respeito a uma parcela do eixo ideológico preconizado pelo bolsonarismo, enquanto movimento político de extrema direita. O título do subtópico já adianta o cerne de seu conteúdo: pautar uma pretensa agenda de costumes e um discurso pró-maioria capaz de aglutinar os grupos constituintes da coalizão reacionária que foi, e segue sendo até a presente data, sua fiel base social.

Quadro 7 - Ditos de Bolsonaro sobre costumes e opressões

<p>Fonte 1 – 17/05/2021 – Jornal Extra ‘Sou imorrível, imbrochável e também sou incomível’, diz Bolsonaro <i>“Fica tranquilo. Olha, já falei que sou imorrível, já falei que sou imbrochável e também sou incomível”</i></p>
<p>Fonte 2 – 28/10/2021 – Portal UOL Bolsonaro: Beneficiários do Bolsa Família ‘não sabem fazer quase nada’ <i>“Não tem como tirar o Bolsa Família do pessoal, como alguns querem. São 17 milhões de pessoas que não têm como ir mais para o mercado de trabalho. Com todo o respeito, não sabem fazer quase nada. O que a juventude aprendeu com quase 14 anos de PT? Tendo o ministro [Fernando] Haddad lá na educação”.</i></p>
<p>Fonte 3 – 15/07/2022 – Portal UOL Bolsonaro contraria constituição e diz que ‘minorias têm que se adequar’ <i>“Outro dia eu falei... A mãe quer que o Joãozinho continue sendo Joãozinho. Ah, declaração homofóbica... Meu Deus do céu. Porra... Onde nós iremos? Cedendo para as minorias... As leis existem, no meu entender, para proteger as maiorias. As minorias têm que se adequar”</i></p>
<p>Fonte 4 – 07/09/2022 – Portal G1 Bolsonaro faz discurso de campanha na comemoração do 7 de setembro <i>“A vontade do povo se fará presente no próximo dia 2 de outubro. Vamos todos votar, vamos convencer aqueles que pensam diferente de nós, vamos convencê-los do que é melhor para o nosso Brasil” / “Sabemos que temos</i></p>

pela frente uma luta do bem contra o mal, um mal que perdurou por 14 anos em nosso país, que quase quebrou a nossa pátria e que agora deseja voltar à cena do crime. Não voltarão. O povo está do nosso lado. O povo está do lado do bem. O povo sabe o que quer” / “Podemos fazer várias comparações, até entre as primeiras-damas. Não há o que discutir. Uma mulher de Deus, família e ativa na minha família. Não é ao meu lado, não. Muitas vezes ela está na minha frente” / “Eu tenho falado para os homens solteiros, para os solteiros que estão cansados de serem felizes. Procurem uma mulher, uma princesa, se casem com ela para serem mais felizes ainda”.

Fonte 5 – 13/09/2022 – Estadão

Bolsonaro critica demarcação de terras indígenas: ‘É o fim da nossa economia’

“O pessoal tem que ver o que os candidatos pretendem fazer e falam de forma bastante clara. Dobrar a área indígena que está demarcada no Brasil é o fim da nossa economia, é o fim da nossa segurança alimentar” / “Temos um governo hoje em que o presidente acredita em Deus, defende a vida desde a sua concepção, não quer conversa com o aborto e não aceita liberar drogas, não quer ideologia nas escolas e defende a propriedade privada” / “Temos um mal pela frente, um capeta que quer impor o comunismo no Brasil, uma pessoa que foi liderança mundial em corrupção, que nada deixou de bom para o país, lá atrás um ex-presidente que nunca respeitou a família brasileira” / “Nós não sairemos do Brasil, quem tem que sair do Brasil é quem não quer a liberdade do seu povo”.

Fonte 6 – 28/10/2022 – Portal UOL

‘Pintou um clima com meninas’ gera pedido de impeachment contra Bolsonaro

“Eu estava em Brasília, na comunidade de São Sebastião, se eu não me engano, em um sábado de moto [...] parei a moto em uma esquina, tirei o capacete, e olhei umas menininhas... Três, quatro, bonitas, de 14, 15 anos, arrumadinhas, num sábado, em uma comunidade, e vi que eram meio parecidas. Pintou um clima, voltei. ‘Posso entrar na sua casa?’ Entrei. Tinha umas 15, 20 meninas, sábado de manhã, se arrumando, todas venezuelanas. E eu pergunto: meninas bonitinhas de 14, 15 anos, se arrumando no sábado para quê? Ganhar a vida”.

Fonte: Elaboração da autora, 2024.

O dito presente na Fonte 1 (Jornal Extra, 17/05/2021) foi dirigido por Bolsonaro a apoiadores, no Palácio da Alvorada. De acordo com o enunciador-jornalista, ao ser perguntado sobre seu estado de saúde, Bolsonaro respondeu: “Fica tranquilo. Olha, já falei que sou imorrível, já falei que sou imbrochável e também sou incomível”. Àquela altura, o país acumulava 436.862 óbitos por COVID-19 e, evidentemente, uma pergunta sobre as condições de saúde do então presidente estava longe de solicitar uma resposta de cunho jocoso, preconceituoso e vulgar. Entretanto, a estrutura do dito parece revelar um propósito. Utilizando os verbos na primeira pessoa para qualificar a si mesmo como “imorrível”, “imbrochável” e “incomível”, Bolsonaro se dirigia ao público padrão de sua base social, e que se caracteriza por ser, prioritariamente, do sexo masculino, branco, cisgênero, heteronormativo, machista, LGBTfóbico e de classe média. A declaração que alia invencibilidade, virilidade, homofobia e poder fálico tinha, pois, endereço certo.

Procurando traçar relações discursivas entre os enunciados, o dito relatado pela Fonte 3 (Portal UOL, 15/07/2022) pode ser comparado ao dito relatado pela Fonte 1, uma vez que acentua o mesmo traço do ideário bolsonarista: a opressão de cunho LGBTfóbico. Proferido pouco mais de um ano depois, o palco do dito foi um culto evangélico da igreja Assembleia de Deus, realizado na cidade de Juiz de Fora (MG). Na ocasião, Bolsonaro, dirigindo-se a pastores, fiéis da agremiação religiosa e apoiadores, declarou: “Outro dia eu falei... A mãe quer que o

Joãozinho continue sendo Joãozinho. Ah, declaração homofóbica... Meu Deus do céu. Porra... Onde nós iremos? Cedendo para as minorias... As leis existem, no meu entender, para proteger as maiorias. As minorias têm que se adequar”. Dada a natureza discriminatória do dito, o enunciador-jornalista da fonte adentrou um comentário de cunho legal, alertando nitidamente sobre o desrespeito do ex-presidente a um direito humano e constitucionalmente garantido: “Nos regimes democráticos, devem ser respeitados os direitos das minorias – sejam de opinião ou de identidade. A Constituição Brasileira, de 1988, proíbe qualquer tipo discriminação – seja pela raça, etnia, religião ou sexo –, garantindo o direito de ser diferente sem sofrer violação de seus direitos de cidadania. Independentemente do âmbito (municipal, estadual ou federal), a lei visa atender ao bem-estar e às necessidades da sociedade como um todo, o que inclui os chamados grupos minoritários”.

A predileção pelo discurso de opressão às minorias LGBTQIAPN+ é uma marca registrada do discurso de Bolsonaro. Em 2018, o então deputado federal e candidato à presidência da República chegou a declarar: “Sou homofóbico, sim, com muito orgulho”⁴². Nos ditos relatados pelas Fontes 1 e 3, Bolsonaro incorre em homofobia e transfobia de maneira específica, mas certamente o conjunto da comunidade LGBTQIAPN+ acaba sendo afetado pelo discurso de ódio presente nos ditos. O ódio de Bolsonaro é direcionado a tudo que escapa à heteronormatividade branca, masculina e cisgênero.

As fontes dos ditos mencionados revelam que o ex-presidente, no momento das declarações, estava se dirigindo a apoiadores. No enunciado da Fonte 3, a proximidade com as eleições presidenciais acrescentava mais um elemento à sordidez do conteúdo: a necessidade de arregimentar sua base social por ocasião da proximidade do pleito. O discurso transfóbico e o apelo à ideia de infelicidade fora da heteronormatividade cisgênero fundamentam aqui um dos pilares do ideário bolsonarista: a submissão das minorias à vontade da maioria. E Bolsonaro foi ainda mais longe ao afirmar que “as leis existem para proteger as maiorias”, em uma absoluta inversão da própria lógica de proteção, mas em defesa de um outro pilar do eixo ideológico bolsonarista: a liberdade irrestrita de expressão que compactua com a impolidez, a opressão, a violência e o ódio.

O dito selecionado e consignado na Fonte 2 (Portal UOL, 28/10/2021) relata uma das inúmeras críticas de Bolsonaro desferidas contra o programa social “Bolsa Família”, que remonta, originalmente, aos dois primeiros mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva como

⁴² Catraca Livre. “Sou homofóbico, sim, com muito orgulho”, diz Bolsonaro em vídeo. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/sou-homofobico-sim-com-muito-orgulho-diz-bolsonaro-em-video>. Acesso em: 14 abr. 2024.

Presidente da República (2003-2011) e que foi criado com o objetivo de retirar milhões de pessoas da absoluta miséria a partir da transferência direta de renda. Em entrevista a um canal de TV, Bolsonaro afirmou: “Não tem como tirar o Bolsa Família do pessoal, como alguns querem. São 17 milhões de pessoas que não têm como ir mais para o mercado de trabalho. Com todo o respeito, não sabem fazer quase nada. O que a juventude aprendeu com quase 14 anos de PT? Tendo o ministro [Fernando] Haddad lá na educação”. No enunciado, Bolsonaro descaracteriza o caráter de programa social do Bolsa Família e “com todo respeito” – expressão amplamente conhecida como prenúncio de uma fala desrespeitosa – afirma que os beneficiários são pessoas que “não sabem fazer quase nada”, deslocando a natureza social do programa para o âmbito de uma suposta incapacidade funcional dos favorecidos.

Um dos traços evidentes do dito é o discurso de ódio aos pobres e, considerando-se que a base social de Bolsonaro se constitui majoritariamente de frações da classe média, o fruto imediato desse tipo de construção discursiva é o ódio dos setores médios às camadas mais pauperizadas da população, as quais, para terem acesso a um mínimo de itens para se alimentar, precisam fazer uso do benefício. Nesse sentido, uma análise mais acurada sobre o perfil das pessoas que recebem o auxílio financeiro pode ser bastante reveladora do alcance do discurso de ódio de Bolsonaro. De acordo com o site institucional do Governo Federal, 83,4% dos benefícios do Bolsa Família estão em nome de mulheres chefes de família⁴³ e 71% dos beneficiados são pessoas negras⁴⁴. O número de negros na linha da pobreza é, inclusive, o triplo de brancos. Com algum grau de variação, essa tem sido a tônica da concessão dos benefícios. Ao dizer, portanto, que os beneficiados pelo Bolsa Família são pessoas “que não sabem fazer quase nada”, Bolsonaro não incorre somente em opressão de classe, ao desqualificar as camadas mais pobres da sociedade, mas, simultaneamente, incorre em opressão de gênero e de raça ao desmerecer mulheres e pessoas negras, ainda que de forma subentendida.

Como o ódio bolsonarista avança sobre todos que estão fora do espectro da maioria reivindicada pela extrema direita, também os povos indígenas se tornaram alvos preferenciais do discurso de ódio de Bolsonaro, não apenas no período delimitado pela presente pesquisa,

⁴³ Governo Federal. Mulheres são protagonistas do Bolsa Família, com 83,4% dos benefícios em seus nomes. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/mulheres-sao-protagonistas-do-bolsa-familia-com-83-4-dos-beneficios-em-seus-nomes#:~:text=Mulheres%20s%C3%A3o%20protagonistas%20do%20Bolsa,Fam%C3%ADlia%20e%20Combate%20%C3%A0%20Fome>. Acesso em: 01 mai 2024.

⁴⁴ BBC News. Com Bolsa Família “turbinado”, número de negros na pobreza ainda é o triplo de brancos. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cn036x357eyo>. Acesso em: 01 mai 2024.

mas em diversos momentos de sua vida pública como deputado⁴⁵. A menção à pauta indígena, no entanto, voltou à cena política em plena campanha presidencial, de acordo com o dito relatado pela Fonte 5 (Estadão, 13/09/2022): “O pessoal tem que ver o que os candidatos pretendem fazer e falam de forma bastante clara. Dobrar a área indígena que está demarcada no Brasil é o fim da nossa economia, é o fim da nossa segurança alimentar”. A estrutura do dito evidencia o que Bolsonaro pensava sobre os povos indígenas. Chama a atenção o introito por ele utilizado: “O pessoal tem que ver o que os candidatos pretendem fazer e falam de forma bastante clara”. Os verbos fazer e falar estão em paralelo, estabelecendo uma unidade entre discurso e prática. O tom de orientação antecede a formulação da pauta: “Dobrar a área indígena que está demarcada no Brasil é o fim da nossa economia, é o fim da nossa segurança alimentar”. Novamente, como já fizera durante a pandemia, Bolsonaro formula um falso dilema. Dessa vez, através das falsas dicotomias demarcação *versus* economia e demarcação *versus* segurança alimentar do país.

A estratégia de contrapor uma pauta defendida por segmentos da sociedade que Bolsonaro considera como inimigos de seu projeto de poder remonta ao primeiro ano da pandemia de COVID-19. Conforme apresentado no Capítulo 2 (Subgrupo A da Tabela 1 de fontes jornalísticas), o falso dilema que alicerçou a política bolsonarista de gestão da pandemia procurava contrapor a necessidade de isolamento social com o desenvolvimento econômico do país. Na aparente dicotomia, Bolsonaro afirma que a proteção aos povos indígenas seria incompatível com a economia e com a própria segurança alimentar do país. Implícito no discurso do ex-presidente, o cerne do problema diz respeito ao percentual de desmatamento em áreas protegidas a fim de favorecer grandes madeireiras e o agronegócio brasileiro, parcela do empresariado que contribuiu para a vitória de Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018.

Luta histórica de resistência, a pauta da demarcação de terras indígenas tem como objetivo a garantia pelo direito à existência dos povos originários e tradicionais. Contudo, de acordo com o Instituto Socioambiental (ISA)⁴⁶, os anos de mandato de Bolsonaro foram decisivos para intensificar a destruição da Amazônia, o que inclui perdas florestais severas que afetam diretamente a vida dos povos indígenas e tradicionais. A análise data de 22/12/2022,

⁴⁵ Portal UOL. De ‘fedorento’ a ‘animais’: dez vezes em que Bolsonaro atacou indígenas. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2023/01/26/fedorento-animal-quase-humano-10-vezes-em-que-bolsonaro-atacou-indigenas.htm>. Acesso em: 03maio 2024.

⁴⁶ Instituto Socioambiental. Bolsonaro deixa presidência com recorde histórico de desmatamento em áreas protegidas. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/bolsonaro-deixa-presidencia-com-recorde-historico-de-desmatamento-em-areas#:~:text=J%C3%A1%20nas%20Terras%20Ind%C3%ADgenas%2C%20principal,o%20est%C3%ADmulo%20%C3%A0%20ilegalidade%20ambiental>. Acesso em: 03 maio2024.

quando já era conhecido o resultado das eleições, e traz dados importantes para compreendermos a extensão da destruição.

Segundo a análise do monitoramento do ISA, as Unidades de Conservação Federais de proteção integral e uso sustentável registraram aumentos de 111% e 116%, respectivamente. Os Territórios Quilombolas (TQs) registraram um aumento de 13%. Já nas Terras Indígenas, principal alvo de crimes cometidos durante o atual governo, o aumento do desmatamento foi de 157%, demonstrando a omissão generalizada do Estado e o estímulo à ilegalidade ambiental (ISA, 2022).

Como demonstram as fontes até aqui analisadas, a postura autoritária e reacionária contra as minorias em defesa de uma maioria que, por óbvio, não precisava ser defendida se fez presente em uma diversidade de ditos de Bolsonaro ao longo do período que antecedeu as eleições. O discurso proferido por ele, em Brasília, por ocasião das comemorações oficiais do Bicentenário da Independência do Brasil exemplifica mais uma vez esse aspecto, valendo-se, também, da alegoria da luta do bem contra o mal para desqualificar seus adversários políticos e apresentar-se como alternativa única.

Estruturados sob a forma de discurso de campanha, os trechos selecionados e relatados pela Fonte 4 (Portal G1, 07/09/2022) carregam o apelo por uma votação favorável a Bolsonaro no 1º turno das eleições (ocorrido em 1/10/2022). Utilizando-se de uma terminologia de cunho religioso, moralista e maniqueísta, o ex-presidente afirmou: “A vontade do povo se fará presente no próximo dia 2 de outubro. Vamos todos votar, vamos convencer aqueles que pensam diferente de nós, vamos convencê-los do que é melhor para o nosso Brasil”. Valendo-se de uma linha argumentativa muito próxima do uso do vocábulo “verdade”, já abordado no capítulo precedente, ao postular-se como o “melhor para o Brasil”, Bolsonaro estabelecia-se como a única alternativa plausível do pleito. Afinal, segundo ele, estaria prestes a acontecer uma “luta do bem contra o mal”. A alegoria do “juízo final” não foi escolhida ao acaso. A “luta do bem contra o mal” é uma expressão bastante presente nos discursos religiosos cristãos. Ao apropriar-se do termo, Bolsonaro sacralizava a si mesmo, demonizando, por conseguinte, o candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que viria a ser, então, a personificação do “mal”.

De acordo com o ex-presidente, os anos de governo do Partido dos Trabalhadores (PT) foram um “mal que perdurou por 14 anos em nosso país, que quase quebrou a nossa pátria e que agora deseja voltar à cena do crime”. O uso reiterado dos pronomes possessivos em “nosso país” e “nossa pátria”, para além dos questionamentos que se poderiam prudentemente fazer a respeito dos sentidos de “país” e “pátria”, parecem comprovar a perspectiva delineada na presente análise sobre a noção de maioria. Para Bolsonaro, “nosso país” não é um país de todos, mas o país da maioria, da base social padrão do bolsonarismo, dos que estão “do lado do bem”.

A “nossa pátria” é a pátria dos homens e mulheres cisgênero, dos heterossexuais, dos conservadores, dos cristãos, dos militares e paramilitares, da branquitude patriarcal e, principalmente, de todos que estivessem alinhados ao ideário defendido e propagandeado pela extrema direita e que, principalmente, estivessem dispostos a combater o “mal”, isto é, o conjunto de princípios e pautas sociais que o bolsonarismo entende como projeto alinhado à esquerda.

Certo de que venceria as eleições e de que seria reeleito, Bolsonaro decretou a respeito de seus adversários políticos da esquerda: “Não voltarão”. E por qual razão? Ele mesmo respondeu: “O povo está do nosso lado. O povo está do lado do bem. O povo sabe o que quer”. O caráter excludente implícito no dito sugere que o único lado possível da história seria o de Bolsonaro e de sua base. Todos que discordassem estariam, conseqüentemente, ao lado do “mal”. O maniqueísmo apresenta-se, pois, como um dos pilares do discurso bolsonarista. Além deste, o anticomunismo, o antiesquerdismo e a antipolítica, enquanto tentativa de aniquilar todas as formas de fazer política presentes na social-democracia, também fazem parte do instrumental de destruição bolsonarista.

Para concluir a análise dos ditos selecionados sobre opressões e costumes, passo a seguir à tentativa de análise de uma das formas de opressão mais caras ao bolsonarismo – e que, particularmente, tem implicação direta na presente pesquisa: a opressão de gênero. Ao longo de sua vida pública, o ex-presidente proferiu uma série de declarações machistas e misóginas contra as mulheres. Uma breve pesquisa ao *Google* pode comprovar essa afirmação. Certa vez, afirmou em uma entrevista que era justificável as mulheres ganharem salários mais baixos porque engravidam e desfalcam o local de trabalho⁴⁷. As menções feitas por ele às mulheres, em geral, sempre foram marcadas por uma perspectiva de objetificação, inferiorização e submissão ao homem.

O dito referente às mulheres, presente na Fonte 4, não foge à regra. De acordo com o discurso relatado pela fonte jornalística, Bolsonaro, durante seu pronunciamento no Bicentenário da Independência, em 07/09/2022, estabeleceu uma comparação entre Michele Bolsonaro, sua esposa, e Janja Lula, casada com seu adversário: “Podemos fazer várias comparações, até entre as primeiras-damas. Não há o que discutir. Uma mulher de Deus, família e ativa na minha família”. A comparação visava desqualificar a companheira do, então, candidato Luiz Inácio Lula da Silva, do PT. Parece oportuno retomar que, ao utilizar o termo

⁴⁷ Congresso em Foco. Treze frases de Bolsonaro de natureza sexual e machista. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/treze-frases-de-bolsonaro-de-natureza-sexual-e-machista>. Acesso em: 02 mai 2024.

“primeiras-damas”, Bolsonaro faz alusão a um determinado perfil de mulher que, muitas vezes, desempenha um papel figurativo ao lado de políticos tradicionais eleitos para cargos no Executivo. O recurso à comparação, reivindicando o sentido conservador atribuído às mulheres que, historicamente, sempre viveram à sombra dos homens em posição de poder que transitam no ambiente político, já carrega, em si, uma ideia de “competição”, com o intuito de desqualificar uma das partes.

Após a estratégia de comparação entre mulheres – o que já pressupõe uma atitude machista – Bolsonaro pronuncia sua “sentença” sobre o perfil feminino por ele apregoadado: “Não há o que discutir. Uma mulher de Deus, família e ativa na minha família”. A construção do enunciado parece bastante similar a outras, inclusive apresentadas ao longo do presente trabalho, nas quais o ex-presidente sugere estatuir seu próprio ato de fala como eixo alternativo de produção de sentidos. “Não há o que discutir” porque Bolsonaro sabe que sua base o vê como figura de autoridade e atribui a mesma autoridade ao discurso por ele produzido. De acordo com esse discurso, há somente um perfil de mulher a ser promovido: o perfil assumido por sua esposa, Michele Bolsonaro. Evangélica fervorosa, sem proeminência na política partidária e submissa, aos olhos da base social bolsonarista, à vontade do marido, Michele Bolsonaro passou a ser apontada como o modelo de mulher conservadora a ser escolhido e copiado. O perfil a ser rechaçado, por sua vez, era o de Janja Lula, casada com seu adversário político. Socióloga, filiada ao Partido dos Trabalhadores, sem filhos e não-dependente financeiramente do marido, Janja apresentava perfil totalmente distinto da esposa de Bolsonaro, encarnando uma perspectiva de insubmissão, inclusive, à ideia de realização pessoal exclusivamente através da família patriarcal, dos filhos e de todo o arco de imperativos e preceitos morais da religiosidade cristã.

Ao final do dito, Bolsonaro compara Michele a uma “princesa”, acentuando seu papel tão decorativo quanto subalterno: “Eu tenho falado para os homens solteiros, para os solteiros que estão cansados de serem felizes. Procurem uma mulher, uma princesa, se casem com ela para serem mais felizes ainda”. O discurso, como se pode perceber, é nitidamente voltado para agradar sua base social conservadora e neopentecostal. Ao mesmo tempo em que enaltece o domínio masculino de “procurar uma princesa” para casar-se, bem aos moldes das narrativas ficcionais que envolvem príncipes, princesas, castelos e dragões, localiza as mulheres no lugar de escolhidas, de selecionadas pelos homens, caso demonstrem as qualidades atribuídas a uma “princesa”. A subalternização da mulher não é um dado secundário, mas um dos pilares do bolsonarismo.

Assim, se, por um lado, a denominação “princesa” carrega o desejo de submissão da mulher e o domínio dos corpos femininos, por outro, afirma o masculino como figura de poder e de controle sobre esses mesmos corpos. Afinal, é o homem quem determina que tipo de mulher pode ser chamada de “princesa” e, também, que tipos não podem. As que se encontram no grupo não designado por essa alcunha recebem outro tratamento, como atesta o dito relatado pela Fonte 6 (Portal UOL, 28/10/2022). Às portas do 2º turno da eleição presidencial, o vídeo de uma entrevista concedida por Bolsonaro a um programa (*podcast*) no *YouTube*, em abril do ano anterior, foi amplamente compartilhado pelas redes sociais, ocupando, em função de seu conteúdo, as páginas dos grandes jornais do país.

O dito principal selecionado sugere abuso sexual praticado por Bolsonaro contra meninas menores de idade e exemplifica, muito didaticamente, o perfil masculino dominante arquetipicamente assumido pelo então presidente: “Eu estava em Brasília, na comunidade de São Sebastião, se eu não me engano, em um sábado de moto [...] parei a moto em uma esquina, tirei o capacete, e olhei umas menininhas... Três, quatro, bonitas, de 14, 15 anos, arrumadinhas, num sábado, em uma comunidade, e vi que eram meio parecidas. Pintou um clima, voltei. ‘Posso entrar na sua casa?’ Entrei. Tinha umas 15, 20 meninas, sábado de manhã, se arrumando, todas venezuelanas. E eu pergunto: meninas bonitinhas de 14, 15 anos, se arrumando no sábado para quê? Ganhar a vida”.

O grotesco, como pretendi evidenciar neste trabalho, permeia a necrolinguagem bolsonarista de forma abrangente, visando a uma produção de mundo própria que transige com o que há de mais abjeto, ao mesmo tempo em que se arroga uma autoridade moral incompatível com tal pretensão. O homem que promoveu um perfil feminino quase sacralizado no discurso de Sete de Setembro foi o mesmo que declarou, em entrevista, ter entrado na casa de meninas venezuelanas menores de idade por considerar que tais meninas eram prostitutas. Ao julgar que elas estavam ali para “ganhar a vida”, Bolsonaro sentiu-se autorizado, como homem, a exercer sua posição masculina de domínio e de controle dos corpos femininos. Note-se que, ao narrar o acontecimento, Bolsonaro não se constrangeu em dizer que, na ocasião, “pintou um clima” entre ele, um homem adulto, e “meninas bonitinhas de 14, 15 anos”. As marcas linguístico-discursivas presentes no texto sugerem a possibilidade de abuso sexual e, por conseguinte, do ex-presidente ter cometido crime de pedofilia.

Falas que aludem a abusos sexuais não são uma novidade no repertório discursivo de Bolsonaro. Em 2014, o então deputado federal afirmou que não estupraria a também deputada federal, Maria do Rosário (PT), com quem divergia na Câmara dos Deputados, porque “ela não

merece, porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia”⁴⁸. Propor que o controle do corpo feminino seja uma espécie de “merecimento” e que a submissão sexual seja um direito do homem e um favor prestado à mulher são ideias que podem ser subentendidas a partir da fala de Bolsonaro. A violência ganha ares de benesse. Em 2023, o processo de injúria movido por Maria do Rosário contra Bolsonaro foi arquivado, sinalizando o quão enraizada se encontra, na sociedade, a prática de violência verbal machista e misógina contra as mulheres. Ou, em outras palavras, evidencia-se a naturalização do domínio, da objetificação, do controle do corpo feminino e, até mesmo, do recurso à violência física e discursiva em caso de “merecimento”.

Todo esse discurso de afirmação do poder patriarcal-branco-hétero-cis e de afirmação da “liberdade” de odiar mulheres, negros e negras, indígenas e a comunidade LGBTQIAPN+ não se deu ao acaso. Ao longo de suas três décadas de vida pública, Bolsonaro promoveu discursos de ódio, exclusão e preconceito, apropriando-se moral e politicamente da chamada “pauta de costumes” e utilizando-a como plataforma política em seus sucessivos mandatos parlamentares e, indubitavelmente, nas campanhas presidenciais de 2018 e 2022. Entretanto, como já delineado anteriormente, o discurso de opressão de Bolsonaro sempre teve um destinatário predefinido, como se pode deduzir a partir da leitura dos dados abaixo.

Um levantamento realizado pelo Instituto Travessia e divulgado pelo jornal Valor Econômico em 17 de julho de 2020, por sua vez, indicava que o apoiador padrão de Bolsonaro, na verdade, seria homem (55% dos entrevistados), “caucasiano”, morador do Sudeste, com mais de 45 anos de idade, com renda acima de dez salários-mínimos e evangélico (54% dos arguidos; os católicos eram apenas 24% do total). Essa enquete específica entre os adeptos “raiz” do “bolsonarismo” (segundo esse instituto, entre 12% e 15% da população), demonstrava que 45% deles defendiam maior intervenção do Estado na economia em contraposição a 42% contra essa premissa; que 62% eram contra um autogolpe, diante de 33% a favor de ações mais autoritárias; que 95% desaprovavam a atuação do Congresso Nacional; e que 90% criticavam o Supremo. Além disso, 55% diziam ser favoráveis a medidas de maior flexibilização das políticas de preservação da floresta amazônica, 98% achavam que a polícia deveria ter uma atuação mais dura e rigorosa contra a “criminalidade” e 75% concordavam com a liberação do uso de armas pelos cidadãos (Pecorás, 2021, p. 270).

Os dados a respeito de como pensa a base social do bolsonarismo apontam para alguns dos elementos discutidos na presente pesquisa. Para essa base, a eleição não tem apenas cunho político, a eleição também é uma opção por determinada pauta moral e de costumes. Bolsonaro, contudo, não “inventou a roda”, como se diz popularmente. Há uma herança histórica da qual o ex-presidente considera-se um fiel depositário. Neste ponto, parece-me inevitável não estabelecer um diálogo entre as experiências vivenciadas atualmente e o passado histórico que

⁴⁸ Portal G1. Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/bolsonaro-vira-reu-por-falar-que-maria-do-rosario-nao-merece-ser-estuprada.html>. Acesso em: 02 maio 2024.

pautou o caminhar da extrema direita, e que por ela é reivindicado. E aqui, estou falando especificamente do fenômeno político-social conhecido como fascismo.

Procurando associar a análise linguístico-discursiva aos conceitos advindos dos domínios das ciências sociais, sobretudo os conceitos de fascismo, de neofascismo e de neoliberalismo, apresento a seguir algumas reflexões relativas ao último subgrupo de ditos de Bolsonaro, os quais dizem respeito à temática de regime e política, e cujos desdobramentos analíticos contribuíram para interrelacionar os referidos domínios e conceitos.

3.2.2 Ditos de Bolsonaro sobre política e regime

Os ditos de Bolsonaro agrupados no quadro abaixo dizem respeito à perspectiva política defendida pelo bolsonarismo, o que inclui os processos de instrumentalização da linguagem como método de manipulação da informação, as críticas à atuação do Supremo Tribunal Federal, as ameaças de fechamento de regime e o discurso de não aceitação da derrota pós-eleição presidencial de 2022.

Quadro 8 - Ditos de Bolsonaro sobre política e regime

<p>Fonte 7 – 18/07/2020 – Globo</p> <p>Bolsonaro critica projeto contra <i>fake news</i>: ‘não vai poder mais se manifestar sobre nada’</p> <p><i>“O Congresso está discutindo, já passou no Senado e está na Câmara, o que seria a lei das fake news. Eu acho que é mais uma maneira de botar limites na liberdade de expressão. Não tem que ter limites, no meu entender”</i> / <i>“Se alguém se ver prejudicado, entra na Justiça. Está previsto calúnia, difamação, injúria. Não tem que inventar mais nada, porque nunca vai saber qual o limite”</i> / <i>“Vai virar um terreno onde vai perder a liberdade, não vai poder mais se manifestar sobre nada. Essa liberdade de expressão, essas mídias sociais, que me botaram aqui na Presidência”</i>.</p>
<p>Fonte 8 – 20/02/2021 – O Globo</p> <p>‘Se tudo depender de mim, não seria este regime’, diz Bolsonaro</p> <p><i>“Alguns acham que eu posso fazer tudo. Se tudo tivesse que depender de mim, não seria este o regime que nós estaríamos vivendo. E, apesar de tudo, eu represento a democracia no Brasil. Nunca a imprensa teve um tratamento tão leal e cortês como o meu. Se é que alguns acham que não é desta maneira é porque não estão acostumados a ouvir a verdade [...] Nós vivemos em um país livre, esta liberdade vale mais que a própria vida para cada um de nós. Tenho certeza que, junto às Forças Armadas e as demais instituições do governo, tudo faremos para cumprir a nossa Constituição para fazer com que a nossa democracia funcione e a nossa liberdade esteja acima de tudo”</i>.</p>
<p>Fonte 9 – 04/09/2021 – Portal UOL</p> <p>Em motociata, Bolsonaro ataca Supremo e diz que ruptura é alternativa</p> <p><i>“[...] Ruptura essa que eu não quero e nem desejo. E tenho certeza nem o povo brasileiro assim o quer. Mas a responsabilidade cabe a cada poder. Apelo a esse poder que reveja a ação dessa pessoa que está prejudicando o destino do Brasil”</i> / <i>“Temos um ou outro saindo da normalidade. Temos um ou dois jogando fora das quatro linhas da Constituição. Nós jogamos dentro das quatro linhas. Mas o povo, como poder moderador, não pode admitir que nenhum de nós jogue fora dessas quatro linhas”</i> / <i>“Não podemos admitir que um ou dois homens ameacem a nossa democracia ou a nossa liberdade”</i> / <i>“O STF não pode ser diferente do Poder Executivo ou Legislativo. Se tem alguém que ousa continuar agindo fora das quatro linhas da Constituição, o poder tem que chamar aquela pessoa e enquadrá-la. Se assim não ocorrer, qualquer um dos três Poderes... A tendência é acontecer uma ruptura”</i>.</p>

Fonte 10 – 01/11/2022 – Portal G1

Íntegra do discurso de Bolsonaro dois dias após derrota em segundo turno

"Quero começar agradecendo os 58 milhões de brasileiros que votaram em mim no último dia 30 de outubro. Os atuais movimentos populares são fruto de indignação e sentimento de injustiça de como se deu o processo eleitoral. As manifestações pacíficas sempre serão bem-vindas, mas os nossos métodos não podem ser os da esquerda, que sempre prejudicaram a população, como invasão de propriedades, destruição de patrimônio e cerceamento do direito de ir e vir. A direita surgiu de verdade em nosso país. Nossa robusta representação no Congresso mostra a força dos nossos valores: Deus, pátria, família e liberdade. Formamos diversas lideranças pelo Brasil. Nossos sonhos seguem mais vivos do que nunca. Somos pela ordem e pelo progresso. Mesmo enfrentando todo o sistema, superamos uma pandemia e as consequências de uma guerra. Sempre fui rotulado como antidemocrático e, ao contrário dos meus acusadores, sempre joguei dentro das quatro linhas da Constituição. Nunca falei em controlar ou censurar a mídia e as redes sociais. Enquanto presidente da República e cidadão, continuarei cumprindo todos os mandamentos da nossa Constituição. É uma honra ser o líder de milhões de brasileiros que, como eu, defendem a liberdade econômica, a liberdade religiosa, a liberdade de opinião, a honestidade e as cores verde-amarela da nossa bandeira. Muito obrigado."

Fonte: Elaboração da autora, 2024.

A fonte 7 (O Globo, 18/07/2020) relata comentários de Bolsonaro feitos a partir de uma transmissão em suas redes sociais dedicada a criticar um projeto de lei a respeito das *fake news*. O texto, aprovado à época no Senado, tinha como eixo proibir a produção e a disseminação de informações falsas na internet. Como o texto do projeto ainda viria a ser examinado pela Câmara, o posicionamento de Bolsonaro, à época, revelava a necessidade de se antecipar ao debate, de maneira a produzir um posicionamento sobre o tema. Nos marcos da possibilidade de regulação do uso da internet no país, qualquer projeto centrado na responsabilização da produção e de divulgação de *fake news* é considerado polêmico. O cerne da polêmica parece residir no próprio dito de Bolsonaro selecionado para análise. “O Congresso está discutindo, já passou no Senado e está na Câmara, o que seria a lei das *fake news*. Eu acho que é mais uma maneira de botar limites na liberdade de expressão. Não tem que ter limites, no meu entender”. Aqui se antevê o centro do debate: a concepção de liberdade de expressão defendida pelo bolsonarismo.

Tem sido frequente nos últimos anos nos depararmos com a temática da liberdade de expressão e com a possibilidade de que haja limites ou não ao seu exercício. Segundo o artigo 5º da Constituição Federal, “é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato”. Embora não utilize a expressão “liberdade de expressão”, a menção ao “livre pensar” acompanha a necessidade de nomear sua autoria. Ou, em outras palavras, não isenta a livre manifestação do pensamento da responsabilidade de assumir nominalmente o ônus e o bônus de seu exercício. No dito mencionado acima, Bolsonaro afirmava categoricamente que a liberdade de expressão não deveria ter limites, apoiando-se na própria Constituição Federal para isso. No entanto, a perspectiva de livre manifestação, presente na Carta Magna, e a concepção de liberdade de expressão, adotada pelo bolsonarismo, não se coadunam. Isso parece evidente

se pensarmos que, de acordo com o próprio dito de Bolsonaro, a não existência de limites de qualquer ordem vai de encontro à própria perspectiva de responsabilidade por aquilo que se propaga.

Como forma de minimizar a ideia de ausência de limites, Bolsonaro recorreu à legislação em vigor. “Se alguém se ver prejudicado, entra na Justiça. Está previsto calúnia, difamação, injúria. Não tem que inventar mais nada, porque nunca vai saber qual o limite”. Talvez o dito “limite”, que tanto incomodava Bolsonaro e o bolsonarismo, figure na segunda parte do já mencionado artigo 5º da CF: o anonimato não é facultativo ao livre pensar. E o eixo do *modus operandi* das *fake news* se encontra exatamente nele.

Com o advento dos mecanismos de compartilhamento rápido em grupos de comunicação de aplicativos como *WhatsApp* e *Telegram*, mensagens com ou sem autoria são encaminhadas com agilidade assustadora e chegam de forma 70% mais veloz do que as informações verídicas, segundo o Instituto de Tecnologia de Massachussets⁴⁹. Como o volume de (des)informação compartilhada é gigantesco, parece impossível mapear a origem das informações falsas ou impedir sua disseminação. Para além disso, o alcance dos conteúdos falsos é bastante eficiente. Como visto no Capítulo 2, a desinformação propagada por Bolsonaro em relação ao processo de vacinação da população e à promoção de medicamentos sem eficácia comprovada para o tratamento da COVID-19 contribuíram para a ampliação do quadro geral de contaminações pela doença no país.

O papel exercido pelas *fake news* na eleição presidencial de 2018 não deixou de figurar nos ditos de Bolsonaro. “Vai virar um terreno onde vai perder a liberdade, não vai poder mais se manifestar sobre nada. Essa liberdade de expressão, essas mídias sociais, que me botaram aqui na Presidência”. Não há dúvidas de que Bolsonaro está correto neste ponto. De fato, as mídias sociais tiveram papel preponderante nas eleições de 2018, mas de maneira atenuada e disfarçada de “liberdade de expressão”. O relatório “Desinformação On-line e eleições no Brasil”, da Fundação Getúlio Vargas⁵⁰, apresenta diversos exemplos do funcionamento das *fake news* no período eleitoral de 2018.

No dia 7 de outubro de 2018, primeiro turno da última disputa à Presidência da República, no Brasil, um vídeo publicado no Facebook e rapidamente difundido on-line informava que uma urna autocompletava o voto ao candidato do PT, Fernando Haddad, quando o número 1 era digitado. No material divulgado, era possível ver a filmagem (proibida por lei) do preenchimento do voto na urna e ouvir uma narração

⁴⁹ Correio Braziliense. 'Fake news' se espalham 70% mais rápido que notícias verdadeiras, diz MIT. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2018/03/08/interna_tecnologia,664835/fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-noticias-verdadeiras.shtml. Acesso em: 03 mai 2024.

⁵⁰ Fundação Getúlio Vargas. Desinformação On-line e eleições no Brasil. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/3e4a2788-a06d-4900-8131-fd7482fec961>. Acesso em: 04 mai 2024.

com xingamentos. O conteúdo foi desmentido por projetos de *fact-checking*, com apoio de análise de técnicos do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE-MG), que demonstraram indicativos de manipulação de imagem, atestando sua falsidade. A gravação, no entanto, já havia sido compartilhada por pessoas influentes, como o hoje senador Flávio Bolsonaro (Republicanos-RJ) e a deputada federal Joice Hasselmann (PSL-SP), e por páginas populares, como Conservadores em Ação e República de Curitiba, a ponto de haver resistência em admitir o desmentido entre aqueles mais descrentes, como pode ser visto nos comentários do tuíte publicado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Além desse relatório, todos os anos são publicados estudos e pesquisas a respeito do papel desempenhado pelas *fake news* para a política, na atualidade. E há um consenso sobre o fato de que, mais do que simplesmente o uso das redes sociais, as eleições de 2018, no Brasil, foram definidas pelo compartilhamento em massa de notícias falsas, similares à exemplificada anteriormente. Como se pode constatar, não foi exatamente a concepção de “livre pensar” presente na Constituição Federal que conduziu Jair Bolsonaro à presidência da República, mas uma proposta de “liberdade de expressão” que se constituiu como metodologia de falsificação e de instrumentalização dos acontecimentos pela via discursiva. Essa metodologia visava fabricar um sistema de pensamento próprio, não comprometido com a veracidade das informações e, sim, com o manejo dos dados da realidade.

Nada disso seria possível, contudo, se não houvesse uma base social predisposta a acolher um conteúdo que, embora fruto de muitas camadas de falsificação, valida o conjunto de crenças e de princípios que forjam e sustentam sua visão de mundo. Esse conjunto de crenças e princípios constitui o ideário bolsonarista, cujas características já foram, em grande medida, elencadas no desenvolvimento do trabalho. Neste ponto, acredito ser importante discorrer, ainda que brevemente, sobre a memória política latente nesse modo de ser e estar no mundo. Uma memória multifacetada, constituída por camadas e elementos diversos. Uma memória que não pode prescindir da história assim como a prática discursiva não pode prescindir do interdiscurso. É nesse sentido que busco compreender as relações entre bolsonarismo, fascismo, neofascismo e neoliberalismo.

Conceito revisitado pela historiografia contemporânea a partir da ascensão ao poder, em diversos países do mundo, de governos de orientação política de extrema direita, os vocábulos fascismo e neofascismo passaram a figurar, também, no cotidiano das publicações acadêmicas brasileiras que tratam, particularmente, do vertiginoso desenvolvimento e consolidação de um grupo político organizado sob a figura de Jair Bolsonaro e que congrega um ideário muito próximo das características comumente atribuídas ao fascismo histórico. A consolidação da extrema direita como projeto político capaz de disputar corações e mentes está intimamente ligada aos eventos que, no Brasil, contribuíram para o golpe/*impeachment* da ex-presidenta

Dilma Rousseff, em 2016, dentre os quais podemos citar o questionamento do resultado das eleições de 2014, o enfraquecimento do Partido dos Trabalhadores motivado pelo antipetismo, a luta anticorrupção como luta antissistêmica, o anticomunismo como aversão à esquerda e às políticas de bem estar social promovidas por governos social-democratas, o antipartidarismo e a antipolítica como plataformas de campanha.

Aliadas aos elementos pontuados na análise dos ditos de Bolsonaro, sejam os ditos específicos do período pandêmico, sejam os demais ditos relativos à pauta de costumes ou à pauta de regime político, tais características estabelecem com o fascismo histórico, a meu ver, uma série de pontos de atração do ponto de vista discursivo. Até aqui, os ditos analisados proporcionaram reflexões a respeito de uma série de discursos de opressão a minorias, pautando a defesa dos direitos de uma maioria formada pelos atores sociais que, geralmente, estão no topo das relações de poder. Quando Bolsonaro legitima discursos racistas, segregacionistas, machistas, sexistas, misóginos e LGBTfóbicos, ele o faz em nome do que chegou a denominar como “proteção à maioria”. Essas características parecem ecoar as vozes que, por ocasião da ocorrência do fascismo histórico no período entre guerras, na Europa, ajudaram a promover e a consolidar um ideário pouco especulativo, mas eminentemente voltado à ação. Conforme Umberto Eco (2018): “ao contrário do que se pensa comumente, o fascismo italiano não tinha uma filosofia própria” (Eco, 2018, p. 28).

Em função das muitas similaridades, há anos temos visto a designação “neofascismo” sendo atribuída ao bolsonarismo. No primeiro ano do governo Bolsonaro, o historiador Armando Boito Jr (2019) utilizou esse termo para nominar tanto o movimento político reacionário de apoio ao ex-presidente, quanto ao seu próprio governo. Embora diversos historiadores e analistas políticos discordem do uso de tal denominação⁵¹, é possível apontar para a existência de uma série de pontos de atração entre o fascismo histórico e o bolsonarismo, fundamentando, assim, a designação dele como neofascismo.

⁵¹ Em sua obra, Boito Jr responde a alguns pesquisadores, segundo os quais, o termo neofascismo estaria equivocado. Resumidamente, a maioria das críticas apresenta a seguinte argumentação: 1) para ser chamado de neofascismo, o bolsonarismo deveria apresentar-se sob a forma de uma ditadura; 2) não seria possível uma atualização histórica do fascismo por se tratar, a rigor, de um fenômeno ocorrido em um determinado tempo (décadas de 1920 e 1930) e lugar (Europa, especialmente a Itália de Mussolini). Em resposta a tais argumentos, Boito Jr (2019; 2020) afirma que movimento fascista e ditadura fascista são conceitos distintos. Em seus primeiros anos de governo, Benito Mussolini manteve-se dentro dos limites da democracia burguesa. O que nos permite afirmar que, de fato, existiu um movimento social fascista precedente ao regime fascista, posteriormente implementado pelo Duce. Uma vez que a não consolidação de uma ditadura fascista não invalida a afirmação de um movimento construído sob os pilares do fascismo histórico, é possível, pois, responder ao segundo argumento considerando-se que, após a morte de Mussolini, houve diversas tentativas de manter vivo o pensamento fascista. E, para além disso, se o fascismo foi uma forma excepcional do Estado capitalista, seria impossível descartar outras irrupções na história dessa mesma forma excepcional, uma vez que ainda nos encontramos sob o capitalismo.

Sobre esses pontos de atração, na conhecida obra “O fascismo eterno”, Umberto Eco (2018) elenca quatorze características para a forma histórica do fascismo italiano e muitas delas parecem ter íntima relação com os elementos até aqui identificados nos ditos de Bolsonaro. O historiador Robert Paxton (2023), por sua vez, relacionou vinte características. Com efeito, a recusa em aceitar a modernização inerente ao desenvolvimento da sociedade, a defesa de uma tradição de costumes (Eco, 2018), o desprezo ao diferente, à diversidade (Eco, 2018), a reverência a um passado modelar, que se nega a admitir o direito a manifestar outras formas de ser, pensar e amar, são aspectos típicos do fascismo histórico e que também estão presentes interdiscursivamente nos ditos de Bolsonaro que promovem opressões de gênero, de raça, de etnia, de sexualidade e de classe.

A ideia de preexistência de verdades primordiais que tudo podem explicar está intimamente relacionada à ideia de rejeição à modernidade (Eco, 2018), elemento que também remonta ao fascismo histórico e que, na atualidade, se pode verificar na rejeição ao conhecimento produzido nos espaços não submetidos à dita “tradição”, como os órgãos de saúde e as universidades. Os ditos do período pandêmico e o esforço de Bolsonaro em desqualificar as vacinas e as recomendações sanitárias são produtos dessa ojeriza ao conhecimento acadêmico, da desqualificação do pensamento crítico, compreendido como espaço de atuação do esquerdismo, do comunismo (Eco, 2018). A respeito deste ponto, basta rememorarmos o comentário feito por Abrahan Weintraub, ex-ministro de Bolsonaro, que afirmou serem as universidades públicas locais de “balbúrdia”⁵². Eco (2018) também aponta outras características, como o nacionalismo exacerbado, o apelo às classes médias frustradas (Eco, 2018) e a figura central do líder (Eco, 2018), as quais estabelecem com o contexto da eleição de Bolsonaro uma evidente relação de proximidade e mesmo de identificação.

Contudo, o presente trabalho de pesquisa não se limitou a estabelecer comparações entre os ditos de Bolsonaro e as análises advindas das ciências sociais. Por isso, compreendo a mencionada obra de Umberto Eco (2018) como inegavelmente relevante para a historiografia do fascismo, porém, é possível avançar na compreensão das relações entre o fascismo histórico e o bolsonarismo a partir de um outro ponto de vista. Tendo em vista a fundamentação do conceito de neofascismo, Boito Jr (2020), ao discorrer sobre o fascismo, afirma que as perspectivas analíticas de Umberto Eco (2018) se concentram em uma forma de análise de cunho mais descritivo (Boito Jr, 2020, p. 114). Segundo ele, para identificar os traços que

⁵² O Globo. ‘Balbúrdia’ e ‘arruaça’: MPF processa Abraham Weintraub por ofensas contra universidades públicas. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/balburbia-arruaca-mpf-processa-abraham-weintraub-por-ofensas-contras-universidades-publicas-1-24982900>. Acesso em: 10 maio 2024.

singularizam o fenômeno do bolsonarismo e, ao mesmo tempo o remetem às inúmeras similaridades com o fascismo histórico, seria preciso buscar um conceito geral, de cunho teórico, procurando compreendê-lo não apenas como um evento histórico localizado em um determinado tempo e espaço, mas como um movimento político passível de reatualização nas mais diferentes sociedades, ainda que com diferenças entre o passado e o presente dessa reatualização.

A perspectiva analítica de Boito Jr (2020) foi acolhida pela presente pesquisa uma vez que, ao buscar uma conceituação capaz de estabelecer uma relação de sentido entre os fenômenos históricos, o historiador fornece pistas para a compreensão das relações de poder que os tornaram reais e atuantes na cena política, seja no período entre guerras (1920-1930), na Europa, seja nos anos pós-golpe de 2016, no Brasil. De acordo com o historiador, o conceito teórico de fascismo passa pela caracterização do fenômeno como uma forma de Estado sob o capitalismo (Boito Jr, 2020; 2021).

Para além das análises históricas de cunho descritivista, já mencionadas, o elemento fundante que permite designar, ou não, um movimento político ou governo como “neofascista” é o modo como esse movimento pretende organizar, ou organiza de fato, o Estado capitalista. O que não se confunde com os arranjos político-econômico específicos de cada época e de cada país.

O fascismo é uma forma de Estado, como o é a democracia burguesa ou a ditadura militar. Na forma democrático-burguesa do Estado capitalista, são possíveis diferentes composições e hierarquias das forças que integram o bloco no poder. [...] Sob um Estado fascista pode-se ter uma política econômica nacionalista ou entreguista, intervencionista ou neoliberal, políticas essas que refletirão composições e arranjos distintos dos blocos no poder vigentes. Por essa razão, pensamos que é sim possível o reaparecimento do fascismo no século XXI (Boito Jr, 2019, p. 2-3).

Assim, Boito Jr (2019)⁵³ compreende o fascismo, não como um evento histórico irrepetível, mas como uma forma de organização do Estado⁵⁴ capitalista, passível de reaparecimento e reatualização. De acordo com o autor, há duas formas de organização do

⁵³ Pela datação do artigo citado acima – 2019 – verifica-se que o enunciado que diz respeito à possibilidade de reaparecimento do fascismo em nosso tempo foi construído antes do recrudescimento do bolsonarismo performado necropoliticamente a partir do período pandêmico.

⁵⁴ Marxista, Boito Jr (2019; 2020; 2021) trabalha com o conceito de Estado como organizador do domínio da classe burguesa. Este conceito, porém, não é unívoco. Foucault, por exemplo, desdobra a ideia de Estado de outras maneiras, deslocando o acento para as relações de poder, as coerções, a governamentalidade. Seria muito importante discorrer sobre as peculiaridades de cada posição, contudo, soaria evidentemente pretensioso diante dos objetivos da presente pesquisa. Além disso, neste espaço desejo me debruçar a respeito da possibilidade de existência de uma memória fascista de caráter interdiscursivo capaz de estabelecer relações entre os momentos históricos, tendo em vista a ampliação das possibilidades de compreensão do fenômeno na atualidade. Nesse sentido, conjugar pontos de vista e planos de análise distintos pode gerar novas reflexões e futuros questionamentos e aprofundamentos.

Estado: a democracia e a ditadura (Boito Jr, 2020; 2021). Essas formas, por sua vez, podem assumir características distintas. Entretanto, para além do conceito de Estado, outros aspectos parecem bastante relevantes à análise. Em um esforço de definição, o autor compreende que “[...] nas suas características mais gerais, o fascismo é um movimento reacionário de massa enraizado em classes intermediárias das formações sociais capitalistas” (Boito Jr, 2019, p. 4). Tal definição atende à ideia de repetição do fenômeno, caracteriza a base social, sua inserção na sociedade e o elemento que perpassa as ocorrências históricas: a emergência do evento histórico sob o capitalismo. Com base em tais aspectos, parece plausível pensar sua reatualização como neofascismo encarnada recentemente no Brasil através do bolsonarismo.

Fundamentar a referida reatualização tem grande importância para o presente trabalho, uma vez que os últimos ditos analisados dizem respeito ao conceito de regime, visibilizando com mais nitidez a engrenagem constitutiva do bolsonarismo e sua compreensão como face brasileira do neofascismo. Tal engrenagem tornou-se mais nítida à medida que o mandato de Bolsonaro entrava em declínio e se fazia necessário retomar os pilares de seu programa político, de seu projeto de poder. Essa atualização programática evidencia-se de maneira singular nos ditos selecionados das três próximas – e últimas – fontes jornalísticas da pesquisa.

Datada de 2021, a antepenúltima fonte jornalística traz ditos de Bolsonaro bastante elucidativos a respeito da concepção de regime defendida pelo ex-presidente. O discurso direto relatado pela fonte 8 (O Globo, 20/02/2021), cerca de um ano antes das eleições presidenciais, é bastante revelador a respeito da concepção de Bolsonaro sobre o regime político ideal para o país. Entretanto, não podemos deixar de mencionar a polifonia nele presente: “Alguns acham que eu posso fazer tudo”. De acordo com o enunciador-jornalista, os ditos presentes nessa fonte foram proferidos durante cerimônia de entrada de novos alunos da escola preparatória de cadetes do Exército, em Campinas (SP), espaço, portanto, eminentemente militar e propício ao exercício de discursivizar a respeito do próprio poder político e de sua extensão. Àquela altura, era essencial massificar a figura de líder político para umas das frações mais importantes de sua base social, ou seja, os diversos segmentos do ambiente militar.

Aprofundando o enunciado anterior, o dito contempla um dos principais pilares do neofascismo bolsonarista: “Se tudo tivesse que depender de mim, não seria este o regime que nós estaríamos vivendo. E, apesar de tudo, eu represento a democracia no Brasil”. Nesse ponto, Bolsonaro revela que “se tudo tivesse que depender” dele, o regime democrático não estaria em vigor no Brasil. Se, conforme Boito Jr. (2020), há duas formas de Estado e Bolsonaro não desejava governar sob o regime democrático, parece evidente que, a depender de sua vontade, o regime político implementado no Brasil seria a ditadura. Há, porém, uma referência velada

aos poderes constitucionalmente constituídos, uma vez que, por exclusão, como “tudo” não dependia dele, a possibilidade de mudança de regime parecia inviabilizada. “E, apesar de tudo, eu represento a democracia no Brasil”. Diante das coerções diversas a que estava sujeito naquele momento, Bolsonaro lamentou não poder operar a mudança desejada sem constrangimento algum, lamentando, inclusive, a própria democracia em vigor.

Eleito por décadas pelo sistema de representação do regime democrático burguês estabelecido no país desde o fim da ditadura empresarial-militar, Bolsonaro trabalhava pelo retorno do regime ditatorial. O dito parece inequívoco para demonstrar isso. Algumas marcas típicas do fascismo hodierno sobressaem neste dito. O primeiro, evidentemente, o reacionarismo da propaganda de fechamento de regime, acima delineado. Em seguida, a ideia de concessão da liberdade de imprensa como se fosse uma indulgência por ele concedida: “Nunca a imprensa teve um tratamento tão leal e cortês como o meu”. E, mais à frente, a menção a uma das ideias mais afeitas ao bolsonarismo: a incongruência entre o conceito de liberdade e o conceito de democracia. “Nós vivemos em um país livre, esta liberdade vale mais que a própria vida para cada um de nós. Tenho certeza que, junto às Forças Armadas e as demais instituições do governo, tudo faremos para cumprir a nossa Constituição para fazer com que a nossa democracia funcione e a nossa liberdade esteja acima de tudo”. A noção de liberdade empregada por Bolsonaro está contida nos comentários empreendidos anteriormente a respeito de “liberdade de expressão” e “proteção à maioria”. À maioria, por ele defendida e reivindicada, toda a liberdade é concedida. Por maioria, não custa lembrar, entende-se o conjunto daqueles que se encontram no espectro da dominação de classe, de raça, de gênero, de sexualidade e até mesmo de credo. As minorias, segundo o ex-presidente, deveriam se submeter à vontade da maioria.

Não se tratava, pois, da defesa de uma liberdade irrestrita, mas da liberdade de oprimir em função da condição de autocrata assumida por Bolsonaro, com franco apoio de sua base. Paralela à opressão, a repressão, enquanto aparelho estatal, recebeu menção honrosa no dito. “Junto às Forças Armadas e demais instituições” é um enunciado que evidencia o papel preponderante do militarismo para o governo Bolsonaro. Veladamente, o ex-presidente apelava para o poder militar, de maneira a garantir sua permanência no governo e “fazer com que a nossa democracia funcione e a nossa liberdade esteja acima de tudo”.

Se o poder militar se fazia necessário para a “nossa democracia” funcionar e garantir a “nossa liberdade”, que democracia seria essa? A fonte 9 (Portal UOL, 04/09/2021) traz elementos que podem elucidar tal questão. Dirigidos a apoiadores em Caruaru (PE), cidade

onde foi concluída uma “motociata”⁵⁵ – que o enunciador-jornalista da fonte define como “termo cunhado pelos apoiadores do presidente em referência aos passeios de moto que ele tem feito pelo país” –, os ditos retomam a ideia de ruptura institucional apresentada na fonte anterior. “[...] Ruptura essa que eu não quero e nem desejo. E tenho certeza nem o povo brasileiro assim o quer. Mas a responsabilidade cabe a cada poder. Apelo a esse poder que reveja a ação dessa pessoa que está prejudicando o destino do Brasil”. A fim de explicitar os referentes de “esse poder” e “dessa pessoa”, o enunciador-jornalista informou que Bolsonaro dissera a apoiadores que, dentro do Supremo, haveria “um ou dois ministros” que estariam “prejudicando o destino do nosso Brasil”. Ele se referia, à época, a Alexandre de Moraes e Luis Roberto Barroso, especificamente, embora não os tivesse citado nominalmente. Ambos, conforme relato do enunciador-jornalista, se tornaram alvos do ex-presidente após a Câmara dos Deputados ter rejeitado a proposta de emenda constitucional do voto impresso. Apresenta pelo Partido Liberal (PL), legenda à qual Bolsonaro se filiou para disputar a reeleição, a PEC defendia a impressão de “cédulas físicas conferíveis pelo eleitor”, independentemente do meio empregado para o registro dos votos em eleições, plebiscitos e referendos.

Para enfatizar a excepcionalidade do acontecimento, convém citar o comentário feito no corpo da notícia-fonte: “Em movimento inédito na história da política brasileira, o chefe do Executivo federal tem tentado articular junto ao Senado para que sejam abertos pedidos de *impeachment* contra os integrantes da Corte”. Esse comentário rememora uma análise empreendida por Starling, Lago e Bignotto (2022), mencionada no Capítulo 2. De acordo com os referidos autores, o bolsonarismo efetuou uma súbita mudança em diversos âmbitos da sociedade. Contudo, tais transformações não foram realizadas pela via de um golpe de Estado, mas através da ação devastadora, paulatina e incansável da linguagem bolsonarista, avançando “de modo sistemático numa corrosão por dentro do sistema” (Starling; Lago; Bignotto, 2022, p. 9-10).

A ruptura ameaçada por Bolsonaro obedecia a uma cenografia predefinida, tendo em vista arregimentar sua base social para atuar em defesa de seu ideário. Entretanto, desde que assumiu o Executivo Federal, Bolsonaro dedicou-se a operar uma vigorosa degradação dos pilares das instituições da democracia burguesa, procurando situar a própria figura de líder político no lugar de um justiceiro antissistema. Se, por um lado, Bolsonaro tensionava a sociedade com ameaças frequentes de ruptura institucional, por outro, encenava o papel de defensor da Constituição Federal, ainda que procurasse falsear a interpretação de seu conteúdo,

⁵⁵ Para além da definição dada pelo enunciador-jornalista, a motociata passou a ser um elo estético entre Bolsonaro, especialmente em seu último ano de mandato, e Benito Mussolini, na década de 1930.

transformando-a em um objeto tão sagrado quanto popular para a nova direita, e desfigurando-o de sua natureza de “Constituição cidadã”. Na estratégia de popularização e apropriação da Constituição como objeto fetichizado, Bolsonaro passou a valer-se da alegoria do campo de futebol, tomando emprestado à modalidade esportiva outros termos relacionados. Para construir a crítica ao que considerava “abuso de poder” do Supremo Tribunal Federal, em especial dos ministros Alexandre de Moraes e Luís Roberto Barroso, Bolsonaro afirmou: “Temos um ou dois jogando fora das quatro linhas da Constituição. Nós jogamos dentro das quatro linhas. Mas o povo, como poder moderador, não pode admitir que nenhum de nós jogue fora dessas quatro linhas”. Através da alegoria do campo de futebol, esporte mais popular do país, Bolsonaro simplificava o jogo de poder. Todos os jogadores, a saber, os membros dos três poderes, deveriam jogar “dentro das quatro linhas da Constituição”.

A ideia do traçado das linhas do campo de futebol estabelecia, pois, um limite objetivo para o jogo de poder. E esse limite, que Bolsonaro chamava de “quatro linhas”, era a concepção de poder definida pelo bolsonarismo. Ao designar “o povo” como “poder moderador”, o ex-presidente convocava sua base social a intervir favoravelmente à ruptura institucional, caso as instituições não corroborassem tal concepção de poder: “Se tem alguém que ousa continuar agindo fora das quatro linhas da Constituição, o poder tem que chamar aquela pessoa e enquadrá-la. Se assim não ocorrer, qualquer um dos três Poderes... A tendência é acontecer uma ruptura”. Bolsonaro delegava, assim, à sua base social a faculdade de intervir diretamente na condução da “democracia”, definindo-se como um representante de seus anseios contra as mazelas do “sistema” político. A alegoria do campo de futebol constituía-se, na verdade, como um tribunal sem lei, que arbitrava em defesa da suspensão de todas as linhas de contenção, tendo em vista a reconfiguração do jogo de poder através da substituição do regime democrático burguês para o regime ditatorial de orientação fascizante.

Derrotado nas urnas por uma pequena diferença, Bolsonaro se pronunciou somente dois dias após a derrota no segundo turno. O discurso pós-eleitoral presente na última fonte da pesquisa (Portal G1, 01/11/2022) traz um inventário do ascensão da extrema-direita neofascista no Brasil. Agradecendo os votos de seu eleitorado, Bolsonaro ignorou a vitória de seu oponente, Luiz Inácio Lula da Silva. Em seguida, afirmou que os “movimentos populares” surgidos à época eram “fruto de indignação e sentimento de injustiça de como se deu o processo eleitoral”. O ex-presidente retomava a narrativa de fraude nas urnas eletrônicas, tese bastante difundida junto à sua base social. Tal pauta, além de situá-lo no papel do líder que teve o poder usurpado, retomava também a indignação antipetista e anticorrupção, ainda que não houvesse nenhuma base material para as desconfianças que vinham sendo disseminadas junto à base bolsonarista.

Para arregimentar sua tropa fiel, Bolsonaro se disse injustiçado, estimulou o ódio à esquerda e rememorou orgulhosamente a escalada da extrema direita no país, dos movimentos ao parlamento: “A direita surgiu de verdade em nosso país. Nossa robusta representação no Congresso mostra a força dos nossos valores: Deus, pátria, família e liberdade”. No inventário da escalada, Bolsonaro retomou a defesa do Estado teocrático, o nacionalismo verde-e-amarelo, a formação de novas lideranças pautadas pela antipolítica, o enfrentamento à pandemia e a liberdade irrestrita de expressão como pilar inabalável do projeto bolsonarista de poder, assim como o militarismo e a liberdade econômica expressa em “somos pela ordem e pelo progresso”.

A alegoria do campo de futebol é retomada por Bolsonaro ao fim do discurso e sugere que antidemocráticos eram os vencedores, embora não reconhecidos como tais. Pelo contrário, ao longo do discurso, ele reafirmava a honra em “ser o líder de milhões de brasileiros”, falando no tempo presente em seu discurso e deixando claro que, apesar da derrota, não pretendia deixar a condição à qual fora alçado. Entre a esperança e a ameaça, Bolsonaro decretava: “Nossos sonhos seguem mais vivos do que nunca”.

O dia 08/01/2023 materializou esse enunciado⁵⁶ e a extensão real da linguagem da destruição que constitui o neofascismo bolsonarista. Alimentado pelos ditos de Bolsonaro, o projeto de destruição consumado no dia 08/01/2023 mostrou a todos nós que, mesmo derrotado eleitoralmente em fins de 2022, o bolsonarismo e sua linguagem de destruição seguem atuantes no tecido social brasileiro, tendo sido altamente relevantes no curso desse processo o neopentecostalismo, enquanto reserva moral do bolsonarismo, o militarismo, que atravessa as variadas classes sociais, e frações do capital financeiro, que não deixaram de estar lado a lado com a promoção do discurso de ódio, financiando-o, inclusive. Esse ponto será discutido no fechamento analítico da presente pesquisa.

3.3 O neoliberalismo e a inevitabilidade do ódio e da antidemocracia

Através da combinação horizontalizada de planos de análise distintos, este capítulo procurou avançar na compreensão da construção de sentidos engendrada pela linguagem da destruição adotada por Bolsonaro. Se o Capítulo 2 teve como foco os ditos do ex-presidente no

⁵⁶ Em 08/01/2023, com apoio da polícia militar do Distrito Federal e de uma parcela das Forças Armadas, bolsonaristas depredaram o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal, almejando dar um golpe de Estado e recolocar na presidência o candidato derrotado Jair Bolsonaro.

período pandêmico, o presente capítulo procurou alinhar ditos sobre temáticas diversas e que manifestam singularmente o modo de pensar bolsonarista.

Retomando os objetivos desta pesquisa, compreendo que, concluídas as análises dos ditos, parece plausível afirmar que o ideário de orientação neofascista teve papel preponderante para a ascensão do bolsonarismo na sociedade brasileira. Foi o que procurei delinear no presente capítulo, através da análise dos ditos constantes na Tabela 2 do *córpus* de pesquisa. Contudo, também considero importante afirmar que a participação de significativas frações das classes dominantes contribuiu decisivamente para o enraizamento e para a consolidação do referido ideário. O capitalismo estava a serviço do reacionarismo. Como nos lembram Dardot e Laval (2021):

O capitalismo é indissociável da história de suas metamorfoses, de seus descarrilhamentos, das lutas que o transformam, das estratégias que o renovam. O neoliberalismo transformou profundamente o capitalismo, transformando profundamente as sociedades. Nesse sentido, o neoliberalismo não é apenas uma ideologia, um tipo de política econômica. É um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida (Dardot; Laval, 2021, p. 7).

O capitalismo brasileiro assumiu as feições da necropolítica delineada no projeto de poder do bolsonarismo. A política de morte funcionava, assim, como elo entre o neofascismo e o neoliberalismo, tendo a necrolinguagem bolsonarista exercido papel preponderante nessa produção de mundo a serviço do capital. A violência verbal é, pois, um aspecto das práticas de linguagem bolsonaristas. Quando interpelado, Bolsonaro muitas vezes procurou justificar sua forma impolida de enunciar. Entretanto, conforme Butler (2023), a palavra pode machucar, tanto quanto uma violência física. Afinal, o exercício da linguagem nos constitui, seja construtiva, seja destrutivamente. Nesse sentido, “a linguagem atua, e atua contra nós” (Butler, 2023, p. 11). A sobrevivência no mundo passa, pois, pela sobrevivência no âmbito da linguagem. Se pensarmos que nos atos de fala de Bolsonaro está imbricado o poder soberano de ditar quem deveria morrer e quem poderia viver (Mbembe, 2018), parece evidente a percepção de que sua soberania era eminentemente performativa (Butler, 2023, p. 124).

A partir dessa dimensão performativa, a necrolinguagem bolsonarista objetivava corroer e necrosar por dentro todas as dimensões da vida pública e todos os acúmulos democráticos construídos ao longo de décadas após o fim da ditadura no Brasil. Ao demonizar programas sociais e de inclusão, Bolsonaro procurava marginalizar as políticas de bem-estar social. Alavancando uma prática antipolítica, buscava reconfigurar as esferas social e política da sociedade, moldando uma política antissistêmica de aniquilamento, especialmente dos partidos

de esquerda, que sempre defenderam as referidas políticas de bem-estar. A defesa do credo cristão polarizava com outras formas de religiosidade, demonizando-as. A defesa da moralidade tradicional amordaçava todas as demais formas de ser e amar, condenando-as. Trata-se, pois, do exercício do discurso de ódio, que está na base dos processos de afirmação e aniquilamento perpetrados pelos atos de fala de Bolsonaro.

Sob o ponto de vista do performativo, ao postular-se como eixo alternativo de produção de sentidos, Bolsonaro se apresentou como fonte de um posicionamento político autocrático, pautado pela ideia de “verdade”, à qual deveriam acorrer suas bases, assim como acorrem aos pastores e aos padres nas agremiações religiosas que lhes garantem um lugar salvífico em meio à “maioria” que a extrema-direita reivindica como sujeito social por excelência.

Postulando a opressão como sustentáculo de sua necropolítica, Bolsonaro legitimou preconceitos diversificados que contribuiriam para que parcelas de todos os segmentos da sociedade, incluindo as frações mais precarizadas, passassem a se sentir mais identificadas com os valores da religiosidade cristã, da branquitude racista e da masculinidade cisgênero, heteronormativa e patriarcal, rechaçando o signo da luta contra o que – e quem – inegavelmente as ordena e, simultaneamente, as oprime e aniquila.

Ao transformar a moralidade em arma de batalha política, Bolsonaro mergulhou as intuições democráticas em um niilismo crescente, que, conforme Brown (2019), “desafia a verdade”, pulveriza e dissipa a importância da igualdade, do conhecimento, da educação, do livre pensar com responsabilidade social. Entretanto, todo esse estado de coisas tem como origem a própria racionalidade neoliberal, que orienta o curso da história retroalimentando-se das crises que ela mesma, a racionalidade neoliberal, produz e reproduz.

Assim, o neoliberalismo não apenas gerou a reatualização do fascismo em nosso tempo, como promoveu a produção de um neofascismo de metodologia necropolítica a serviço do capital: “[...] nada fica intocado pela forma neoliberal de razão e de valoração [...], o ataque do neoliberalismo à democracia tem, em todo o lugar, infletido lei, cultura política e subjetividade política” (Brown, 2021, p. 17).

A razão neoliberal, que dirige a vida política e o curso econômico da sociedade hoje, está, pois, na base do surgimento de movimentos políticos de extrema direita que, tais como o bolsonarismo neofascista, são pautados pela absoluta desumanização dos projetos de poder, centrando-os no capital como princípio, meio e fim.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa de mestrado procurou analisar um *cópus* linguístico constituído por declarações de Jair Bolsonaro, ex-presidente da República, reproduzidas por veículos da imprensa oficial e disponíveis em sites e em portais na internet. Denominados ditos, os discursos diretos relatados que foram objeto da pesquisa compreenderam o período da pandemia de COVID-19 no país, tendo se estendido ao período pós-eleitoral de 2022. A pesquisa teve como objetivo investigar de que maneira o discurso do ex-presidente foi decisivo para a construção de um projeto de poder marcadamente necropolítico, pautado pela adesão a um ideário neofascista e pelo alinhamento aos interesses do capitalismo, na atual etapa neoliberal.

Para levar a termo esse objetivo, foi adotada a perspectiva metodológica da Análise Cartográfica do Discurso, que compreende a dimensão histórica e a dimensão discursiva como elementos indissociáveis da prática discursiva. Essa, por sua vez, tem no primado do interdiscurso sua razão de ser e de constituir-se. A perspectiva analítica também é pautada pelo acompanhamento de processos e percursos, tendo papel primordial no ato de pesquisar o plano de observação e a conjugação de saberes que transbordam as margens da linguística, localizando o pesquisador em um patamar de pesquisa que estabelece relações dinâmicas entre campos distintos do conhecimento.

Outro elemento primordial da análise foi a concepção relativa ao posicionamento do pesquisador, que não ocupa um lugar de neutralidade. Na presente pesquisa, conforme o *locus* de enunciação apresentado na Introdução, o lugar por mim ocupado como pesquisadora definiu o modo como o caminhar investigativo foi delineado e conduzido. As minhas implicações singularizaram e dotaram de sentido toda a jornada de pesquisa, do início até este momento. Cartografar as práticas discursivas do bolsonarismo a partir da voz do ex-presidente Jair Bolsonaro, seu locutor primordial, me conduziu à busca pela compreensão das forças em embate e das relações de poder que estão na base dos processos discursivos que envolvem o exercício do poder soberano (Mbembe, 2018).

Inserida em um contexto de ascensão da extrema direita no mundo, a consolidação do bolsonarismo, como movimento político reacionário alinhado ao grande capital, segue despertando pesquisas diversificadas em áreas distintas do conhecimento. Haja vista a quantidade e a variedade de grupos que conformam sua base social, o bolsonarismo, hoje, tornou-se um segmento político com projeto de poder muito bem delineado. E esse projeto de poder foi forjado por uma linguagem de destruição, expressão de uma diversidade de aspectos

imbricados no desenvolvimento da sociedade brasileira, especialmente ao longo do último decênio. O próprio lema "Deus, pátria, família e liberdade" constitui uma síntese discursiva dos pilares do projeto de poder do bolsonarista.

Uma das mais efetivas ferramentas de enraizamento da linguagem de destruição bolsonarista foi o fenômeno das *fake news* e o compartilhamento em massa de conteúdos inautênticos e/ou moralistas, tendo em vista a sabotagem eleitoral de adversários políticos e a disseminação do eixo ideológico preconizado pelo movimento bolsonarista. Durante a pandemia, as *fake news* e preponderantemente os ditos de Bolsonaro foram responsáveis por massificar o referido eixo ideológico, o qual passou a comportar uma série de traços evidentes de um discurso e de uma performance necropolítica de condução das políticas de gestão da vida e da morte no período.

Contudo, a designação dos conteúdos como “inautênticos” ou “moralistas” já comporta, em si, uma crítica do ponto de vista de quem analisa o discurso do ex-presidente. O bolsonarismo, com efeito, é fruto de uma produção de mundo própria, centrada no negacionismo, em uma reatualização do discurso fascista, na relativização das vidas que se encontram fora do espectro da maioria branca, hétero, cisgênero e cristã, da normalização da opressão, da violência, da punição, do silenciamento, da desmoralização e da morte daquelas e daqueles considerados como inimigos políticos, desimportantes ou descartáveis.

A perspectiva necropolítica de vida descartável foi verificável em uma diversidade de ditos advindos do período pandêmico, como procurei demonstrar no Capítulo 2. Para fundamentar a necessidade de retomada da economia a fim de não comprometer os interesses econômicos que davam sustentação ao seu governo, o discurso de Bolsonaro foi marcado por uma série de aspectos: desqualificação dos riscos de contaminação pela COVID-19; desmoralização dos órgãos de saúde pública que publicizavam as recomendações sanitárias vigentes; relativização do crescimento vertiginoso do número de casos da doença; patologização da defesa do distanciamento social; relativização da vacinação; promoção de medicamentos sem eficácia comprovada como profilaxia e tratamento para a COVID-19; normalização das mortes de idosos e pessoas com comorbidades; e, por fim, banalização da vida e ridicularização do sofrimento e da morte.

Além dos aspectos acima mencionados, o discurso negacionista de Bolsonaro pautou a gestão da pandemia, instituindo uma política de descrédito das recomendações de saúde há muito enraizadas na sociedade, como a vacinação da população, por exemplo. Determinando previamente quem poderia viver e de quem deveria morrer, a linguagem de destruição bolsonarista instituiu uma política de morte como política de gestão estatal. Em outras palavras,

estabelecia-se a necropolítica como gestão performativa da vida e da morte. Retomando Achille Mbembe (2018), “[...] a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (Mbembe, 2018, p. 5).

A política de morte bolsonarista, amplificada pela propaganda necropolítica resultante da propagação dos discursos de Bolsonaro por sua base social, certamente nos convoca a refletir sobre as formas de violência perpetradas pelo Estado e que assujeitam sempre de forma impiedosa a parcela mais vulnerável da população. Como procurei indicar no Capítulo 2, não pairam dúvidas sobre o fato de que os mais atingidos pelo falso dilema “vida ou economia” foram as camadas mais vulneráveis da população, que não tiveram escolha diante da imposição do discurso e das políticas de “novo normal”, assim como os idosos e pessoas com comorbidades, os quais passaram a ser assimilados como peças de descarte, cujas vidas poderiam ser perdidas para que a engrenagem da economia do país não fosse comprometida.

Almeida (2021), como já mencionado, associa muito habilmente a necropolítica bolsonarista à etapa neoliberal da economia capitalista, na qual “como em nenhum momento, experimentou-se a fusão entre mercadoria, desejo e morte” (Almeida, 2021, p. 10). Uma experiência que, penso eu, materializou tal fusão, já que Bolsonaro personificou, como outros autocratas na História, o soberano cujo discurso sentenciava à morte aqueles cujas existências estavam submetidas ao seu poder.

Todos os ditos, e não apenas os ditos pandêmicos, contemplam, em conjunto, uma política de destruição de direitos, de existências e das instituições do Estado democrático burguês. Os demais ditos, analisados no Capítulo 3 – que aglutinam moralismo, autoritarismo, conservadorismo cristão, nacionalismo, ódio ao Estado, racismo, xenofobia, machismo, LGBTfobia – forjaram uma produção de mundo própria, a serviço do capital, fortemente influenciada por uma memória histórica que reatualizou o discurso fascista em nosso tempo.

Revestido da figura de líder do qual emanava “a verdade”, postura tipicamente fascista, Bolsonaro estabelecia o próprio discurso como eixo alternativo de produção de sentidos, valendo-se da memória neofascista latente em seus ditos, e reivindicada pela extrema direita, para alinhar as políticas de morte e destruição de existências, direitos e valores civilizatórios fundamentais. Essa produção de mundo convertia-se, dia após dia, em uma política de destruição da sociedade democrática, já que, em toda sua extensão, estava em profundo alinhamento com a racionalidade ultraneoliberal característica dos governos autocráticos da atualidade.

Implacavelmente, o neoliberalismo corroeu todas as formas de existência. E, constitutivamente, tal corrosão é operada pela linguagem. Muitas vezes, podemos depositar um

acento maior sobre os mais variados aspectos da crise em que estamos mergulhados. Tais aspectos abrangem, dentre outros elementos, o nacionalismo evangélico, a falta de atratividade do mundo globalizado para uma crescente população desescolarizada, as novas formas de “racismo recreativo”, que tentam banalizar as opressões e relativizar a violência contra os oprimidos, a sedução pelo discurso de direita como discurso conservador de épocas ditas modelares e uma religiosidade capaz de tudo resolver em lugar das lutas diárias pela transformação da sociedade. No entanto, parece importante registrar que qualquer análise da realidade em que estamos submersos deve contemplar as mazelas perpetradas pela própria racionalidade neoliberal durante décadas, a qual está na base da autocracia característica dos governos antidemocráticos que, hoje, promovem o discurso da “nova política”. Essa força antidemocrática é a força proveniente da ordem do capital.

Em suma, após as análises empreendidas na presente pesquisa, compreendo que as variadas subjetividades políticas neoliberais – presentes nos discursos bolsonaristas permeados de acenos aos ressentimentos da classe média, ao ódio aos diferentes, ao saudosismo das ditaduras não envergonhadas, à moralidade patriarcal, branca, cisgênero e heteronormativa que se opõe ferrenhamente às crescentes lutas contra todas as formas de opressão – pavimentaram o caminho para o desenvolvimento da necropolítica neofascistizante que se estabeleceu no país durante os quatro anos de governo de Bolsonaro. Esse quadro político, no entanto, tem raízes bem fincadas nas próprias políticas neoliberais, cujos assaltos à democracia, à igualdade e às políticas de bem-estar social, cobraram seu preço em tentativas de fechamento de regime, em ódio ao diferente e, principalmente, em banalização das vidas, ao mesmo tempo excluídas do critério de “maioria”, mas submetidas ao biopoder soberano de ditar quem pode viver e quem deve morrer.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *O que é um dispositivo?* In: AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009. Disponível em: <https://jorgesapia.files.wordpress.com/2017/06/agamben_giorgio- o_ que_e_o_contemporaneo.pdf> Acesso em: 16 abr. 2023.

ALMEIDA, R., TONIOL, R. (org.) *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Campinas, UNICAMP, 2018.

ALMEIDA, S. L. *Necropolítica e neoliberalismo*. Caderno CRH, [S. l.], v. 34, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/45397>> Acesso em: 29 abr. 2023.

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas: UNICAMP, 1998.

AUTHIER-REVUZ, J. *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: UNICAMP, n. 19: 25-42, jul.; dez.1990.

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a Transparência e a Opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BOITO JR, A. *O neofascismo no Brasil*. Boletim LIERI, UFRRJ, n. 1, maio 2019. Disponível em: <<https://laboratorios.ufrj.br/lieri/wp-content/uploads/sites/7/2019/05/Boletim-1-O-Neofascismo-no-Brasil.pdf>> Acesso em: 04 jan. 2024.

BOITO JR, A. *Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo?* Crítica Marxista, n. 50, 2020. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie2020_05_26_14_12_19.pdf> Acesso em: 06 jan. 2024.

BRASIL. Biblioteca da Presidência da República. Biografia de Jair Bolsonaro. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/expresidentes/bolsonaro/biografia/biografia>> Acesso em: 23/11/2023.

BROWN, W. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Politeia, 2019.

CARDOSO, I. A. R. *Foucault e a noção de acontecimento*. Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2): 53-66, out/1995.

DAL PIVA, J. *O negócio do Jair: a história proibida do clã Bolsonaro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023; Brasil.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DEUSDARÁ, B.; ROCHA, D. *Análise cartográfica do discurso*. Campinas: Mercado das Letras, 2021.

DEUSDARÁ, B.; ROCHA, D. *Análise de conteúdo e Análise do discurso: aproximações e afastamentos na construção de uma trajetória*. Alea, v. 7, n. 2, jul/dez 2005, p. 305-322.

DENZIN, L.N.; LINCOLN, Y.S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ECO, U. *O fascismo eterno*. São Paulo: Record, 2018.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2011.

FOUCAULT, M. *O que é um autor?* In: FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos*. v. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GUÉRIN, D. *Fascismo e grande capital*. Campinas, Unicamp, 2019.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KASTRUP, V. *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020.

KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e Análise do Discurso*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3ª. Ed. Trad. Freda Indursky. Campinas, Pontes: 1997.

MARX, K. *O Capital: Crítica da Economia Política*, livro I: O processo de produção do Capital [1867]. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MUSSE, R. MARTINS, P. (org.). *Primeiros anos de (des)governo*. São Paulo: FFLCH/USP, 2021.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. *A cartografia como método de pesquisa intervenção*. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PACHUKANIS, E. *Fascismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.

POZZANA, L.; KASTRUP, V. *Cartografar é acompanhar processos*. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PAXTON, R. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PINHEIRO, Petrilson. *Da utopia da participação global na Web 2.0 às fake news nas redes sociais: uma discussão epistemológica para uma educação crítica*. *Revista Linguagem em Foco*, v.14, n.2, 2022. p. 9-28. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9347>> Acesso em: 19 dez. 2023.

ROCHA, M.L., AGUIAR, K.F. *Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises*. In: *Psicologia, Ciência e Profissão*, v. 3, n. 4, 2003.

SAFATLE, V.; JÚNIOR, N. S; DUNKER, C. (orgs.). *O Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte, Autêntica, 2020.

STARLING, H.; LAGO, M.; BIGNOTTO, N. *Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Tribunal Superior Eleitoral. Eleição Ordinária Federal 2022 – 2º turno – 31/10/2022. Disponível em: <<https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao/resultados/cargo/1>. Acesso em: 07 fev. 2023> Acesso em 08/03/2023.

ANEXO A – Fontes jornalísticas da Tabela 1 analisadas na pesquisa

Subgrupo A – O tema do “superdimensionamento” do novo coronavírus e suas consequências

Fonte a-1 26/01/2020 – ESTADÃO

‘Não é uma situação alarmante’, diz Bolsonaro sobre coronavírus

NOVA DÉLHI - O presidente Jair Bolsonaro informou neste domingo, 26, que o Ministério da Saúde do Brasil e as Forças Armadas estão cientes dos riscos do coronavírus. “Estamos preocupados obviamente, mas não é uma situação alarmante. Não existe nenhum caso confirmado no Brasil”, disse o presidente a jornalistas ao chegar de um compromisso oficial em Nova Délhi, na Índia, onde está em uma missão de quatro dias.

“Estamos nos preparando para que, se tivermos (contágio) no Brasil, que seja atenuado”, afirmou Bolsonaro. O presidente lembrou que o Ministério da Saúde publicou um vídeo nas redes sociais para conscientizar a população e afirmou que há, sim, preocupação. Nas imagens postadas, o ministro em exercício, João Gabbardo, apresenta informações sobre o coronavírus e como maneiras de se prevenir.

Neste sábado, 25, o governo da China informou que 56 pessoas morreram no país por complicações decorrentes do vírus. Outras 1.975 foram infectadas. Há informações de que o coronavírus também já chegou a países como Estados Unidos, Tailândia, Austrália, Canadá e França, de acordo com agências de notícias internacionais.

O presidente está em uma missão de quatro dias na Índia, onde assinou 15 acordos bilaterais, participou como convidado de honra do Dia da República e tem encontro com empresários nesta segunda-feira, 27. O último compromisso da agenda é uma visita ao Taj Mahal, em Agra.

Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,nao-e-uma-situacao-alarmante-diz-bolsonaro-sobre-coronavirus,70003173424>

Fonte a-2 09/03/2020 – O GLOBO

Bolsonaro minimiza coronavírus: ‘está superdimensionado seu poder destruidor’

MIAMI, Flórida - Apesar de o Ibovespa, principal índice do mercado de ações brasileiro, ter sofrido hoje sua maior baixa diária desde 1998 com uma queda de 12,17%, influenciado pela guerra de preços do petróleo entre Arábia Saudita e Rússia e pela escalada de pânico com o coronavírus, o presidente Jair Bolsonaro disse nesta segunda-feira que apreensões com o vírus estão sendo superdimensionadas.

– A questão do coronavírus também, no meu entender, está superdimensionado, o poder destruidor desse vírus, talvez esteja sendo potencializado até por questão econômica - afirmou o presidente.

As declarações do presidente foram feitas durante um encontro com a comunidade brasileira em Miami. Bolsonaro está nos Estados Unidos para uma visita de quatro dias. No sábado, ele jantou com o presidente americano, Donald Trump. A opinião de Bolsonaro sobre o coronavírus foi proferida no momento em que o presidente argumentava que a economia do país estava indo bem.

– Os números vêm demonstrando que o Brasil começou a se arrumar em sua economia. Obviamente os números de hoje tem a ver com a queda drástica da Bolsa de Valores no mundo todo, tem a ver com a queda do petróleo que despencou, se eu não me engano, 30%.

No mundo, há 105.586 casos de coronavírus. 3.584 já morreram em decorrência do vírus. No Brasil, há 930 casos suspeitos e 25 confirmados, mas ainda não há registros de mortes. O vírus já atingiu 97 países. A Organização Mundial da Saúde afirma que uma ameaça de que o vírus se torna uma pandemia é “muito real”. Nos Estados Unidos, já são mais de 600 casos confirmados e 26 mortes. Na Flórida, onde o presidente passou os três dias de onde só retorna amanhã, as primeiras duas mortes foram confirmadas na sexta-feira.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/bolsonaro-minimiza-coronavirus-esta-superdimensionado-seu-poder-destruidor-24295596>

Fonte a-3 15/03/2020 – O Globo

Após ir a manifestação, Bolsonaro diz que não pode haver ‘histeria’ em combate a coronavírus

BRASÍLIA - Após contrariar recomendações sanitárias e interagir com manifestantes neste domingo, o presidente Jair Bolsonaro disse que não se pode tratar a crise do coronavírus com “histeria”. Criticado pelos presidentes da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), e do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP), Bolsonaro desafiou os dois parlamentares a ir às ruas para ver “como são recebidos”.

— Com toda certeza, muitos pegarão isso, independentemente dos cuidados que tomem. Isso vai acontecer mais cedo ou mais tarde. Devemos respeitar, tomar as medidas sanitárias cabíveis, mas não podemos entrar numa neurose, como se fosse o fim do mundo — afirmou o presidente, em entrevista à CNN Brasil.

Bolsonaro foi criticado na noite deste domingo por Maia e por Alcolumbre. Questionado sobre a posição dos presidentes do Legislativo, afirmou que eles deveriam ir às ruas como ele. Em seguida, disse que poderia ir ao Congresso para conversar com os dois ou recebê-los no Palácio da Alvorada.

— Gostaria que eles saíssem às ruas como eu. A resposta é essa — disse o presidente. — Prezado Davi Alcolumbre, prezado Rodrigo Maia, querem sair às ruas? Saiam às ruas e vejam como vocês são recebidos, tá certo?

Em seu perfil no Twitter, Maia afirmou que Bolsonaro comete um “atentado à saúde pública” e que contraria as orientações do seu próprio governo. “O presidente da República ignora e desautoriza o seu ministro da Saúde e os técnicos do ministério, fazendo pouco caso da pandemia e encorajando as pessoas a sair às ruas. Isso é um atentado à saúde pública que contraria as orientações do seu próprio governo”, disse.

Já Alcolumbre classificou a atitude de Bolsonaro como “inconsequente” e afirmou que “convidar para ato contra os Poderes é confrontar a democracia”. Em nota à imprensa, pediu maturidade: “É hora de amadurecermos como Nação. Com a pandemia do coronavírus fechando as fronteiras dos países e assustando o mundo, é inconsequente estimular a aglomeração de pessoas nas ruas”.

As manifestações deste domingo foram marcadas pelo apoio ao governo e críticas ao Congresso e ao Supremo Tribunal Federal (STF). Os atos foram inflamados pela disputa por controle de parte do Orçamento, travadas nas últimas semanas entre Executivo e Legislativo. Bolsonaro disse que é preciso chegar a um “bom entendimento”:

— Se nós chegarmos a um bom entendimento e partirmos ao interesse da população, todos nós seremos muito bem tratados, reconhecidos, e é isso que eu quero. Eu não quero eu aparecer e eles (Maia e Alcolumbre), não. Pelo contrário, Rodrigo Maia, Davi Alcolumbre, estou disposto de recebê-los amanhã aqui no Alvorada ou até, se quiserem que eu vá ao Parlamento, eu vou

ao Parlamento. Vamos conversar e vamos deixar de lado qualquer picuinha que porventura exista. O Brasil está acima de nós três.

A realização de eventos reunindo muitas pessoas tem sido desencorajada por autoridades da área de saúde como forma de evitar a disseminação do novo coronavírus. Na última quinta-feira, Bolsonaro chegou a afirmar que as manifestações que já estavam marcadas para este domingo deveriam ser repensadas, por causa das recomendações sanitárias. Apesar disso, o presidente decidiu participar dos atos realizados neste domingo em Brasília. No início da tarde, deixou o Palácio da Alvorada e saudou manifestantes, de dentro de carro. Mais tarde, cumprimentou apoiadores no Palácio do Planalto.

Bolsonaro retornou na semana passada de uma viagem aos EUA, na qual ao menos dez pessoas que integraram sua comitiva ou o acompanharam testaram positivo para o novo vírus. O presidente, no entanto, não contraiu a doença, apontaram testes. Segundo Bolsonaro, ações muito restritivas podem ter impacto na economia.

— Há certas medidas que vem sendo tomadas pelos governadores e eles têm autoridade de fazer isso aí. E nós temos que ver aí até que ponto essas medidas vêm afetar nossa economia que grande parte vem do povão. Quando você proíbe jogo de futebol, entre outras coisas, você está partido para o histerismo, no meu entender — disse o presidente.

Para ele, o quadro pode levar uma onda de desemprego:

— Devemos tomar providência, porque pode sim transformar em questão bastante grave, mas sem histerismo. A economia tem que funcionar. Não podemos ter uma onda de desemprego. O desemprego leva as pessoas que não se alimentam muito bem, a se alimentar pior ainda e ficar mais sensíveis. Uma vez sendo infectadas e levar até a óbito.

Apesar de criticar o que considera ações rígidas demais, o presidente afirmou que “teme pelo pior”, quando questionado sobre a evolução da crise do coronavírus. Em seguida, negou ser responsável pela realização dos atos deste domingo.

— Temo pelo pior, sim. Agora, em nenhum momento, como alguns irresponsavelmente querem colocar culpa em mim por esse movimento.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/apos-ir-manifestacao-bolsonaro-diz-que-nao-pode-haver-histeria-em-combate-coronavirus-24306796>

Fonte a-4 17/03/2020 – O GLOBO

Bolsonaro compara Itália a Copacabana e coronavírus a gravidez: ‘vai passar’

BRASÍLIA - Para o presidente Jair Bolsonaro, a Itália sofre com a mais gravidade como consequências do novo coronavírus por ter uma população mais velha, semelhante à do bairro de Copacabana, no Rio. E a COVID-19 não seria responsável, sozinha, pelas mortes no Brasil e no mundo, pois como provocada já tem outras “causas mortis” e poder ter falecido “se fosse outra gripe qualquer”. Ele ainda que uma doença é uma gravidez, que vai gerar uma criança e passar.

Em entrevista na chegada ao Palácio da Alvorada, no fim da tarde desta terça-feira, Bolsonaro disse que ainda não se sabe as consequências “disso tudo” e afirmou que, pelo que parece, a crise na Itália “já começa a regredir”. O aumento no número de mortes em 24 horas divulgado nesta terça foi menor que o contabilizado no dia anterior, mas foi de 345 pessoas, totalizando 2.503, segundo a Defesa Civil do país europeu. Já a quantidade de casos ativos de infecções é de 26.062.

— Pelo que parece, não tenho certeza, pela última informação que eu tive, que está faltando confirmação. Agora a Itália é uma cidade... é um país parecido com o bairro de Copacabana,

onde cada apartamento tem um velhinho ou um casal de velhinhos. Então são muito mais sensíveis, morre mais gente — declarou o presidente.

Ele então citou como exemplo a morte registrada no Brasil e apontou que, quando se verifica a causa mortis, “tem quatro, cinco itens e tem o coronavírus”.

— O que é que se dá atenção? Morreu de coronavírus. É que o coronavírus chegou por último e aquela pessoa já bastante debilitada. Agora tem que se levar em conta como um todo do que aquela pessoa faleceu. Se fosse outra gripe qualquer, poderia ter falecido também — comentou. Reforçando o que vem defendendo nos últimos dias, ele disse ainda que “a gente não pode ter histeria”, argumentando que se “ficar todo mundo maluco, as consequências serão as piores possíveis”.

— Tem locais em alguns países que já têm saques acontecendo, isso pode vir para o Brasil, pode ter aproveitamento político em cima disso, a gente não quer pensar nisso daí, mas tem que ter calma. Vai passar. Desculpa aqui, é como uma gravidez, um dia vai nascer a criança. E o vírus ia chegar aqui um dia, acabou chegando.

O presidente também afirmou que um país só estará imune ao novo vírus quando uma parte da sua população for infectada e adquirir os anticorpos, já que não há vacina disponível. O objetivo, segundo ele, é que as pessoas que “infelizmente” vão se infectar o façam em um “espaço de tempo maior do que você porventura não tome as providências”.

Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-compara-coronavirus-a-gravidez-um-dia-vai-nascer-a-crianca/>

Subgrupo B – O tema da atenuação dos riscos da COVID-19

Fonte b-1 11/03/2020 – Portal UOL

Bolsonaro: ‘Não sou médico; pelo que ouvi, outras gripes mataram mais’

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) afirmou nesta quarta-feira, 11, que ainda deve conversar com o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, sobre a situação do surto de coronavírus.

“Vou ligar para o Mandetta agora há pouco. Eu não sou médico, eu não sou infectologista. O que eu ouvi até o momento [é que] outras queixas mataram mais do que essa”, disse.

Questionado se a disseminação da COVID-19 poderia atrapalhar uma convocação para as manifestações no próximo domingo, 15, o presidente não respondeu e negou ter convocado a população para os atos. “Eu não convoquei ninguém, pergunta para quem convocou”.

No sábado, 7, entretanto, Bolsonaro voltou a citar os atos do próximo domingo e chegou a dizer: “Participem e cobrem de todos nós o melhor para o Brasil”. Na ocasião, ele destacou que as manifestações eram “pró-Brasil” e não contra o Congresso Nacional e o Judiciário.

Nesta quarta-feira, uma Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o coronavírus uma pandemia, quando o estágio de transmissão de uma doença é global. A organização informou que 118 mil pessoas foram diagnosticadas com o vírus em 114 países. Os números da OMS indicam 4.291 mortes pela doença até o momento. No Brasil, a última atualização do Ministério registrou 52 casos de infecção pela COVID-19 em oito estados. Os casos suspeitos são 907 e os descartados já são 935. Os confirmados se dividem em 30 em São Paulo, 13 no Rio de Janeiro, dois na Bahia, dois no Rio Grande do Sul, dois no Distrito Federal, um no Espírito Santo, um em Alagoas e um em Minas Gerais.

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/03/11/bolsonaro-nao-sou-medico-pelo-que-ouvi-outras-gripes-mataram-mais.htm>

Fonte b-2 19/03/2020 – O Globo

Bolsonaro volta a minimizar coronavírus: ‘em alguns poucos casos pode levar a óbito’

BRASÍLIA - Um dia depois de reconhecer pela primeira vez a gravidade do avanço da pandemia do novo coronavírus no Brasil, o presidente Jair Bolsonaro voltou a minimizar os efeitos da doença em transmissão ao vivo pelo Facebook na noite desta quinta-feira.

De máscara, ao lado de uma intérprete de libras, ele começou a live combinando com ela — aparentemente sem saber que já estava no ar — o que seria um recado à imprensa por conta da declaração de dois dias atrás de que “vai ter uma festinha tradicional” no Palácio da Alvorada, no próximo sábado, seu aniversário.

— Eu vou falar “você foi convidada?”, você fala “não”, tá? Pro meu aniversário... e é verdade, ninguém tá mentindo aqui. Tá valendo aí? Brasília, 19 de março, 19h. Daqui a dois dias vai ter uma festa aqui em casa. Atenção, imprensa, vai ter uma festa aqui em casa, meu aniversário. Eu, a minha esposa e as duas filhas. Ou será que eu tô proibido de fazer essa festinha aqui em casa? Sempre foi assim, nunca tive comemoração de aniversário, não é porque eu não tive oportunidade, é porque eu não gosto mesmo, tá? Mas tudo bem... — declarou.

Em seguida, ele contou ter recebido a notícia de que o presidente da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex), Sergio Segovia, foi diagnosticado com o COVID-19, e fez questão de dizer que ele lhe disse que não está sentindo nada.

— Tudo normal a vida dele. Ele deve ter os seus 55 anos de idade, um pouquinho menos — comentou.

Em seguida, Bolsonaro relatou conversas com dois ministros infectados com o novo coronavírus, Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional), e Bento Albuquerque (Minas e Energia). Com 72 e 61 anos de idade, respectivamente, ambos fazem parte do grupo de risco para a doença. Segundo o presidente, Heleno disse estar assintomático e que tinha acabado de “fazer 50 minutos de bicicleta”. Já Albuquerque, também em isolamento domiciliar, teria falado apenas que sentia “vontade de trabalhar”.

— Logicamente, para essas pessoas, se não tivessem feito o teste, estariam trabalhando, transmitindo o vírus para alguém, obviamente, mas não estariam sabendo que estavam fazendo essa transmissão do vírus. Para algumas pessoas, mais idosas, que têm outros problemas, a infecção torna-se grave. E, realmente, em alguns poucos casos pode levar a óbito — afirmou o presidente.

Ele continuou reiterando a preocupação do governo com a COVID-19, mas logo aproveitou para fazer propaganda da entrevista que concedeu nesta quinta para o Programa do Ratinho, do SBT:

— Então a preocupação do governo existe, mas eu quero dizer a vocês o seguinte, que amanhã, às 22h30, no SBT, eu gravei uma entrevista de um pouco mais de uma hora para o Ratinho. Então falei muita coisa que vai ao ar amanhã, então não vou entrar em muito detalhe sobre a questão do coronavírus, até porque, amanhã, se Deus quiser, vai estar ali no Programa do Ratinho.

Referindo-se ao fechamento de fronteiras do Brasil com oito países, ele comentou que essa é uma medida que ajuda “a prevenir um pouco da entrada de pessoas possivelmente infectadas no Brasil”. Na sequência, fez uma ponderação sobre a eficácia da iniciativa.

— Se bem que o trabalho de todos os países no momento é alongar a curva da infecção, porque se for muito rápida, não temos meio de atendê-los, com hospitais, com equipamentos e com UTIs. Se bem que é uma pequena parcela da população que estará sujeita a isso. Mais da metade, adquire o vírus e nem fica sabendo. Dessa outra metade que sobra, quase 80 e poucos por cento, segundo dados estatísticos aí, vão ter algum tipo de sintoma. E apenas em torno de 5%, e assim mesmo, um percentual menor disso, depois, em cima disso, que pega os mais idosos, que vai ter algum problema mais grave — declarou.

— Mas obviamente estamos tomando as medidas todas cabíveis. O meu trabalho é não levar pânico à população brasileira — complementou o presidente.

Ao fim, Bolsonaro lamentou a sétima morte contabilizada no Brasil após a chegada do COVID-19 e apontou que pedirá nesta sexta ao Ministério da Saúde que todos os óbitos registrados em decorrência do novo coronavírus sejam disponibilizados com a idade da pessoa e se a vítima sofria de algum problema prévio.

— Obviamente, em sendo infectado, até que ponto o vírus influenciou nesse óbito ou essa pessoa já estava numa situação bastante complicada pela idade avançada e também por problemas de saúde — afirmou.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-volta-minimizar-coronavirus-em-alguns-poucos-casos-pode-levar-obito-24316675>

Fonte b-3 20/03/2020 – O Globo

Bolsonaro volta a minimizar pandemia e chama COVID-19 de 'gripezinha'

BRASÍLIA - Indagado sobre seu estado de saúde, o presidente Jair Bolsonaro voltou a minimizar, nesta sexta-feira, a gravidade da COVID-19, causada pelo novo coronavírus, e chamou a doença de “gripezinha”. No Brasil, pelo menos 904 foram infectadas e onze já morreram. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a doença já infectou 209 mil pessoas e matou 8,7 mil.

— Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar — afirmou Bolsonaro, referindo-se à facada que recebeu durante a campanha presidencial em 2018.

A saúde de Bolsonaro vem sendo alvo de especulação depois que pelo menos 22 pessoas que tiveram contato com o presidente durante uma viagem aos Estados Unidos e que testaram positivo para a doença. Nos últimos dias, Bolsonaro anunciou que se submeteu a dois exames e que ambos deram negativo para a COVID-19.

Questionado sobre se, diante do número de pessoas que testaram positivo para a doença e que tiveram contato com ele, Bolsonaro disse que poderia se submeter a um novo exame.

— Posso me submeter a outro exame, de acordo com orientação médica — afirmou.

Mais cedo, quando saía do Palácio da Alvorada, o presidente disse que poderia fazer um terceiro exame:

— Eu estou bem. Fiz dois testes. Talvez faça mais um até. Recebo orientação médica - disse Bolsonaro, levantando a hipótese de ter sido contaminado pelo vírus e não ter descoberto:

— Aqui em casa, toda a família deu negativo. Talvez eu tenha sido infectado lá atrás e nem fiquei sabendo. Talvez. E estou com anticorpo.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/bolsonaro-volta-minimizar-pandemia-chama-covid-19-de-gripezinha-24318910>

Fonte b-4 27/03/2020 – O Globo

Sem provas, Bolsonaro questiona número de mortos por COVID-19 e fala em fraude para “uso político”

BRASÍLIA — Sem apresentar provas ou evidências, o presidente Jair **Bolsonaro** questionou, na tarde desta sexta-feira, a **veracidade** dos números das **mortes** divulgadas em decorrência do novo **coronavírus** e citou a possibilidade de os estados brasileiros estarem fraudando a causa

dos óbitos para fazer “uso político” da questão. Sem provas, Bolsonaro levantou dúvidas tanto sobre dados de estados brasileiros como da Itália, país com maior número de mortos.

Bolsonaro afirmou que alguns estados aumentam artificialmente a contagem de vítimas para justificar as medidas de isolamento social que estão sendo tomadas. As declarações ocorreram em entrevista por telefone ao jornalista José Luiz Datena, do Brasil Urgente, da Band.

— Agora, o que estou vendo também, em alguns estados do Brasil, se eu não estou politizando, se eu for ver, ninguém mais, quase ninguém mais está morrendo de H1N1. Todo mundo é COVID-19. Parece que a intenção é de potencializar isso para falar: “Tá vendo, o que eu fiz justificou, morreram tantas pessoas. Se eu não tivesse feito, teriam morrido cinco, 10 ou 20 vezes mais”.

Depois, voltou a insinuar que estados podem estar fraudando números para fazer “uso político”:

— Procura saber por estado quantos morreram de H1N1 até o momento. Não é que eu queira que tenha morrido, mas ano passado foram 700 pessoas mais ou menos. Vai ter que ter alguém que morreu esse ano disso daí. Se for todo mundo com coronavírus, é sinal de que tem estado que está fraudando a causa mortis daquelas pessoas, querendo fazer um uso político de números. Bolsonaro citou especificamente o caso de São Paulo, que tem o maior número de pessoas com coronavírus e é governado por seu desafeto João Doria (PSDB):

— Em São Paulo não estou acreditando nesses números — declarou.

Bolsonaro afirmou que “certos mitos” estão sendo desfeitos e disse que a maior parte das mortes na Itália não foram realmente causadas pelo coronavírus. Segundo autoridades italianas, 9.134 pessoas já morreram devido à COVID-19.

— O vírus evolui, nós temos informações do mundo todo de como as coisas estão sendo tratadas, inclusive certos mitos nós estamos desfazendo. A questão das mortes na Itália, por exemplo, a maioria das mortes não tem nada a ver com o coronavírus, nada a ver. Eram pessoas que estavam em uma região fria e todos com uma média de idade de 80 anos — disse.

O presidente atribuiu a informação a um “estudo”, mas não explicou a qual estudo estava se referindo.

— Agora tem estudo dizendo que a grande maioria das mortes na Itália não tem nada a ver com o vírus. Foi uma região específica, mais fria e a idade média dos mortos era de 80 anos. E pessoas com duas, três outras doenças.

Segundo o presidente, algumas pessoas vão morrer de COVID-19 no Brasil, mas essa é a realidade:

— Alguns vão morrer? Vão morrer. Lamento, lamento. Essa é a vida, essa é a realidade. Não podemos parar a fábrica de automóveis porque tem 60 mil mortes no trânsito no ano.

A revista científica “The Lancet”, uma das mais renomadas do mundo, citou o presidente Jair Bolsonaro em crítica à demora de alguns governos para adotar medidas de isolamento social da população contra a pandemia de coronavírus. A crítica foi feita em um pronunciamento da revista divulgado nesta sexta-feira. Bolsonaro foi o único presidente citado pela publicação.

“Muitos governos federais responderam rapidamente, mas muitos ainda não levam a sério a ameaça da COVID-19 - por exemplo, ignorando a recomendação da Organização Mundial da Saúde contra aglomerações. O presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, tem sido fortemente criticado por especialistas da área da saúde e enfrenta uma intensa reação pública por sua fraca resposta”, disse o texto da “The Lancet”.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/sem-provas-bolsonaro-questiona-numero-de-mortos-por-covid-19-fala-em-fraude-para-uso-politico-24333952>

Subgrupo C – O tema da “volta à normalidade” e fim das medidas de isolamento social

Fonte c-1 09/04/2020 – O Globo

Um dia depois do Brasil ultrapassar mil mortes por coronavírus, Bolsonaro defende ‘volta à normalidade’

BRASÍLIA - O presidente Jair Bolsonaro reforçou, neste sábado, sua posição em defesa da retomada das atividades no país. Ele usou as redes sociais para postar vídeo de entrevista dada em 25 de março em que prega que os brasileiros precisam “acordar para a realidade” antes de um suposto caos se instalar em função da paralisia pelo coronavírus. O vídeo é uma edição de entrevista dada na porta do Palácio do Alvorada.

“Há 2 semanas falei sobre o que poderia acontecer no Brasil, caso se preocupassem apenas com um problema”, escreveu o presidente como legenda para o vídeo. Ontem, de acordo com o Ministério da Saúde, o país ultrapassou mil mortes pela COVID-19. São 1.056 mortes e 19.638 pessoas diagnosticadas com coronavírus.

— Certas autoridades municipais e estaduais estão tomando medidas, no meu entender, além da normalidade, proibindo tráfego de pessoas, tráfego de rodovias, fechando empresas, fechando comércios - diz Bolsonaro na entrevista.

Na sequência, ele narra que há aproximadamente 30 milhões de autônomos no Brasil:

— Uma parte definindo não está ganhando o seu ganha-pão.

Ele diz ainda que as empresas não estão produzindo e que o homem do campo também pararia.

— Nós vamos viver de quê? - questiona. Depois de apresentar esses argumentos, ele pede que o país “volte à normalidade”.

— Brasileiros, acordem para a realidade. Se não acordarmos em pouco dias, pode ser tarde demais. (...) Espero que Brasil volte à normalidade, encare o vírus, até como se fosse uma guerra, mas em situação de igualdade. Se formos para o discurso fácil, ‘todo mundo em casa’, vai ser um caos - diz.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/um-dia-depois-do-brasil-ultrapassar-mil-mortes-por-coronavirus-bolsonaro-defende-volta-normalidade-24365828?>

Fonte c-2 20/04/2020 – O Globo

Bolsonaro defende fim de medidas de isolamento nesta semana

BRASÍLIA — O presidente Jair Bolsonaro defendeu nesta segunda-feira que terminem nesta semana as medidas que restringem a circulação de pessoas para frear a propagação do novo coronavírus. Desde meados de março, governadores e prefeituras incentivaram a quarentena, em contraposição ao posicionamento de Bolsonaro.

— Eu espero que essa seja a última semana dessa quarentena, dessa maneira de combater o vírus, todo mundo em casa. A massa não aguenta ficar em casa, porque a geladeira está vazia — disse Bolsonaro, na saída do Palácio da Alvorada.

Recentemente, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que governadores e prefeitos podem decretar isolamento na pandemia. A medida tem sido adotada pela maioria dos países como forma de frear o aumento brusco no contágio pelo coronavírus, achatando a curva e diminuindo a possibilidade de colapso no sistema de saúde. O governo recorreu da decisão do STF. De acordo com Bolsonaro, essas medidas “não atingiram seu objetivo”.

— Essas medidas em alguns estados foram excessivas. Não atingiram seu objetivo. Aproximadamente 70% da população vai ser infectada, não adianta querer correr disso, é uma verdade. Estão com medo da verdade?

O presidente relatou que um ministro, sem especificar qual, queria que ele assinasse um decreto para estabelecer multas para quem circular na rua, mas disse que não concordou.

— Um ministro meu queria que colaborasse em um decreto ou em uma portaria para multar quem está na rua. Falei “não”. Não. Quem vai na rua estava atrás de emprego, está atrás de um ganha pão, levar um prato de comida em casa.

Também nesta segunda-feira, Bolsonaro defendeu o Congresso e o STF abertos e disse que não atacou outros Poderes. No domingo, ele participou de um ato com manifestantes pró-intervenção militar.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-defende-fim-de-medidas-de-isolamento-nesta-semana-24382957>

Subgrupo D – O tema da defesa de medicamentos sem eficácia comprovada como profilaxia para a COVID-19

Fonte d-1 13/05/2020 O Globo

Bolsonaro diz que vai discutir com Teich protocolo do uso da cloroquina contra COVID-19

BRASÍLIA - O presidente Jair Bolsonaro disse que vai conversar nesta quarta-feira com o ministro da Saúde, Nelson Teich, para discutir o protocolo da pasta sobre o uso da cloroquina apenas em casos graves da COVID-19. Ele justificou a discussão dizendo estar preocupado com “o elevado número de mortes” no país. O ministro chegou ao Palácio do Planalto no fim da manhã.

— Não é o meu entendimento, que eu não sou médico. É o entendimento de muitos médicos do Brasil e outras entidades de outros países, [que] entendem que a cloroquina pode e deve ser usada desde o início, apesar de saberem que não tem uma confirmação científica da sua eficácia. Mas, como estamos numa emergência, e a cloroquina sempre foi usada, desde 1955, e agora com a azitromicina, pode ser um alento para esta quantidade enorme de óbitos que estamos tendo no Brasil - defendeu Bolsonaro, em entrevista na saída do Palácio da Alvorada.

Ele disse que seu entendimento, após ouvir médicos, é que o medicamento deve ser usado desde o início da contaminação pelo novo coronavírus por quem integra grupos de risco, com comorbidade ou idosos.

— Se fosse a minha mãe... Minha mãe está com 93 anos de idade. Eu vou atrás dela, pego um médico, lógico que não vou forçar o médico – mas tem muitos médicos que concordam com este tipo de medicamento – e ela usaria a hidroxicloroquina, enquanto não tivermos algo comprovado no mundo, temos este no Brasil aqui, que pode dar certo, pode não dar certo. Mas como a pessoa não pode esperar quatro, cinco dias para decidir, que a morte pode vir, é melhor usar – declarou.

Na terça-feira, Nelson Teich foi às redes sociais informar que o Ministério da Saúde autorizou a prescrição da cloroquina para pacientes hospitalizados no dia 23 de março. Um mês depois, o Conselho Federal de Medicina possibilitou o uso da substância em outras situações. Teich fez então o que chamou de “um alerta importante”: “a cloroquina é um medicamento com efeitos colaterais. Então, qualquer prescrição deve ser feita com base em avaliação médica. O paciente deve entender os riscos e assinar o ‘Termo de Consentimento’ antes de iniciar o uso da cloroquina”. Ele disse ainda que a pasta acompanha todas as pesquisas nacionais e internacionais sobre o tratamento do coronavírus, que avaliam, além da cloroquina, mais de 10 medicamentos.

Questionado se ficou contrariado com as publicações do ministro, Bolsonaro respondeu que todos os ministros têm que estar afinados com ele.

— Todos os ministros são indicações políticas minhas, tá certo? E quando eu converso com os ministros, eu quero eficácia na ponta da linha. Nesse caso, não é gostar ou não do ministro Teich, tá? É o que está acontecendo. Nós estamos tendo aí centenas de mortes por dia. Se existe uma possibilidade de diminuir esse número com a cloroquina, por que não usá-la. Alguns falam que pode ser placebo. Eu falo: pode ser. A gente não sabe. Mas pode não ser também. A gente não pode daqui a dois anos falar “ah, se tivesse usado a cloroquina lá atrás, teríamos salvo milhares de pessoas”. Só isso - declarou.

Sobre o alinhamento com o ministro em outras questões, como a do isolamento social, o presidente disse que, desde o começo da pandemia, defende o que classifica como “isolamento vertical”, cuidar das pessoas do grupo de risco e “botar o povo pra trabalhar”.

— Olha só. Tem uma máxima do Napoleão dizendo mais ou menos o seguinte: “enquanto o inimigo estiver fazendo um movimento errado, deixe-o à vontade”. No Brasil, no meu entender, o movimento errado é se preocupar apenas e tão somente com a questão do vírus. Tem o desemprego do lado. A esquerda tá quietinha. A esquerda tá quietinha. O povo precisa trabalhar. Ao ser indagado se Teich, que tomou posse há menos de um mês, pode ser trocado se não aceitar sua posição, Bolsonaro disse não é ele que está pedindo nem mandando e declarou que há “quase um consenso” na classe médica sobre a cloroquina.

— A gente está falando em vida. É vida que está em jogo. Tem muita gente que chega ao hospital, pelo que eu levantei, em especial Norte e Nordeste, que não é oferecida a cloroquina para ele. Simplesmente deita, dá uma alimentação ali ou um soro e espera ele se curar. Para nós, mais jovens, o tratamento é esse. Nós não, né?, porque eu estou com 65. Mas se eu for acometido eu tomo a cloroquina e ponto final, pô. Eu que decido minha vida. E tenho certeza que não vai faltar médico para receitar pra mim a cloroquina.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-diz-que-vai-discutir-com-teich-protocolo-do-uso-da-cloroquina-contracovid-19-1-24424494>

Fonte d-2 07/07/2020 O Globo

Bolsonaro divulga vídeo tomando remédio sem eficácia cientificamente comprovada contra COVID-19

BRASÍLIA — Horas depois de informar que contraiu a COVID-19, o presidente Jair Bolsonaro divulgou um vídeo no fim da tarde desta terça-feira no qual aparece tomando um comprimido de hidroxicloquina contra a doença. Na gravação, ele diz saber que nenhum remédio “tem a sua eficácia cientificamente comprovada”, mas se aponta como um exemplo do sucesso da substância.

— Bem, estou tomando aqui a terceira dose da hidroxocloroquina (sic) — declara o presidente, dando risada em seguida, do Palácio da Alvorada. — Tô me sentindo muito bem. Tava mais ou menos domingo, mal segunda-feira, hoje, terça, tô muito melhor do que sábado. Então, com toda a certeza, tá dando certo — complementa, tomando o remédio e bebendo um copo de água. Na sequência, o presidente faz ressalvas e afirma que sabe que “hoje em dia existem outros remédios que podem ajudar a combater o coronavírus”.

— Sabemos que nenhum tem a sua eficácia cientificamente comprovada, mas mais uma pessoa que está dando certo. Então, eu confio na hidroxicloquina. E você? Valeu, tamo junto — complementa.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-divulga-video-tomando-remedio-sem-eficacia-cientificamente-comprovada-contracovid-19-24520312>

Fonte d-3 18/07/2020 O Globo

Depois da cloroquina, Bolsonaro diz tomar vermífugo sem comprovação científica contra a COVID-19

BRASÍLIA — Depois de meses recomendando o uso da hidroxicloroquina, o presidente Jair Bolsonaro disse neste sábado que tomou também outro remédio sem eficácia comprovada para tratar a covid-19. Bolsonaro afirmou que tomou um vermífugo que, assim como a cloroquina, não tem comprovação científica de que pode ser usado no tratamento do coronavírus. O remédio citado por Bolsonaro é nitazoxanida, cujo nome comercial é Annita.

— Eu comecei essa semana a tomar também Annita — disse Bolsonaro a apoiadores, no Palácio da Alvorada.

Bolsonaro voltou a defender uso da cloroquina para o tratamento precoce contra o vírus, apesar dele mesmo admitir que não há comprovação de que o medicamento seja eficaz.

— Está uma briga ideológica em cima da hidroxicloroquina. Lá atrás eu falei sobre isso. Não sou médico, não entendo de nada sobre isso aí, mas tenho experiência com a vida, converso com todo mundo do Brasil todo. Desde lá de trás sabíamos que tínhamos a hidroxicloroquina e não tinha alternativa. Agora, o que eu recomendo, procure o médico — disse Bolsonaro.

Bolsonaro também voltou a criticar o isolamento social e medidas tomadas por governadores e prefeitos para fechar o comércio e evitar a disseminação da doença.

— Pelo que eu sei, ninguém morreu por falta de UTI ou respirador. Tem que pensar na economia. Não adianta ficar falando em vida, em vida, em vida, porque o isolamento mata.

Nesta sexta-feira, a Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI) divulgou uma nota afirmando que o uso de hidroxicloroquina deve ser abandonado em qualquer fase do tratamento de COVID-19. A nota da SBI tem como base os resultados de dois estudos realizados no âmbito internacional. Em um deles, realizado em 40 estados americanos e três províncias do Canadá, constatou que o uso da cloroquina nos estágios iniciais da doença não teve resultado algum.

O estudo comparou pacientes que tomaram o remédio com um grupo que não tomou e constatou que, no grupo que utilizou, não houve melhora do quadro clínico dos pacientes.

Outro estudo, conduzido na Espanha, tentou medir se a cloroquina tinha a capacidade de reduzir a carga viral dos pacientes infectados. De acordo com os pesquisadores, o medicamento não foi capaz de reduzir essa taxa.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/depois-da-cloroquina-bolsonaro-diz-tomar-vermifugo-sem-comprovacao-cientifica-contra-covid-19-1-24540039>

Subgrupo E – O tema da relativização das mortes por COVID-19 e de protocolos de prevenção

Fonte e-1 20/04/2020 Portal G1

‘Não sou coveiro, tá?’, diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus

Bolsonaro deu a declaração no final da tarde, na portaria do Palácio da Alvorada, residência oficial da Presidência, enquanto conversava com jornalistas e apoiadores.

Segundo o Ministério da Saúde, até esta segunda-feira, o Brasil registrava 2.575 mortes e 40.581 casos confirmados de pessoas contaminadas pelo coronavírus.

“Presidente, hoje tivemos mais de 300 mortes [são 113; depois de divulgar, o Ministério da Saúde corrigiu]. Quantas mortes o senhor acha que...”, perguntava um jornalista quando Bolsonaro o interrompeu.

“Ô, cara, quem fala de... Eu não sou coveiro, tá certo?”, declarou o presidente.

O repórter, então, tentou fazer novamente a pergunta. “Não sou coveiro, tá?”, repetiu o presidente da República.

Pela manhã, ao sair do Palácio da Alvorada, ao fazer um comentário sobre a epidemia, Bolsonaro disse que 70% da população será contaminada e “não adiante querer correr disso”.

“Aproximadamente 70% da população vai ser infectada. Não adianta querer correr disso. É uma verdade. Estão com medo da verdade?”, afirmou. Segundo ele, “houve uma potencialização das consequências do vírus”.

“Levaram o pavor para o público, histeria. E não é verdade. Estamos vendo que não é verdade. Lamentamos as mortes, e é a vida. Vai morrer”, afirmou.

No último dia 29, após voltar de um passeio por Brasília, Bolsonaro repetiu o argumento de que todos vão “morrer um dia” e disse que para se enfrentar o vírus é necessário agir “como homem”.

“Essa é uma realidade, o vírus tá aí. Vamos ter que enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, porra. Não como um moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia.”

Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>

Fonte e-2 28/04/2020 Estadão

‘E daí? Lamento, quer que eu faça o quê?’, diz Bolsonaro sobre recorde de mortes por coronavírus

O presidente Jair Bolsonaro afirmou nesta terça-feira, 29, que lamenta, mas não tem o que fazer em relação ao recorde de mortes registradas em 24 horas, com 474 óbitos, ultrapassando a China no número total de óbitos pelo novo coronavírus. “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”, disse Bolsonaro, em referência a seu segundo nome.

Durante a entrevista em frente ao Palácio da Alvorada, uma jornalista disse ao presidente: “A gente ultrapassou o número de mortos da China por COVID-19...” Foi quando Bolsonaro respondeu que não poderia fazer nada. Nesta terça-feira, segundo boletim divulgado pelo Ministério da Saúde, o número de mortes confirmadas por COVID-19, a doença provocada pelo coronavírus, ultrapassou a marca dos 5 mil, chegando a 5.017. Na China, são 4.643. O Brasil registrou nas últimas 24 horas mais mortes que Itália, França e Espanha. Momentos depois, na mesma entrevista, Bolsonaro disse se solidarizar com as famílias das vítimas. “Lamento a situação que nós atravessamos com o vírus. Nos solidarizamos com as famílias que perderam seus entes queridos, que a grande parte eram pessoas idosas”, disse.

“Mas é a vida. Amanhã vou eu. Logicamente, a gente quer ter uma morte digna e deixar uma boa história para trás”, disse o presidente. Questionado se conversaria com o ministro da Saúde, Nelson Teich, sobre a flexibilização do distanciamento social, Bolsonaro afirmou que não dá parecer e não obriga ministro a fazer nada.

O presidente também disse que ninguém nunca negou que a COVID-19 causaria mortes no Brasil e que 70% da população será infectada. “As mortes de hoje, a princípio, essas pessoas foram infectadas há duas semanas. É o que digo para vocês: o vírus vai atingir 70% da população. Infelizmente é a realidade. Mortes vai haver. Ninguém nunca negou que haveria mortes”, disse.

“É igual a uma chuva. Você vai se molhar. Tem que proteger da chuva os mais fracos, os mais idosos, para não virar pneumonia, gripe.”

Disponível em: <https://www.estadao.com.br/saude/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-recorde-de-mortes-por-coronavirus/>

Fonte e-3 10/11/2020 O Globo

‘Tem que deixar de ser um país de maricas’, diz Bolsonaro sobre COVID-19

BRASÍLIA — O presidente Jair Bolsonaro afirmou nesta terça-feira que o Brasil precisa deixar de ser um “país de maricas”. A declaração foi feita enquanto Bolsonaro comentava a COVID-19, doença que matou mais de 162 mil brasileiros. O presidente afirmou que “tudo agora é pandemia” e que “tem que acabar esse negócio”. Ele disse lamentar os mortos, mas ressaltou que “todos nós vamos morrer um dia”.

— Tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio. Lamento os mortos, lamento. Todos nós vamos morrer um dia, aqui todo mundo vai morrer. Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas. Olha que prato cheio para imprensa. Prato cheio para a urubuzada que está ali atrás. Temos que enfrentar (de) peito aberto, lutar. Que geração é essa nossa? A geração minha, do Milton (Ribeiro, ministro da Educação), (é) diferente, 60 anos de idade. A geração hoje em dia é toddynho, nutella, zap. É uma realidade — disse Bolsonaro, durante evento no Palácio do Planalto.

A declaração foi dada horas depois de o presidente ter comemorado em uma rede social um “evento adverso grave”, que fez com que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) interrompesse o estudo clínico da vacina Coronavac, desenvolvida pelo Instituto Butantan e pelo laboratório chinês Sinovac Biotech. Na rede social, Bolsonaro escreveu: “Morte, invalidez, anomalia. Esta é a vacina que o Dória queria obrigar a todos os paulistanos tomá-la. O Presidente disse que a vacina jamais poderia ser obrigatória. Mais uma que Jair Bolsonaro ganha”.

A cerimônia era sobre a retomada do setor de turismo. Bolsonaro disse que o setor foi “na lona” com a pandemia, mas disse que a doença foi “superdimensionada”. Em março, o presidente disse que o coronavírus não mataria mais de 800 pessoas no Brasil.

— Vocês foram na lona nessa pandemia. Que foi superdimensionada. A manchete amanhã: “ah, não tem carinho, não tem sentimento com quem morreu...”. Tenho sentimento com todos que morreram. Mas (foi) superdimensionado.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/tem-que-deixar-de-ser-um-pais-de-maricas-diz-bolsonaro-sobre-covid-19-1-24739111>

Fonte e-4 04/03/2021 O Globo

‘Chega de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando?’, diz Bolsonaro sobre pandemia

BRASÍLIA — O presidente Jair Bolsonaro (Sem partido) afirmou nesta quinta-feira que é preciso parar de “frescura” e “mimimi” com a pandemia de COVID-19 e questionou até quando as pessoas ficarão “chorando”. Para Bolsonaro, é preciso “enfrentar nossos problemas”. O novo coronavírus já matou quase 260 mil brasileiros, e as mortes estão em alta, batendo recordes nos últimos dias.

A declaração ocorreu durante inauguração de um trecho da ferrovia Norte-Sul, em São Simão (GO). O presidente elogiou produtores rurais por terem continuado trabalhando durante a pandemia e questionou em seguida “onde vai parar o Brasil se nós pararmos”, em referência a

medidas que estão sendo tomadas por governadores e prefeitos em todo o país para diminuir a circulação de pessoas, em uma tentativa de frear o avanço da COVID-19.

— Vocês (produtores rurais) não ficaram em casa, não se acovardaram. Nós temos que enfrentar nossos problemas. Chega de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando? Temos que enfrentar os problemas. Respeitar, obviamente, os mais idosos, aqueles que têm doenças, comorbidades. Mas onde vai parar o Brasil se só pararmos? — disse Bolsonaro.

Na quarta-feira, o Brasil bateu, pelo segundo dia consecutivo, o recorde de registros de mortes em 24h. Foram 1.840 óbitos contabilizados pelas secretarias estaduais de saúde. A média móvel dos últimos sete dias também bateu um novo recorde: 1.332. É o quinto dia consecutivo em que isto ocorre.

Nesta quinta, Bolsonaro disse lamentar as mortes, mas afirmou que “tem que ter uma solução”.

— Até quando vão ficar dentro de casa, até quando vai se fechar tudo? Ninguém aguenta mais isso. Lamentamos as mortes, repito, mas tem que ter uma solução. Tudo tem que ter um responsável.

Depois, negou que privilegie a economia em detrimento da saúde e afirmou que a economia é importante inclusive para compras vacinas:

— Lamento as mortes, repito. Antes que comecem a falar por aí, essa imprensa, que eu estou ignorando mortes e pensando em economia. Por que vocês não ouvem falar de vacina em países da África? Ou em alguns países aqui da América do Sul? Porque não tem dinheiro. Não tem economia, então não tem vacina. Se nós destruímos nossa economia, podem esquecer um monte de coisa.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/1004838-chega-de-frescura-de-mimimi-va-ou-chorando-ate-quando-diz-bolsonaro-sobre-pandemia-24909333>

Subgrupo F – O tema da desqualificação das vacinas e do processo de vacinação da população

Fonte f-1 22/10/2020 O Globo

Bolsonaro diz que governo não comprará Coronavac mesmo se vacina for aprovada pela Anvisa

BRASÍLIA — O presidente Jair Bolsonaro disse na noite de quarta-feira que a Coronavac, vacina desenvolvida pelo laboratório chinês Sinovac Biotech contra a COVID-19 e testada no Brasil pelo Instituto Butantan, não será adquirida pelo governo federal, mesmo se for autorizada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). A declaração foi dada à Jovem Pan. Bolsonaro alega que existe um “descrédito muito grande” em relação ao imunizante e sugeriu que não aceitará ser vacinado contra a doença.

— A da China nós não compraremos, é decisão minha. Eu não acredito que ela transmita segurança suficiente para a população [inaudível]. Esse é o pensamento nosso. Tenho certeza que outras vacinas que estão em estudo poderão ser comprovadas cientificamente, não sei quando, pode durar anos - disse. — A China, lamentavelmente, já existe um descrédito muito grande por parte da população, até porque, como muitos dizem, esse vírus teria nascido por lá. Na manhã de ontem, menos de 24 horas após o Ministério da Saúde anunciar que tem a intenção de adquirir 46 milhões de doses da Coronavac, vacina candidata contra a COVID-19 do laboratório chinês Sinovac Biotech testada no Brasil pelo Instituto Butantan, o presidente Jair Bolsonaro desautorizou o ministro Eduardo Pazuello e afirmou que o imunizante contra o novo coronavírus “não será comprado” pelo governo brasileiro. Na entrevista de ontem à noite, Bolsonaro afirmou que Pazuello se “precipitou” ao assinar o protocolo de intenções para adquirir

46 milhões de doses da Coronavac e que deveria ter sido avisado antes da decisão ser tomada. Apesar disso, fez elogios a Pazuello e disse que o ministro permanece no cargo.

— Eu sou militar, o Pazuello também o é, e nós sabemos que quando um chefe decide, o subordinado cumpre. Ele, no meu entender, houve uma certa precipitação em assinar esse protocolo. É uma decisão tão importante, e eu deveria ser informado — disse, acrescentando: — Conversei há pouco no zap com o Pazuello, sem problema nenhum, meu amigo de muito tempo, ele continuará ministro. E eu digo mais: ele é um dos melhores ministros da Saúde que o Brasil já teve nos últimos anos.

Ao falar sobre a necessidade da aprovação da Anvisa para que uma das vacinas seja distribuída no país, Bolsonaro defendeu que não se pode “brincar” com vidas humanas, “e muito menos querer fazer política”. O presidente ressaltou ainda que a vacina vai demorar e que existe uma “tentativa de se explorar politicamente” o calendário de vacinação contra o novo coronavírus. Segundo Bolsonaro, previsões de datas são “inoportunas”, “porque nós não temos um indício ainda de quando é que a última fase de uma possível vacina vai se provar como eficaz”.

— Eu não tomo a vacina, não interessa se tem uma ordem, seja de quem for, aqui no Brasil para tomar a vacina, eu não vou tomar a vacina — disse.

Citando o governador de São Paulo, João Doria (PSDB), que afirmou na sexta-feira passada que a vacina será obrigatória no estado, Bolsonaro afirmou que essa é uma decisão “ditatorial”. O presidente também disse que a decisão de obrigar ou não os brasileiros a tomarem a vacina é do Ministério da Saúde, e não dos estados, e que acredita que o Judiciário “não vai se manifestar nessa situação”.

— Eu acho que tudo tem um limite e tenho certeza que o Judiciário não vai se manifestar nessa situação. Até porque tenho conversado com muita gente em Brasília, não vou citar nomes, mas pertencem a poderes, obviamente, e dizem que não tomariam a vacina chinesa por não ter a devida confiança — comentou.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/bolsonaro-diz-que-governo-nao-comprara-coronavac-mesmo-se-vacina-for-aprovada-pela-anvisa-1-24705798>

Fonte f-2 26/10/2020 O Globo

Bolsonaro: ‘Não pode um juiz decidir se você pode ou não tomar vacina, isso não existe’

BRASÍLIA — O presidente Jair Bolsonaro afirmou nesta segunda-feira que não entende a “pressa” no desenvolvimento da vacina contra o novo coronavírus. Citando a hidroxicloroquina, Bolsonaro também questionou apoiadores se não seria mais fácil e barato “investir na cura do que na vacina”. A substância mencionada pelo presidente, no entanto, não tem eficácia contra a COVID-19 comprovada cientificamente. Bolsonaro afirmou que o governo não “quer atropelar” a discussão sobre a vacina e comprar um imunizante sem “comprovação” científica. Ele disse que espera a publicação dos resultados dos imunizantes desenvolvidos contra a COVID-19 serem publicados em uma revista científica, para tomar uma decisão.

— Hoje vou encontrar com o ministro Pazuello da Saúde para tratar desse assunto, porque temos uma jornada pela frente, onde parece que foi judicializada essa questão, e entendo que essa não é uma questão de Justiça, é uma questão de saúde acima de tudo, não pode um juiz decidir se você pode ou não tomar vacina, isso não existe — afirmou.

— O que nós queremos é buscar a solução para o caso. Agora, pelo que tudo indica, a vacina que menos demorou até hoje foram quatro anos, eu não sei por que correr em cima dessa — disse, acrescentando:

— Eu dou minha opinião pessoal: não é mais fácil e barato investir na cura do que na vacina? Ou jogar nas duas, mas também não esquecer da cura? Eu, por exemplo, sou uma testemunha [da cura]. Eu tomei a hidroxicloroquina, outros tomaram a ivermectina, outros tomaram Annita e deu certo — afirmou, no Palácio da Alvorada.

Segundo dados do consórcio de veículos de imprensa, o Brasil tem 157.168 mortes por coronavírus confirmadas até as 8h desta segunda-feira, além de 5.393.759 infectados pela doença. O presidente tem se posicionado de forma contrária à obrigatoriedade da vacina contra o novo coronavírus, principalmente após o governador de São Paulo, João Doria (PSDB), anunciar que a imunização será obrigatória no estado.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/bolsonaro-nao-pode-um-juiz-decidir-se-voce-pode-ou-nao-tomar-vacina-isso-nao-existe-24712382>

ANEXO B – Fontes jornalísticas da Tabela 2 analisadas na pesquisa

Subgrupo A – Ditos de Bolsonaro sobre costumes e opressões

Fonte 1 **17/05/2021** **Jornal Extra**

‘Sou imorrível, imbrochável e também sou incomível’, diz Bolsonaro

BRASÍLIA — O presidente Jair Bolsonaro afirmou nesta segunda-feira que é “imorrível” e “incomível”, além de “imbrochável”, termo que já utilizou outras vezes. A declaração foi feita em conversa com apoiadores no Palácio da Alvorada, após uma pessoa perguntar como estava o estado de saúde de Bolsonaro.

— Fica tranquilo. Olha, já falei que sou imorrível, já falei que sou imbrochável e também sou incomível — disse Bolsonaro.

O presidente costuma repetir desde o primeiro ano de governo que é “imbrochável”. Ele usou o termo, por exemplo, durante manifestação de apoiadores do seu governo em Brasília no sábado.

— Não foi, não está sendo e sei que não será fácil. Mas o que esses caras não entendem é que eu sou imbrochável — disse Bolsonaro, ao discursar no protesto.

Fonte: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/sou-imorriavel-imbrochavel-tambem-sou-incomivel-diz-bolsonaro-25021461.html>

Fonte 2 **28/10/2021** **Portal UOL**

Bolsonaro: Beneficiários do Bolsa Família ‘não sabem fazer quase nada’

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) disse ontem que os beneficiários do programa social Bolsa Família “não sabem fazer quase nada”. A declaração do chefe do Executivo foi dada em uma entrevista ao apresentador bolsonarista Sikêra Jr., no programa Alerta Nacional, da TV A Crítica.

“Não tem como tirar o Bolsa Família do pessoal, como alguns querem. São 17 milhões de pessoas que não têm como ir mais para o mercado de trabalho. Com todo o respeito, não sabem fazer quase nada. O que a juventude aprendeu com quase 14 anos de PT? Tendo o ministro [Fernando] Haddad lá na educação”.

O atual mandatário comentou uma imagem que circulou na internet de pessoas pegando restos de ossos para se alimentarem e afirmou que é criticado por querer aumentar o Bolsa Família.

“Você viu há poucos dias aí a fotografia de um pessoal pegando osso em um caminhão. Bateram em mim: ‘olha o povo com fome’. Daí eu falo que vou dobrar o Bolsa Família — que está em R\$ 192 em média para R\$ 400 — [e dizem] ‘olha, ele é irresponsável’”, começou. E continuou: “Se eu fico quieto, eu estou matando o povo; se quero aumentar — que tem como aumentar — dependendo de o Parlamento votar a questão do tal dos precatórios, que já passou em comissão especial da Câmara. Eu acho que na Câmara não vamos ter problemas, não sei no Senado — a gente dá um paliativo”.

A PEC (Proposta de Emenda à Constituição) dos Precatórios deve ser votada ainda hoje após seu adiamento na noite de ontem pela segunda vez. A proposta, que pode viabilizar o pagamento de R\$ 400 do Auxílio Brasil — conhecido como o novo Bolsa Família —, precisa de 308 votos para passar na Câmara, em dois turnos. Anteontem, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), já tinha desistido de levar a PEC à votação por não ter garantias de aprovação.

Bolsonaro ainda voltou a criticar as medidas de isolamento social contra a disseminação do novo coronavírus realizada pelos estados. Para o presidente, as ações “tiraram o direito de trabalhar” e de “ir e vir” e hoje a população está “pagando o preço”.

“Esse pessoal [que decretou medidas de isolamento] levou a miséria ao nosso povo. Estamos pagando um preço caro agora. ‘A Economia a gente vê depois’. E tem gente que critica a mim. Pera aí, eu não fechei um botequim sequer”, declarou, sem comentar as mais de 606.726 mortes pela doença no território nacional.

Bolsonaro e apoiadores têm apontado o isolamento social — chamado por eles genericamente de “lockdown” ou “fique em casa” — como o grande culpado pela crise econômica dentro e fora do Brasil, principalmente no que diz respeito à inflação. No entanto, segundo economistas ouvidos pelo UOL Confere, o isolamento não é a causa da alta nos preços, e ajudaria a acelerar a recuperação da economia se tivesse sido bem feito.

“O lockdown não tem culpa nenhuma. Era o melhor do mau negócio. Se não fosse isso, a situação seria muito pior. O isolamento social feito de forma adequada evita que a economia fique paralisada por muitos meses”, afirma o economista André Braz, coordenador do IPC (Índice de Preços do Consumidor) do FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas).

A pandemia afetou a economia em todo o planeta, mas o Brasil tem o terceiro pior quadro de inflação entre as 20 maiores economias do mundo, atrás apenas de Argentina e Turquia. Em setembro, o país ultrapassou 10% de inflação em 12 meses.

Fonte: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/10/28/bolsonaro-beneficiarios-bolsa-familia.htm>

Fonte 3 15/07/2022 Portal UOL

Bolsonaro contraria constituição e diz que ‘minorias têm que se adequar’

O presidente Jair Bolsonaro (PL) tentou hoje se defender de críticas de homofobia e transfobia relacionadas a uma de suas declarações recentes. Ontem (14), em Imperatriz (MA), o governante afirmou que ele e seus apoiadores querem que “o Joãozinho seja Joãozinho a vida toda”. Nesta sexta, durante viagem a Juiz de Fora (MG), o pré-candidato à reeleição contrariou o que garante a Constituição e disse que “as minorias têm que se adequar”.

— Outro dia eu falei... A mãe quer que o Joãozinho continue sendo Joãozinho. Ah, declaração homofóbica... Meu Deus do céu. Porra... Onde nós iremos? Cedendo para as minorias... As leis existem, no meu entender, para proteger as majorias. As minorias têm que se adequar.

Nos regimes democráticos, devem ser respeitados os direitos das minorias — sejam de opinião ou de identidade. A Constituição Brasileira, de 1988, proíbe qualquer tipo discriminação — seja pela raça, etnia, religião ou sexo —, garantindo o direito de ser diferente sem sofrer violação de seus direitos de cidadania.

Independentemente do âmbito (municipal, estadual ou federal), a lei visa atender ao bem-estar e às necessidades da sociedade como um todo, o que inclui os chamados grupos minoritários.

A declaração de Bolsonaro ocorreu hoje em um culto evangélico da igreja Assembleia de Deus em Juiz de Fora — cidade que foi palco do atentado a faca sofrido pelo então candidato a presidente na corrida eleitoral de 2018.

Cercado por pastores, fiéis e apoiadores do governo, Bolsonaro se mostrou confortável para discursar por mais de uma hora, aparentemente sem um roteiro predefinido. O governante abordou diversos temas, entre os quais economia, pandemia da covid-19, críticas ao adversário na eleição — o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) — e considerações sobre a retorno da esquerda ao poder nos países sul-americanos.

Bolsonaro buscou dar ênfase à chamada pauta de costumes, permeada por assuntos que interessam diretamente aos evangélicos, como o direito ao aborto, a possível descriminalização das drogas, entre outros.

Em um dos trechos do discurso, o pré-candidato à reeleição usou como gancho o posicionamento da cantora Anitta — que tem feito críticas ao chefe do Executivo federal e declarou voto em Lula.

“Teve uma cantora esses dias que falou um montão de abobrinha... Vou tatuar isso e não-sei-o-que-lá, vou fazer aquilo... Falou de uma pessoa [Lula], estou dando maior apoio para você... Libera aí a maconha. E a garotada segue essas pessoas”.

Após a participação no culto evangélico, Bolsonaro se dirigiu ao Hospital Santa Casa de Misericórdia. No local, em setembro de 2018, ele recebeu o atendimento de emergência depois do atentado a faca ocorrido durante atividade de campanha, no centro de Juiz de Fora.

“Depois de quase quatro anos, eu retorno a Juiz de Fora. Os médicos diziam que a cada cem pessoas que levam facada, uma tinha chance de sobreviver. Alguns acham que é sorte, eu acho que é outra coisa. É a mão de Deus. Eu tenho certeza”, comentou.

Fonte: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/15/bolsonaro-defende-falas-transfobicas-minorias-tem-que-se-adequar.htm>

Fonte 4 07/09/2022 Portal G1 **Bolsonaro faz discurso de campanha na comemoração do 7 de setembro**

O presidente Jair Bolsonaro, candidato à reeleição, fez um discurso de campanha nesta quarta-feira (7), durante comemoração do Bicentenário da Independência, em Brasília.

No início da manhã, ele assistiu ao desfile militar, na Esplanada dos Ministérios, em homenagem à data. Depois, quando o desfile acabou, ele discursou em um trio elétrico em uma manifestação organizada por seus apoiadores, na outra faixa da Esplanada.

Ao lado da primeira-dama, Michelle Bolsonaro, do candidato a vice, Braga Netto, e de empresários aliados, Bolsonaro mencionou diretamente o dia da eleição, 2 de outubro. Pediu para seus apoiadores votarem e mudarem a opinião de quem tem preferências diferentes.

“A vontade do povo se fará presente no próximo dia 2 de outubro. Vamos todos votar, vamos convencer aqueles que pensam diferente de nós, vamos convencê-los do que é melhor para o nosso Brasil”, disse o presidente.

Em outro momento de sua fala, Bolsonaro afirmou que o país trava uma luta do “bem contra o mal”. Ele costuma usar essa expressão para se referir ao embate com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, seu rival na eleição e líder nas pesquisas de intenção de voto.

“Sabemos que temos pela frente uma luta do bem contra o mal, um mal que perdurou por 14 anos em nosso país, que quase quebrou a nossa pátria e que agora deseja voltar à cena do crime. Não voltarão. O povo está do nosso lado. O povo está do lado do bem. O povo sabe o que quer”, disse.

No 7 de Setembro do ano passado, Bolsonaro fez ataques diretos contra as instituições, a democracia e ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). No discurso desta quarta, em Brasília, sem se referir a nenhum caso específico, ele afirmou que, caso reeleito, levará para “dentro” das quatro linhas da Constituição “todos aqueles que ousam ficar fora delas”.

“Podem ter certeza, é obrigação de todos jogarem dentro das quatro linhas da nossa Constituição. Com uma reeleição, nós traremos para dentro dessas quatro linhas todos aqueles que ousam ficar fora delas”, declarou.

Bolsonaro afirmou que atualmente “todos sabem” o que é o governo federal, o Congresso e o Supremo Tribunal Federal (STF). Os apoiadores do presidente vaiaram quando o ouviram falar em STF.

Este ano, ao contrário de outros desfiles da Independência, os chefes dos poderes Legislativo e Judiciário não compareceram ao evento.

A manifestação, no auge, ocupou grande parte das seis faixas de uma das vias da Esplanada – em extensão –, e parte do canteiro central. O ato começou por volta de 9h. O público começou a se dispersar por volta de 11h30, após a fala de Bolsonaro.

Faixas e cartazes com dizeres antidemocráticos: A manifestação de seus apoiadores, na qual Bolsonaro discursou, tinha faixas e cartazes com dizeres antidemocráticos e com reivindicações que contrariam a Constituição Federal. Algumas das faixas pediam, por exemplo, a intervenção militar no governo e a ruptura democrática.

Mulheres: O presidente, que tenta ganhar apoio do eleitorado feminino, mas tem sido criticado por ataques a mulheres em suas falas, discursou ao lado da primeira-dama, Michelle Bolsonaro. Ao pedir para que os apoiadores o ajudem a mudar a escolha de quem deseja votar em outros candidatos, Bolsonaro sugeriu comparar as primeiras-damas.

“Podemos fazer várias comparações, até entre as primeiras-damas. Não há o que discutir. Uma mulher de Deus, família e ativa na minha família. Não é ao meu lado, não. Muitas vezes ela está na minha frente”, declarou.

O presidente ainda incentivou homens solteiros a procurarem “uma princesa” para se casar.

“Eu tenho falado para os homens solteiros, para os solteiros que estão cansados de serem felizes. Procurem uma mulher, uma princesa, se casem com ela para serem mais felizes ainda”, acrescentou Bolsonaro, que beijou Michelle em seguida.

Fonte: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/09/07/bolsonaro-faz-discurso-de-campanha-na-comemoracao-do-7-de-setembro.ghtml>

Fonte 5 13/09/2022 Estadão

Bolsonaro critica demarcação de terras indígenas: ‘É o fim da nossa economia’

SOROCABA – O presidente Jair Bolsonaro (PL) disse nesta terça-feira, 13, em Sorocaba, interior de São Paulo, que demarcar novas terras indígenas no Brasil será o fim da economia do país. “O pessoal tem que ver o que os candidatos pretendem fazer e falam de forma bastante clara. Dobrar a área indígena que está demarcada no Brasil é o fim da nossa economia, é o fim da nossa segurança alimentar”, disse. Candidato à reeleição, o presidente, que em seu governo paralisou a demarcação de terras indígenas, abordou o assunto um dia depois que Marina Silva (Rede-SP) anunciou apoio ao candidato do PT à Presidência da República, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A ex-ministra do Meio Ambiente de Lula, que se desligou do PT, entregou à campanha do petista um elenco de reivindicações, entre elas a retomada e conclusão da demarcação de terras indígenas e territórios quilombolas em todo o país. Bolsonaro lembrou o cenário internacional, com a guerra entre Rússia e Ucrânia, para defender o agronegócio brasileiro, segmento que mais o apoia, e que é refratário à demarcação de terras indígenas. “Compare o Brasil com o mundo. A Europa está com o fantasma do desabastecimento. Está chegando o inverno e se a questão do conflito da Rússia e Ucrânia não for resolvida, a Europa vai passar fome”, disse.

Ele afirmou que o Brasil é uma potência em alimentos e energia. “Fizemos o melhor governo possível. O Brasil cresceu mesmo com os problemas que tinha pela frente”, disse, repetindo que, mesmo com a pandemia, o país não parou. “O mundo todo teve sua economia desajustada.

O Brasil é uma exceção nesse quadro mundial. O Brasil é uma potência em alimentos e energia.”

O presidente desembarcou no aeroporto de Sorocaba acompanhado pelo candidato a governador, ex-ministro Tarcísio de Freitas (Republicanos), e pelo candidato ao Senado, Marcos Pontes (PL), que também compôs seu ministério. À frente de uma motociata, na companhia do prefeito Rodrigo Manga (Republicanos), ele percorreu as principais ruas da cidade, escoltado pela Polícia Militar, passando por vários bairros. Manga, que não é candidato nesta eleição, usou as redes sociais para convocar a população para o comício e discursou no palanque.

Na praça central da cidade, saudado pelos apoiadores, Bolsonaro ocupou o palco montado nas escadarias da Catedral católica e voltou a citar um Brasil sem problemas e crente em Deus, discurso ao gosto de seu eleitorado mais fiel. “Inflação em baixa, PIB em alta, desemprego em baixa, violência em baixa. Todos os números são positivos em nosso governo. Temos um governo hoje em que o presidente acredita em Deus, defende a vida desde a sua concepção, não quer conversa com o aborto e não aceita liberar drogas, não quer ideologia nas escolas e defende a propriedade privada.”

Como em outros discursos, Bolsonaro lembrou a fachada e sua sobrevivência para “cumprir a missão que Ele me deu”, atacando Lula, seu principal adversário. “Temos um mal pela frente, um capeta que quer impor o comunismo no Brasil, uma pessoa que foi liderança mundial em corrupção, que nada deixou de bom para o país, lá atrás um ex-presidente que nunca respeitou a família brasileira.” Depois lembrou que Lula é amigo do ditador Daniel Ortega, da Nicarágua, que “está prendendo padres, fechando rádios e televisões católicas e expulsando freiras”.

Bolsonaro encerrou o discurso afirmando sua certeza de “vencer no primeiro turno”. Pesquisa divulgada nesta segunda-feira, 12, mostrou que sua candidatura está estagnada em 31%, enquanto Lula avançou dois pontos percentuais, para 46%, dentro da margem de erro. “Nós não sairemos do Brasil, quem tem que sair do Brasil é quem não quer a liberdade do seu povo”, disse. Nesta quarta-feira, 14, de manhã, Bolsonaro repete a agenda em Presidente Prudente, com motociata a partir do aeroporto e comício no Parque do Povo.

Fonte: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-critica-demarcacao-de-terras-indigenas-e-o-fim-da-nossa-economia>

Fonte 6 28/10/2022 Portal UOL **‘Pintou um clima com meninas’ gera pedido de impeachment contra Bolsonaro**

Uma fala do presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro (PL) em entrevista a um podcast nesta sexta-feira (14) gerou repercussão nas redes sociais. Na declaração, Bolsonaro conta que estava de moto andando em uma região administrativa do Distrito Federal e encontrou meninas venezuelanas:

“Eu estava em Brasília, na comunidade de São Sebastião, se eu não me engano, em um sábado de moto [...] parei a moto em uma esquina, tirei o capacete, e olhei umas menininhas... Três, quatro, bonitas, de 14, 15 anos, arrumadinhas, num sábado, em uma comunidade, e vi que eram meio parecidas. Pintou um clima, voltei. ‘Posso entrar na sua casa?’ Entrei. Tinha umas 15, 20 meninas, sábado de manhã, se arrumando, todas venezuelanas. E eu pergunto: meninas bonitinhas de 14, 15 anos, se arrumando no sábado para quê? Ganhar a vida”, afirmou.

A entrevista foi dada nesta sexta-feira (14) a influenciadores de torcidas de futebol. O trecho com a fala gerou repercussão neste sábado (15). No momento da declaração, Bolsonaro falava sobre a situação da Venezuela e a vinda de venezuelanos para o Brasil.

Na madrugada deste domingo (16), Bolsonaro fez uma live em suas redes sociais para se defender. Ele disse que as declarações sobre o encontro com as meninas foram deturpadas.

‘Live’ de 2021: Bolsonaro postou em suas redes sociais um vídeo com a transmissão ao vivo que, segundo ele, refere-se à visita feita na casa em que estavam as venezuelanas.

Trechos da “live” foram compartilhados por Bolsonaro e pelo filho Carlos no Twitter neste domingo (16). Embora o vídeo seja de 10 de abril de 2021, o presidente afirma na postagem que é de 2020.

Ao longo dos 22 minutos da transmissão da visita, Bolsonaro não falou em prostituição. O presidente criticou o isolamento social decorrente da pandemia, perguntou sobre as condições de vida e também atacou governadores e a ditadura venezuelana.

Repercussão: O senador Randolfe Rodrigues (REDE-AP), líder da oposição no Senado Federal, disse sentir “nojo” e “revolta” e afirmou que ficou “mais chocado com o que ele [Bolsonaro] é e o que representa”.

“NOJO, REVOLTA! O que Bolsonaro disse nessa entrevista, com tanta naturalidade, me deixou ainda mais chocado com o que ele é e o que representa! Ele disse que ‘PINTOU UM CLIMA’ entre ele e meninas de 14/15 anos. E ainda pediu para entrar na casa delas!”, afirmou Randolfe.

A cantora Daniela Mercury classificou a situação como “absurda” e questionou sobre o que o presidente Jair Bolsonaro quis dizer com a expressão “pintou um clima”.

“Essa situação é absurda. Como assim? Pintou um clima? O que isso significa? É preciso investigar imediatamente tudo que aconteceu dentro daquela casa. Ele é presidente da república e tinha a obrigação de defender as adolescentes contra qualquer tipo de exploração, ou crime”, afirmou Mercury.

Rosângela Silva, conhecida como Janja, esposa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que disputa a presidência com Bolsonaro nas eleições deste ano, afirmou que que “ouvir o ‘presidente’ falando que ‘pintou um clima’ com meninas de 14 anos” causa “revolta e indignação”.

“Trabalhei durante anos no Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes na Tríplice Fronteira e ouvir o “Presidente” falando que “pintou um clima” com meninas de 14 anos me causa tanta revolta e indignação que nem consigo descrever aqui”, afirmou Janja.

A deputada federal pelo Distrito Federal Erika Kokay (PT) disse que é “muito grave” a afirmação de Bolsonaro. A parlamentar questionou a razão pela qual o presidente teria entrado na residência das meninas.

“É muito grave afirmação de Bolsonaro de que ‘pintou um clima’ com meninas de 14 anos, venezuelanas, em São Sebastião-DF. Pior, que ele teria entrado na casa onde estavam. Para fazer o quê? E ainda tem gente que elege um sujeito desse como representante da ‘família’?”, disse Kokay.

O deputado federal eleito Guilherme Boulos (PSOL-SP) disse que o presidente é “asqueroso e perverso” e questionou “esse é o candidato que diz defender a moral e a família?”

Talíria Petrone (PSOL), deputada federal pelo Rio de Janeiro, disse que “assim como Damares [ex-ministra], Bolsonaro faz apologia a crimes sexuais contra crianças e adolescentes. Ele precisa ser investigado”.

O filho de Bolsonaro, o vereador Carlos Bolsonaro, publicou em suas redes sociais que “estava neste dia” e que o presidente saiu para “ouvir as necessidades do povo”.

“Estava nesse dia! Inacreditável o caráter desses da esquerda nojenta. O Presidente sai às ruas para ouvir as necessidades do povo enquanto o pessoal do ‘fique em casa’ o fuzilava, faz uma live mostrando a realidade sofrida do povo e mesmo assim há quem insista na fakenews boçal!”, afirmou.

O senador Flávio Bolsonaro, filho do presidente, afirmou, em suas redes sociais, que Bolsonaro “sempre foi um ferrenho combatente da pedofilia”.

“Completamente abominável a mais nova mentira da esquerda! Pegou uma fala mal colocada do presidente para lhe imputar uma *fake news* nojenta! Um pai com uma filha e duas netas! Bolsonaro sempre foi um ferrenho combatente da pedofilia”, escreveu o senador.

Outros temas: Durante a entrevista, Bolsonaro também fez afirmações infundadas sobre o impacto da Covid-19 em crianças.

“A molecada não sofre com vírus. Você não viu moleque morrendo de vírus por aí. O que aconteceu: o moleque teve traumatismo craniano, caiu de bicicleta. Botavam em um leito UTI Covid, porque ele recebia por dia meu R\$ 2 mil. Botou lá, se o cara morreu de traumatismo, tinha que botar Covid.”

No entanto, segundo Observatório de Saúde na Infância (Observa Infância) da Fiocruz a partir do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), a Covid-19 matou 539 crianças de 6 meses até 3 anos entre 2020 e 2021.

Durante a gravação, o candidato do PL à reeleição disse também que entregou “uma parte do poder” ao conjunto de partidos de centro e centro-direita, conhecido como Centrão.

“Centrão veio para nosso lado e você não tem notícia de eu ter entregue diretorias, bancos estatais para eles. Uma parte do poder entreguei, segundo escalão, entregamos e botamos pessoas para vigiar”, afirmou.

Fonte: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/15/pintou-um-clima-fala-de-bolsonaro-sobre-meninas-venezuelanas-repercute-e-gera-criticas-nas-redes.ghtml>

Subgrupo B – Ditos de Bolsonaro sobre política e regime

Fonte 7 18/07/2020 O Globo

Bolsonaro critica projeto contra fake news: ‘não vai poder mais se manifestar sobre nada’

BRASÍLIA — O presidente Jair Bolsonaro criticou neste sábado o projeto que visa a coibir a produção e a disseminação de *fake news*, aprovado no Senado e em discussão na Câmara. Ele afirmou que o texto coloca limite na liberdade de expressão.

— O Congresso está discutindo, já passou no Senado e está na Câmara, o que seria a lei das *fake news*. Eu acho que é mais uma maneira de botar limites na liberdade de expressão. Não tem que ter limites, no meu entender — disse, em transmissão ao vivo nas suas redes sociais.

O texto aprovado pelo Senado exige a rastreabilidade de mensagens enviadas por aplicativos a mais de mil usuários, identificação de conteúdos impulsionados e sanções às plataformas que descumprirem a lei. A proposta foi chamada de Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet.

Bolsonaro disse que já há previsão em lei para quem se sente ofendido na internet.

— Se alguém se ver prejudicado, entra na Justiça. Está previsto calúnia, difamação, injúria. Não tem que inventar mais nada, porque nunca vai saber qual o limite — afirmou. — Vai virar um terreno onde vai perder a liberdade, não vai poder mais se manifestar sobre nada. Essa liberdade de expressão, essas mídias sociais, que me botaram aqui na Presidência — acrescentou o presidente. Bolsonaro já havia afirmado que poderia vetar o projeto.

Fonte: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-critica-projeto-contra-fake-news-nao-vai-poder-mais-se-manifestar-sobre-nada-1-24539880>

Fonte 8 20/02/2021 O Globo

‘Se tudo depender de mim, não seria este regime’, diz Bolsonaro

BRASÍLIA - O presidente Jair Bolsonaro disse neste sábado que “se tudo dependesse” dele, o país não viveria o regime que vive hoje. Em seguida, afirmou que, “apesar de tudo”, representa a democracia no Brasil. A declaração foi dada durante cerimônia de entrada de novos alunos da escola preparatória de cadetes do Exército, em Campinas (SP).

— Alguns acham que eu posso fazer tudo. Se tudo tivesse que depender de mim, não seria este o regime que nós estaríamos vivendo. E, apesar de tudo, eu represento a democracia no Brasil. Nunca a imprensa teve um tratamento tão leal e cortês como o meu. Se é que alguns acham que não é desta maneira é porque não estão acostumados a ouvir a verdade — afirmou.

Ele acrescentou, em seguida, que o Brasil é um país livre e afirmou que defenderá a Constituição:

— Nós vivemos em um país livre, esta liberdade vale mais que a própria vida para cada um de nós. Tenho certeza que, junto às Forças Armadas e as demais instituições do governo, tudo faremos para cumprir a nossa Constituição para fazer com que a nossa democracia funcione e a nossa liberdade esteja acima de tudo.

A fala se soma a outras em que o presidente comparou a democracia à ditadura, inclusive em referência ao golpe militar de 1964.

Em janeiro deste ano, Bolsonaro afirmou que quem decide se um povo vive sob uma democracia ou uma ditadura são as Forças Armadas do país. Ele disse que o Brasil ainda tem liberdade, mas que “tudo pode mudar” se a população não reconhecer o valor dos militares.

Na ocasião, ele fez a declaração quando comentava sobre o fornecimento de oxigênio da Venezuela para Manaus e apontou que trata-se de uma oferta da empresa multinacional brasileira White Martins, também presente no país vizinho. Ele então criticou o presidente venezuelano, Nicolás Maduro.

— Agora, se o Maduro quiser fornecer oxigênio para nós, vamos receber, sem problema nenhum. Agora, ele poderia dar auxílio emergencial para o seu povo também, né? O salário-mínimo lá não compra meio quilo de arroz. Não tem mais cachorro lá, por que será? Alguma peste? Comeram os cachorros todos. Comeram os gatos todos. E vem uns idiotas, eu vejo aí, elogiando 'olha o Maduro, que coração grande ele tem'. Realmente, daquele tamanho, 200 quilos, dois metros de altura, o coração dele deve ser muito grande. Nada mais além disso — afirmou.

Fonte: <https://oglobo.globo.com/brasil/se-tudo-depender-de-mim-nao-seria-este-regime-diz-bolsonaro-24891463>

Fonte 9 04/09/2021 Portal UOL **Em motociata, Bolsonaro ataca Supremo e diz que ruptura é alternativa**

Depois de um passeio de moto pelo agreste pernambucano, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) fez hoje um novo aceno golpista ao atacar o STF (Supremo Tribunal Federal) e afirmar que, caso ministros da Corte não sejam “enquadrados” pela população, há possibilidade real de ruptura institucional.

“[...] Ruptura essa que eu não quero e nem desejo. E tenho certeza nem o povo brasileiro assim o quer. Mas a responsabilidade cabe a cada poder. Apelo a esse poder que reveja a ação dessa pessoa que está prejudicando o destino do Brasil”, disse Bolsonaro em discurso na cidade de Caruaru, em Pernambuco.

Caruaru foi o destino final de uma “motociata” — termo cunhado pelos apoiadores do presidente em referência aos passeios de moto que ele tem feito pelo país. O evento começou em Santa Cruz do Capibaribe, também no agreste pernambucano, e passou pela cidade vizinha de Toritama. Houve diversos focos de aglomeração durante o trajeto.

Bolsonaro disse a apoiadores que, dentro do Supremo, há “um ou dois ministros” que estariam “prejudicando o destino do nosso Brasil”. Ele se refere especificamente a Alexandre de Moraes e Luis Roberto Barroso (mas eles não foram citados nominalmente). Em movimento inédito na história da política brasileira, o chefe do Executivo federal tem tentado articular junto ao Senado para que sejam abertos pedidos de impeachment contra os integrantes da Corte.

“Temos um ou outro saindo da normalidade. Temos um ou dois jogando fora das quatro linhas da Constituição. Nós jogamos dentro das quatro linhas. Mas o povo, como poder moderador, não pode admitir que nenhum de nós jogue fora dessas quatro linhas.”

Novamente com um discurso incongruente, que acena para um possível golpe, enquanto ao mesmo tempo indica a independência de cada Poder, o presidente citou sem apresentar provas, na visão dele, que o Supremo abusa do poder. “Não podemos admitir que um ou dois homens ameacem a nossa democracia ou a nossa liberdade”.

Bolsonaro alegou que, caso um de seus ministros tenha “um comportamento fora da Constituição”, o mesmo é repreendido por ele e, na hipótese de reincidência, demitido. Na visão do presidente, o mesmo deveria ocorrer no STF.

“O STF não pode ser diferente do Poder Executivo ou Legislativo. Se tem alguém que ousa continuar agindo fora das quatro linhas da Constituição, o poder tem que chamar aquela pessoa e enquadrá-la. Se assim não ocorrer, qualquer um dos três Poderes... A tendência é acontecer uma ruptura”.

A fala de Bolsonaro, no entanto, não corresponde às reais circunstâncias do funcionamento da Corte, que garante independência a seus membros na tomada de decisões. Em caso de divergências, há uma série de caminhos estabelecidos pelo regime democrático, como recursos, apelações, embargos e mandados de segurança. Não há qualquer tipo de respaldo à tese de ruptura institucional.

Barroso e Moraes viraram alvos do presidente após a Câmara rejeitar a PEC do voto impresso, na maior derrota do governo até aqui, e apoiadores bolsonaristas serem investigados pela PF (Polícia Federal) por incitação de violência contra Instituições.

“Ultimato”: Bolsonaro aproveitou a passagem pelo Nordeste para, mais uma vez, convocar seus apoiadores aos atos marcados para a próxima terça-feira, feriado de 7 de setembro —que devem esquentar ainda mais o já conturbado cenário político.

Segundo o presidente, a agenda de manifestações a favor do governo no aniversário da Independência seriam um “ultimato” a dois ministros do STF (Supremo Tribunal Federal). A declaração, em tom ameaçador e golpista, foi dada ontem.

Na versão dele, se alguém “jogar fora” do que ele considera “as quatro linhas da Constituição”, o chefe do Executivo federal poderá fazer o mesmo.

O “ultimato”, porém, não depende da vontade do presidente ou de manifestações. A única forma de impeachment de ministros do STF é por meio de decisão do Senado. Recentemente, o governo teve um pedido de abertura de impeachment contra Alexandre de Moraes rejeitado pelo presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG).

Fonte: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/09/04/em-motociata-bolsonaro-ataca-supremo-e-diz-que-ruptura-e-alternativa.htm>

O presidente Jair Bolsonaro (PL) fez nesta terça-feira (1º) o primeiro pronunciamento após ter sido derrotado, no domingo (30), pelo adversário Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no segundo turno das eleições.

Bolsonaro passou quase dois dias inteiros sem se pronunciar, ao vivo ou nas redes sociais, após o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ter confirmado o resultado. Com 100% das urnas apuradas, Bolsonaro teve 49,1% dos votos válidos, e Lula, 50,9%.

Em um discurso de pouco mais de dois minutos, e sem responder perguntas de jornalistas, Bolsonaro disse que cumprirá a Constituição e agradeceu os votos que recebeu, mas não citou Lula.

Veja a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro:

Bolsonaro quebra silêncio e diz que continuará cumprindo a Constituição

"Quero começar agradecendo os 58 milhões de brasileiros que votaram em mim no último dia 30 de outubro. Os atuais movimentos populares são fruto de indignação e sentimento de injustiça de como se deu o processo eleitoral.

As manifestações pacíficas sempre serão bem-vindas, mas os nossos métodos não podem ser os da esquerda, que sempre prejudicaram a população, como invasão de propriedades, destruição de patrimônio e cerceamento do direito de ir e vir.

A direita surgiu de verdade em nosso país. Nossa robusta representação no Congresso mostra a força dos nossos valores: Deus, pátria, família e liberdade.

Formamos diversas lideranças pelo Brasil. Nossos sonhos seguem mais vivos do que nunca. Somos pela ordem e pelo progresso. Mesmo enfrentando todo o sistema, superamos uma pandemia e as consequências de uma guerra.

Sempre fui rotulado como antidemocrático e, ao contrário dos meus acusadores, sempre joguei dentro das quatro linhas da Constituição. Nunca falei em controlar ou censurar a mídia e as redes sociais.

Enquanto presidente da República e cidadão, continuarei cumprindo todos os mandamentos da nossa Constituição.

É uma honra ser o líder de milhões de brasileiros que, como eu, defendem a liberdade econômica, a liberdade religiosa, a liberdade de opinião, a honestidade e as cores verde-amarela da nossa bandeira.

Muito obrigado."

Fonte: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/11/01/veja-e-leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-dois-dias-apos-derrota-em-segundo-turno.ghtml>